

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

AS IMAGENS DE DAVI NA HISTORIOGRAFIA BÍBLICA

BELINDA APARECIDA PAULINO DA SILVA CÚRCIO

GOIÂNIA

2002

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

AS IMAGENS DE DAVI NA HISTORIOGRAFIA BÍBLICA

BELINDA APARECIDA PAULINO DA SILVA CÚRCIO

Orientador: Prof. Dr. Haroldo Reimer

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Ciências da Religião.

Goiânia

2002

AGRADECIMENTOS

A Deus que por intermédio de Jesus Cristo se fez carne e habitou entre nós, sendo ele mesmo a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda criação (Cl 1,15).

A todos os amigos e amigas que cooperaram para a realização deste trabalho.

Ao meu marido, Carlos, pelas orações e torcida. E a meus filhos, Lucas Manassés e Matheus Manassés, por terem suportado as mudanças que este trabalho impôs à nossa vida em família.

Minha especial gratidão à professora Laura Chaer pela prática de amor solidário.

Da mesma forma sou grata ao professor Haroldo Reimer, que me tomou pela mão, ajudou-me em todos os momentos, direcionou a minha dissertação oferecendo críticas construtivas do começo ao fim.

*Escutai-me e vinde a mim,
ouvi-me e haveis de viver.
Farei convosco uma aliança eterna,
assegurando-vos as graças prometidas a
Davi.
Com efeito, eu o pus como testemunha aos
povos...
Is 55, 3-4a*

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	10
I. ISRAEL: DO TRIBALISMO À MONARQUIA	33
1.1. Teorias que dão suporte para a emergência do Israel tribal	35
1.2. Os grupos participantes na formação de Israel	36
1.3. O tribalismo	39
1.4. O Estado Monárquico.....	42
1.4.1. Intentos monárquicos	42
1.4.2. Saul: primeiro rei de Israel.....	44
1.4.3. A monarquia de Davi.....	
II. DAVI NAS HISTORIOGRAFIAS BÍBLICAS.....	47
2.1. Historiografia e historiografia bíblica	49
2.2. Davi na Obra Historiográfica Deuteronomista	53
2.2.1. Obra Historiográfica Deuteronomista: datação e fontes	55

2.2.2. Davi na História da Ascensão (1Sm 16-2Sm 7)	60
2.2.3. Davi na História da Sucessão (2Sm 9-11Rs 2)	69
2.2.4. Conclusão	76
2.3. Obra Historiográfica Cronista	80
2.3.1. Discussão Teórica	83
2.3.2. Imagem de Davi na Obra Cronista	87
2.3.3. Conclusão	89
2.4. A imagem de Davi na Obra Historiográfica Deuteronomista e na Obra Historiográfica Cronista.....	94
III. DAVI E O TRANSLADO DA ARCA DA ALIANÇA	
(comparação 2 Sm 6, 1-11 e 1Cr 13, 1-14).....	102
3.1. Tradução e Crítica Textual	103
3.1.1. Tradução literal 2 Sm 6, 1-11	103
3.1.2. Tradução literal 1 Cr 13,1-14.....	105
3.1.3. Sinopse	106
3.2. Crítica Literária 2 Sm 6, 1-11 e 1 Cr 13, 1-14.....	109
3.3. Crítica Histórica	116
3.4. Análise Sociológica	119
3.5. Análise Teológica	122
CONCLUSÃO.....	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	142
ANEXOS	147

RESUMO

CÚRCIO, Belinda Aparecida Paulino da Silva. **As imagens de Davi na historiografia bíblica.** Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2002.

O objeto da presente pesquisa é apresentar as imagens de Davi nas historiografias bíblicas, buscando-se levantar o perfil de Davi revelado pela Obra Historiográfica Deuteronomista e pela Obra Historiográfica Cronista, bem como conhecer o que é peculiar a cada uma delas, os paradigmas que cada historiografia construiu em torno de sua pessoa e sua repercussão na história de Israel. A história desse personagem é muito discutida pelos estudiosos da Bíblia e a sua imagem é analisada e interpretada sob várias perspectivas. Na pesquisa, os resultados variam conforme o método de investigação, bem como o ponto de partida hermenêutico de cada pesquisadora e pesquisador. Foi através de acessos metodológicos distintos que cada um procurou chegar ao conhecimento e à explicação de determinados aspectos do comportamento e da imagem de Davi. A partir da comparação da imagem de Davi na Obra Historiográfica Deuteronomista e na Obra Historiográfica Cronista observa-se que existem formas diferentes de representação e atuação desse personagem. Procura-se também comparar os textos em 2Sm 6, 1-11 e 1Cr 13, 1-14, focalizando a relação e o significado de Davi e do traslado da arca nesses dois textos.

ABSTRACT

CÚRCIO, Belinda Aparecida Paulino da Silva. **The images of David in biblical historiography.** Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2002.

The purpose of this research is to present the images of David in biblical historiography to lift David's profile revealed by the historical works of Deuteronomy and of Chronicles, as well as to know what is unique in each one of them, and the models that historical account develops around his character and what effect David had on the history of Israel. The history of this character is well debated by theologians and its image is analysed and interpreted under various perspectives. In a research the results vary according to the investigative method, as well as the hermeneutic starting point of each researcher. It was through distinct methodological approaches that each historical account searched to arrive at the knowledge and the explanation to some aspects of the behavior and the image of David. In analyzing the comparison of the image of David on the historical accounts of both Deuteronomy and the Chronicles it was observed that exists different forms of representation and performance of this character. It was also searched for comparison the biblical texts in 2 Sm 6, 1-11 e 1 Cr 13, 1-14 focalizing the relation and the meaning of David on the movement of the ark in these two texts.

INTRODUÇÃO

Davi – “um homem segundo o coração de Deus”

Na Bíblia, Davi é descrito como “um homem segundo o coração de Deus” (At 13,22). As narrativas sobre a vida de Davi trazem uma variedade de informações, em que foram reunidas profundas diferenças em uma mesma pessoa. No que tange aos acontecimentos públicos e privados, o conteúdo dos livros (1Sm 16,14-2Sm5,12) que narram sobre Davi revelam um homem que não foi perfeito em todos os seus atos; foi vulnerável, mas possuía uma grandeza de alma no arrependimento, no amor e na confiança plena em Deus (2Sm 12,15-25). Alguns salmos são atribuídos a Davi e podem até indicar o momento de sua vida em que foram compostos (3,7,18,34). Davi era conhecido por ser poeta e músico (1Sm 16,23). Esses salmos abarcam todo o tipo de emoção humana; são expressivos e manifestam alegria e profundidade de fé.

Davi é o elemento propulsor desta dissertação e, como estudante, passei a adquirir informações, que, sem dúvida, levaram-me a compreender melhor a Bíblia e o objeto de meu estudo. No entanto, quanto mais lia sobre como o Antigo Testamento surgiu e foi escrito, tanto mais inquieta me sentia, pois percebia os limites da minha compreensão dos livros bíblicos, seus conteúdos e seu processo de surgimento e canonização. A minha compreensão poderia ser expressa com as palavras de um pesquisador:

Os muitos e diferentes relatos bíblicos possuem não somente arte e beleza em suas formas, mas essencialmente, são, acima de tudo, significativos e verdadeiros. Eles contêm a palavra de Deus, não somente para um determinado tempo da história humana. Na verdade, elas são palavras eternas e, como tal, impossíveis de entendê-las plenamente. Por isso, o povo de Deus ouviu e transmitiu tais histórias (Siqueira, 1996, p.8).

Sabemos que os fatos acontecidos foram primeiramente transmitidos oralmente, e espalhados por diferentes grupos em diversos lugares. O processo de transmissão escrita dos livros bíblicos e dos textos da Bíblia foi bastante lento, tendo levado aproximadamente mil anos para ser escrito. Não são relatos puramente históricos; a sua finalidade principal é teológica. Há todo um processo no desenvolvimento da literatura bíblica. Sobre a primeira produção literária em Israel, Jorge Pixley afirma:

Os primeiros documentos israelitas que se podem reconstruir provêm desta época monárquica. Tudo o que há de mais antigo são poesias incrustadas em obras posteriores (os oráculos de Balaão, o cântico de Débora, etc). Durante esta época surgem os primeiros produtos da literatura de Israel, provavelmente sob o influxo da corte de Salomão... (Pixley, 1991, p.35).

Foi então que percebi que, antes de considerar Davi apenas numa perspectiva teológica, é preciso considerá-lo sob a ótica histórica e sociológica. Caso contrário, como pesquisadora, a visão sobre as Imagens de Davi na Obra Histórica Deuteronomista e na Obra Histórica Cronista poderia ser enormemente parcial. “Nenhuma história é neutra. Todo fato precisa ser verbalizado. E toda verbalização é uma interpretação. Não existe história que não seja interpretada e narrada” (Lamadrid, 1999, p.11).

É importante estudar a vida de Davi por três motivos. Primeiro ele está presente de modo marcante na literatura bíblica. Sua presença pode ser vislumbrada na Obra Histórica Deuteronomista (à exceção dos livros de Josué e Juízes), na História Cronista, nos Salmos, Profetas e também no Novo Testamento.

Segundo: é provável que este fascínio por Davi deve-se ao fato de ser ele apresentado como uma figura valente e corajosa, que sai do anonimato e sobe ao mais elevado posto de sua nação, o reinado. É por esta razão que a figura de um Davi religioso, como homem e como rei, possui importância e prestígio e merece um tratamento extensivo e separado. Mesmo porque a religião está presente em sociedades primitivas com manifestações históricas que influenciam até o presente. Na outra extremidade da sua vida pessoal, Davi é um homem com fraquezas, rude guerreiro (1Sm 25,2-113) e omissos com os filhos (2Sm 13,7).

Um terceiro motivo importante para pesquisar Davi é sua inserção numa análise sociológica. Conforme Berger (1985, p.15), a pessoa humana não pode existir independente da sociedade. A sociedade é um produto do ser humano e vice-versa. As ações de Davi refletiram sobre a história da sociedade da época. “Na história posterior de Israel, Davi é considerado como o rei ideal. Na estima da nação,

era dado a Davi um lugar de primazia, só superado pelo próprio Moisés” (Unger, 1998, p.103).

Davi foi um político que mudou profundamente o perfil da nação hebraica. Ele era o rei, era quem dava as ordens, e foi quem abriu espaço para uma nova experiência de governo. Davi consolidou o estado monárquico em Israel.

A monarquia rompeu com a experiência tribal em Israel. Essa experiência havia sido uma alternativa de diferentes grupos empobrecidos e marginalizados que fugiam da opressão das cidades-estado cananéias e do Egito, nos séculos XIII e XII aC. O sistema tribal era resistente à idéia da instituição do Estado. Carlos A. Dreher, analisando a organização em forma de tribos em Israel, fornece a explicação dessa experiência.

Sua produção econômica, sua organização política, social e religiosa se faziam de forma coletiva e democrática. Suas famílias formavam a base econômica, cujos chefes tomavam colegiadamente as decisões político-jurídicas necessárias. Eram também estes chefes de família que oficiavam, via de regra, o culto (Dreher, 2000, p.5).

O tribalismo foi uma experiência de variados grupamentos sociais explorados e marginalizados formativos de Israel. Essas contingências ajudaram o povo a se organizar, preservando a unidade e o cooperativismo, como também a buscar o direito e a justiça.

2. Importância de Davi na Bíblia Hebraica

Acima ressaltamos Davi por uma motivação pessoal. Outra motivação em estudar Davi é que, de forma similar, alguns estudiosos vêem esse personagem como um homem que soube ler os sinais do tempo; sem ele a história dos judeus

seria outra. A história hebraica produziu o homem que iniciou uma época áurea em Israel, sendo tido como exemplo para as gerações futuras. Davi organizou um verdadeiro império. O historiador inglês P. Johnson (1995, p. 70) se refere a isso do seguinte modo.

As gerações ulteriores compreenderam a profundidade do impulso religioso de Davi, que iluminou a sua atividade de estadista. Essa talvez seja a razão final pela qual veneraram sua memória, e desejaram um regresso a seu governo; e não por acidente que ele ocupa mais espaço do que qualquer outro soberano no Velho Testamento.

Davi não foi nem absolutamente justo nem politicamente correto. Quem foi, afinal Davi? Desta indagação surgiu o propósito de procurá-lo nos livros do Antigo Testamento, também designado de Bíblia Hebraica.

Muitas passagens da Bíblia Hebraica narram ou aludem Davi, e os escritores dos livros de 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Salmos, Profetas, Rute tiveram razões pessoais e teológicas para citar Davi em seus livros. Afinal, na historiografia de Israel, Davi ocupa um lugar de destaque.

Davi não é apenas o matador implacável e o líder visionário, ele é também um amante apaixonado, amigo ardente e leal, um poeta e músico de candente ternura e altos vôos de lirismo. Porque Deus não haveria de se apaixonar por Davi? Todo mundo se apaixona! (Miles, 1997, p.200).

Davi está presente sobretudo nos livros de Samuel. A ciência bíblica costuma distinguir nestes livros duas obras distintas que descrevem a trajetória de Davi: a) história da ascensão de Davi ao trono (1 Sm 16 até 2 Sm 7) e b) história da sucessão do trono de Davi (2Sm 9-20 até 1 Rs 1-2).

A morte de Davi é narrada no livro de 1 Reis 2, mas a sua figura é preservada em muitas passagens de 1 e 2 Reis. Os principais acontecimentos da história dos reis de Israel foram conservados e comparados com o rei Davi, como Salomão fez na oração inaugural do templo.

Cumpriste a teu servo, o meu pai Davi, a promessa que lhe havias feito, e o que lhe havia prometido com tua boca, com tua mão cumpriste hoje mesmo. E agora, Senhor Deus de Israel, mantém em favor do teu servo, o meu pai Davi, a promessa que lhe fizeste neste teor: “não te faltará na minha presença um descendente que se assente no trono de Israel, contanto que teus filhos cumpram os seus deveres” (1 Rs 8,24-26).

O autor ou autores dos livros de Reis sugerem um Davi protótipo de adoração, fidelidade e confiança em Javé. A imagem de Davi em Reis não é a mesma imagem encontrada em Samuel, que remonta a um protótipo fornecido somente pela história da ascensão de Davi.

...a “história da ascensão de Davi” (1Sm 16–2 Sm 7).(…) é altamente favorável a Davi, descreve sua luta para estabelecer seu poder sobre Judá, depois sobre Israel e, por fim, sobre os povos vizinhos. Elogios quanto a sua fidelidade a YHWH é que não faltam (CEBI, 2000, p.30).

Por outro lado, os livros de 1 e 2 Crônicas destacam consideravelmente a participação de Davi na construção do Templo. Os primeiros capítulos se detêm nos antecedentes familiares de Davi com ênfase na tribo de Judá (1 Cr 1-9), e, ao final de 1 Crônicas, aparece a história de Davi propriamente dita (10-29).

A colorida personalidade de Davi é trabalhada e revelada também nos salmos. De fato, alguns salmos revelam Davi como leal adorador de Javé, músico, poeta e guerreiro (Sl 21; 103; 60).

Muitos dos Salmos são explicitamente atribuídos ao rei Davi e alguns deles são atribuídos a momentos determinados da trajetória de Davi. Outros, devido a seu conteúdo, fornecem outros indícios sobre a época em que foram recitados ou, mais provavelmente, cantados pela primeira vez (Miles, 1997, p. 307).

Segundo a tradição, Davi incorporou a dança como prática usual nas lidas sagradas (2Sm 6,14). A partir daí, a dança e os salmos foram usados para expressar suas emoções e idéias, tomando parte nos cultos religiosos.

As próprias narrativas escriturísticas, por outro lado, apresentam evidências convincentes que atestam as habilidades e os interesses musicais de Davi ligado à piedosa devoção a Jeová, o interesse de Davi pela música apresenta um lastro ideal para a afirmação do cronista de que ele organizou corporações de músicos do templo (Unger, 1998, p. 109).

Os Salmos evocam que Davi fez parte ativa da história de Israel. Visto assim, eles expressam experiências profundas da humanidade e trazem sentimentos do passado, do presente e do futuro.

Davi foi o grande promotor do culto em Jerusalém. Tudo isso fez de Davi uma figura intimamente ligada à oração. Então se atribui a ele a autoria dos Salmos, possivelmente em sua homenagem (CEBI, 2000, p.34).

O livro de Rute, a moabita, narra as provas e as tribulações da personagem que, depois da morte do marido, retorna a Judá com a sogra. Rute, a estrangeira, casa-se com Boaz e se torna a antecedente de Davi.

... a moabita aceita a religião javista e se torna, não só membro de pleno direito do povo eleito, mas até mãe da descendência davídica, a quem o Senhor prometera o reino eterno. Este sopro universalístico, que o pervade, aproxima o admirável livro de Rute duma outra obra-prima do antigo Testamento, o livro de Jonas. São dois opúsculos em que já se percebe algo da mensagem universal de Cristo (Ballarini, 1976, p.98).

Nos textos bíblicos, Davi é apresentado sob várias perspectivas. Parafraseando Miles (1997, p. 16), poder-se-ia dizer que Davi é “um amálgama de diversas personalidades num único personagem”; é um original com várias imagens. A sua figura ocupa um lugar de destaque na história de Israel, e depois de muitas batalhas vencidas historicamente é reconhecido que Davi fundou o império de Israel que sobreviveu por quatro séculos em Israel.

É significativo nesse sentido que a esperança do Messias e o debate dos profetas sobre a monarquia fez com que a figura de Davi fosse mencionada por Isaías, Jeremias, Ezequiel, Amós e Zacarias. Os usuais conceitos de dinastia davídica, trono, templo, Jerusalém, estão muito bem tecidos por estes profetas e não deixam de apresentar a imagem de Davi como passaremos a ver nos vários livros.

a) Livro de Isaías – Isaías era filho de Amoz, era membro duma família distinta e influente em Jerusalém. Iniciou seu ministério profético nos últimos dias do reinado de Uzias, chegando até o governo de Ezequias (Is 1,1).

Para Sicre (2000), no livro de Isaías, Davi, como personagem histórico, só aparece uma vez. “Ai da Lareira de Deus! Cidade Lareira de Deus, em que Davi assentou o seu arraial! Acrescentai ano a ano, deixai as festas que completem o seu ciclo...” (Is 29, 1). O texto refere-se a Jerusalém, local do templo e do altar de sacrifícios.

...destaque tem a sua descendência, a “Casa de Davi” (7,2,13;22,22); também são mencionados o seu trono e o seu reino (9,6), sua tenda ou palácio (16,5). Dois textos lembram a sua estreita relação com Deus: num Javé é “o Deus de teu pai Davi” (38,5); no outro, Deus salvará Jerusalém “em atenção a mim e a meu servo Davi” (37,35). Na segunda parte (40-55) só encontramos uma referência a este rei (55,3). Na terceira (56-66), ele não é mencionado (2000, p. 180).

Davi aparece também como portador da promessa de Deus para com os seus descendentes. A descrição é de um rei ideal, proveniente da linhagem davídica, um novo rebento. “Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes um renovo” (Is 11,1).

b) Livro de Jeremias – Jeremias foi profeta no período do rei Josias e sucessores e presenciou um período de prosperidade e reforma religiosa em Jerusalém como também viu essa cidade devastada e abandonada (Lm 1, 1-22).

Para Jeremias, após Judá sucumbir ante o poderio babilônico, o exílio não era a palavra final e a figura de Davi ressurge como um herdeiro das promessas de Deus.

Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra.

Nos seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro; será este o seu nome, com que será chamado: Senhor Justiça Nossa (Jr 23, 5-6).

c) Livro de Ezequiel – O profeta pertencia a uma família sacerdotal e foi contemporâneo de Jeremias. Era filho de Buzi, de uma posição social privilegiada, sua atividade ministerial ocorreu durante o exílio na Babilônia (Ez 1, 1–3).

A figura de Davi é apresentada como verdadeiro pastor e não mais como rei (*melek*), mas sim de príncipe (*nasi*).

*Suscitarei para elas um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor.
Eu, o Senhor, lhes serei por Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas; eu, o Senhor, o disse (Ez 35, 23-24).*

d) Livro de Amós – Este profeta era de Tecoá, região ao sul de Jerusalém (Am 1,1). Ele não era filho de profeta, mas foi um pastor, boieiro e cultivador de sicômoros (Am 7, 14-15). Seu ministério deu-se durante o governo de Uzias em Judá e Jeroboão II em Israel e foi contemporâneo de Oséias (Am 1,1).

Para Sicre, no livro de Amós existe uma passagem muito importante que contém dois oráculos distintos. “O primeiro refere-se à restauração da “choça caída de Davi” (9, 11-12), o segundo refere-se à prosperidade do país, à reconstrução das cidades em ruínas e à garantia de que o povo não voltará a ser deportado (9, 13-15)”.

*Naquele dia levantarei a choça caída de Davi, taparei suas brechas, levantarei suas ruínas, e a reconstruirei como nos dias antigos;
Para que conquistem o resto de Edom e todos os povos que levaram meu nome - oráculo do Senhor, que o cumprirá (Am 9, 11-12).*

Para Sicre, o termo “choça” pode estar se referindo à casa (*bayt*) quando os descendentes de Davi foram exilados para a Babilônia; e pode ser aplicado também ao império davídico sem pensar no desterro, pois logo após a morte de Salomão Israel ficou dividido em dois reinos e finalmente a possibilidade de que se refira à cidade de Jerusalém.

e) Livro de Zacarias - foi um profeta do pós-exílio, nasceu na Babilônia e era descendente de uma família sacerdotal. Foi contemporâneo de Zorobabel e participou do retorno a Jerusalém (Ne 12,4) junto com os exilados que estavam na Babilônia.

Em seu livro são feitas duas referências ao descendente de Davi e que um descendente seu reinará sobre a comunidade. “Ouve, pois, sumo sacerdote Josué e teus companheiros que estão sentados diante de ti: são figuras proféticas de que eu hei de trazer o meu servo Germe” (Zc 3,8).

Ficam claras duas coisas: a primeira que Deus trará um descendente de Davi para reinar sobre a comunidade. A relação com o “germe justo” de Jr 23, 5-6 é evidente, e obriga a pensar numa figura régia (Sicre, 2000, p. 268).

Tem-se em vista que a esperança messiânica do profeta continuava viva e seus olhos estavam voltados para um descendente de Davi mesmo com o desaparecimento da monarquia. Nessa perspectiva, o profeta não apenas lembra do Davi histórico, mas aponta também para a idealização de sua figura. Outra passagem descreve essa esperança; “...Eis aqui o homem cujo nome é Renovo: ele brotará do seu lugar e edificará o templo do Senhor” (Zc 6,12); a expressão “renovo” constitui possivelmente uma releitura ou reinterpretação da palavra “germe justo”.

As imagens de Davi em Israel estiveram ligadas a motivos religiosos, políticos e sociais, independente de que havia por parte do povo a rejeição ou críticas à monarquia. No início, Davi foi um simples pastor de ovelhas; depois se tornou o rei que unificou as tribos e levou Israel a uma posição privilegiada perante os povos do Antigo Oriente. Ele trabalhou com as perdas da autonomia das tribos e conquistou o brilho da monarquia, confirmou o jlavismo em Israel em contenda com as religiões preexistentes. De qualquer maneira, a sua monarquia constituiu os primeiros passos de um longo caminho que o povo judeu percorreu, Davi introduziu mudanças que regulavam a vida do indivíduo e da nação. E deve ter permanecido aberta a questão se afinal a monarquia fez mal ou bem para Israel e a imagem de Davi transferiu-se para o Novo Testamento. Com a decadência da experiência monárquica em Israel, os profetas apontavam em suas profecias um novo rei descendente de Davi que na prática tomaria o caminho oposto da monarquia davídica. Aqui há um dado novo: A memória das imagens de Davi nos profetas foi projetada simbolicamente na pessoa messiânica de Jesus Cristo.

Como Abraão, Jacó e Moisés, o rei Davi é uma figura emblemática no Antigo Testamento. Esta figura aparece mais grandiosa quando consultamos o Novo Testamento. De fato, ele é o primeiro personagem mencionado depois de Jesus: “Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi” (Mt 1,1). (...) Segundo o testemunho neotestamentário (Cf. também At 13,22), Jesus não é somente o filho de Davi, no qual se realiza a promessa feita a Davi, mas também se apresenta como o filho de Deus que se faz homem, passando através de sua raça e da história de seu povo (Santos, 1995, 287-288).

f) Novo Testamento - No Novo Testamento, Jesus é apresentado como da linhagem de Davi (Rm 1,1-3). Davi foi o rei que deu ao povo de Israel a esperança

do Messias, e com certeza não foi correto em todas as suas atitudes, mas foi chamado de “homem segundo o coração de Deus” (At 13, 22), no que possivelmente o autor ao escrever não se reportava ao Davi adúltero, cruel e vingativo com seus inimigos.

Em todas as épocas e culturas, os povos personificaram seus traços mais característicos e seus mais nobres ideais em personagens-protótipos, que através de seus feitos contribuía, por sua vez, para moldar o caráter coletivo e para enaltecer sua própria história. Em momentos de crise, esses personagens-arquétipos foram ponto de referência, bandeira e modelo a ser seguido (Lamadrid, 1999, p. 188).

Para Santos, “Davi é um personagem complexo, marcado pela ambigüidade. Embora caracterizado como o rei “segundo o coração de Deus”, a sua realeza é assinalada pelo episódio com Betsabéia” (1995, p. 288). Davi serviu indubitavelmente para o estudo da história da monarquia em Israel. Sua história não serviu somente para pôr em relevo a transição do tribalismo para a monarquia, mas contribuiu para o conhecimento das alterações no meio da sociedade, além do processo de estabilização do javismo “que não é uma religião de leis, mas uma religião de vida, segundo normas santificadas que expressam a vontade de Deus” (Fohrer, 1982, p. 96).

A presença de Davi na Bíblia Hebraica serve como referência para nossa escolha em desenvolver o tema *Imagens de Davi na Historiografia Bíblica*. Nela podemos descobrir e reunir peças até que possamos formar um quadro e revisar o nosso ponto de vista, trazendo mais luz sobre a sua historicidade e a complexidade deste personagem. Seguindo esse raciocínio, torna-se importante estudar Davi e

suas ações na vida cotidiana, buscando uma compreensão de sua pessoa dentro do contexto social em que viveu.

3. Importância de Davi na história de Israel

Uma vez tornado rei sobre Israel, Davi começou a mostrar as suas habilidades políticas e administrativas. As qualidades de Davi colocaram-no como o protótipo do rei ideal para Israel. Há textos que afirmam que ele tinha boa aparência (1 Sm 16,12), e que era corajoso, fiel e terno (1 Sm 17, 34-37). Possuía habilidades musicais e poéticas; era amado e apreciado pelo povo de Israel (1 Sm 18,16). Davi era o ungido de Javé (1Sm 16,1).

Durante o reinado de Davi, Israel teve uma importância política nunca antes conhecida. A importância histórica de Davi ultrapassou em muito a sua própria época.

Embora o grande reino de Davi já começasse a decair durante o reinado de seu neto, fato é que a sua dinastia permaneceu por 04 (quatro) séculos no trono do Estado de Judá. Com isso, ela conseguiu manter-se durante um período mais longo do que qualquer dinastia dos povos do Antigo Oriente (Metzger, 1984, p. 68).

A conquista de Jerusalém e as vitórias de Davi sobre os filisteus e povos vizinhos levaram Israel ao status de nação entre as nações. Israel ficou conhecido pelo seu grande poder político, militar e comercial. Davi construiu um império.

A unidade nacional, o poder centralizado e pessoal, a extensão de suas possessões e a introdução de novos costumes da vida pública não foram suficientes para que a monarquia fosse um fato consumado para os israelitas.

A monarquia, portanto nunca se livrou da tensão. Nem Davi nem Salomão com todo o seu brilhantismo, conseguiram resolver seus problemas fundamentais principalmente o de diminuir a diferença entre a independência tribal e as exigências da nova ordem (Bright, 1980, p. 300).

Ao tratar da transição do tribalismo à monarquia, Dreher afirma que:

Não obstante, decorridos cerca de 200 anos, eis que Israel institui a monarquia.. Almeja um rei “como o têm as outras nações” (1Sm 8.5b,19s). E esta instituição perdurará, entre críticas e simpatias, até a queda de Jerusalém, em 587 aC. Como compreender tal reincidência? Que teria levado essa sociedade contra o Estado recair na contradição que abolira e abominara? Que causas levaram à instituição do reinado? Em que termos e a que custos tal instituição se estabeleceu? (Dreher, 2000, p.6).

A nosso ver, a pesquisa sobre Davi nos leva a refletir sobre as mudanças que ocorreram em Israel. Foi um tempo no qual ocorreram mudanças na estrutura e na consciência da sociedade israelita, mudanças essas que conduziram à instituição da monarquia em detrimento do tribalismo. A instituição da monarquia exigiu novas regras de vida fundamentadas em outras bases e os textos bíblicos revelam que o povo, em parte, resistiu à introdução do novo sistema. As modificações introduzidas no governo de Davi, tanto no aspecto político quanto nos aspectos religioso e militar, tiveram repercussões profundas na vida interior do povo de Israel.

Davi foi o homem, o rei, o religioso, o guerreiro, presente em todos os tempos na história de Israel. Na transição do pós-exílio, os autores deixaram por vezes o Davi histórico, e ele passou a ser um símbolo. Os fatos se sucediam

desfavoravelmente para o povo judeu, a experiência do desterro e de dominação por outros povos levou-os a sobreviver à sombra das promessas dos profetas e das lembranças do rei Davi, que refletem anseios, desejos e esperanças de alguns. De fato, são diversas as interpretações que recebe o personagem Davi, nem sempre positivas, mas imprescindíveis para se conhecer a história da época áurea em Israel.

4. Metodologia e Hermenêutica na Análise de Davi

O estudo e a discussão sobre as Imagens de Davi na Historiografia Bíblica foram desenvolvidos com base em pesquisas bibliográficas que conduziram a um levantamento minucioso a respeito do tema. Sobre essa metodologia, Deslandes assim se expressa:

... podemos dizer que a pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse.

Nesse caso, trata-se de um confronto de natureza teórica que não ocorre diretamente entre pesquisador e atores sociais que estão vivenciando uma realidade peculiar dentro de um contexto histórico social (1998, p.53).

Os critérios adotados para a seleção das obras bibliográficas levaram em consideração os trabalhos que apresentaram produção relevante, profunda e ainda os que atenderam às necessidades do assunto em pauta.

Fica, pois, evidente que, em termos práticos, será apresentada uma descrição do tema *Imagens de Davi* com aspectos comparativos e de sinopse entre as obras historiográficas na Bíblia.

No estudo do tema *Imagens de Davi* consideramos como eixo central a comparação entre a Obra Historiográfica Deuteronomista e a Obra Historiográfica Cronista.

Partimos do pressuposto hermenêutico que já não temos acesso ao Davi histórico. O acesso a Davi somente se dá através dos textos que falam dele. As histórias narradas e recriadas na Obra Historiográfica Deuteronomista e na Obra Historiográfica Cronista revelam Davi, sob vários aspectos, como um personagem ambíguo e de várias facetas.

A cada leitura sobre Davi, utilizando diferentes autores, descobrimos mais uma possível imagem deste personagem. Buscando uma compreensão e entendimento sobre as Imagens de Davi na Obra Historiográfica Deuteronomista e na Obra Historiográfica Cronista, utilizaremos alguns componentes teóricos da interpretação ou exegese bíblica, da história de Israel e da hermenêutica.

a) Hermenêutica – Frederico Schleiermacher foi fundador da hermenêutica moderna. Para Schleiermacher, a hermenêutica tem de ser a arte e a ciência de interpretar um conjunto maior, ou seja, a arte de compreender e interpretar.

Rudolf Bultmann utilizou na teologia as novas perspectivas hermenêuticas abertas por F. Schleiermacher, W. Dilthey e sobretudo pela filosofia existencial de M. Heidegger. Segundo ele, a pré-compreensão é a compreensão de si mesmo; tudo que interpretamos está dentro de uma cadeia de tradições mais antigas. Isso significa que cada intérprete traz um “pré” para dentro da interpretação. Nesse processo não há neutralidade. Ou seja, no contexto em que Davi estava inserido, os fatos sociais tinham existência própria. Pode-se notar que, de acordo com cada história sobre Davi, elas apresentavam formas padronizadas de conduta e de

pensamento da época. Não é possível eliminar a pré-compreensão na interpretação do texto que por sua vez é objetivo. Sobre esse processo de interpretação, Hans Georg Gadamer afirma que:

O círculo não deve ser degradado a círculo vicioso, mesmo que este seja tolerado. Nele vela uma possibilidade positiva do conhecimento mais originário, que evidentemente, só será compreendido de modo adequado, quando a interpretação compreendeu que sua tarefa primeira constante e última permanece sendo a de não receber de antemão, por meio de “feliz idéia” ou meio de conceitos populares, nem a posição prévia, nem a prévia posição, nem a concepção prévia (Vorhabe, Vorsicht, Vorbegriff), mas em assegurar o tema científico na elaboração desses conceitos a partir da coisa, ela mesma (Gadamer, 1999, p. 401).

Hans Georg Gadamer, em sua obra *Verdade e Método*, desenvolve a idéia de que a pessoa humana pertence à história e é determinada pela história. “A historicidade caracteriza o sujeito que compreende, o objeto compreendido e o próprio processo de compreender” (Apud Gibellini, 1998, p. 63).

Gadamer articulou também um princípio chamado “história dos efeitos”. Isso significa que o tempo decorrido sobre um autor, ou sobre um fato chega ao intérprete explicado de várias maneiras. Isso constitui a história dos efeitos que determina a pré-compreensão do novo intérprete, mas que por sua vez vai provocar uma nova interpretação. Desse ponto de partida é possível compreender as diferentes combinações das quais podem ser originárias a Obra Historiográfica Deuteronomista e a Obra Historiográfica Cronista. Nesta história dos efeitos também se inclui a dimensão de que certas interpretações provocam conseqüências práticas na vida das pessoas. Isso deve ser levado em consideração.

A verdade do conhecimento é cristalina, mas a apropriação da verdade é subjetiva. O sujeito intérprete está inserido dentro de uma tradição. A tradição se

apresenta como linguagem. A linguagem e a compreensão são a via de acesso ao ser e à realidade. Segundo Gadamer, no momento da interpretação, pode-se continuar com as tradições ou pode haver uma ruptura. O intérprete pode reproduzir o discurso ou romper e elaborar um novo discurso que é uma nova interpretação, ou seja, o sujeito-intérprete está dentro de uma corrente entre passado e futuro. Sob esse prisma, a monarquia de Davi rompeu com a experiência tribal em Israel, o novo sistema de governo incrementado por Davi fez dele um traidor do tribalismo?

Ao lidar com os textos bíblicos, é natural trabalhar com um material que interfere em nossos sentimentos religiosos. Mais do que ler, pretendemos aprender a ler e a interpretar, de tal sorte que a hermenêutica poderá nos levar a uma melhor compreensão do tema *Imagens de Davi*. Dentro desta perspectiva talvez precisaremos desconstruir valores e concepções que muitas vezes são articulações de determinados grupos e resgatar uma imagem mais próxima do Davi histórico, conforme expresso nos textos.

b) Davi na História de Israel – consultando o dicionário encontramos um conceito de história: “Conhecimento do passado da humanidade e das sociedades humanas; disciplina que estuda esse passado e procura reconstituí-lo” (Dicionário Larousse, 1999, p. 497).

E no que tange à perspectiva do povo de Israel, Mackenzie assim se expressou sobre história:

Israel, portanto, tinha um conceito de história; quando a examinamos, percebemos que é o fruto do que poderíamos chamar de uma teologia da história. A unidade e continuidade do processo histórico emergem da consciência que Israel tinha de si próprio não só como um povo,

mas como povo de lahweh. Sua história é a história de seu encontro com lahweh, e de sua resposta ao encontro (1983, p. 425).

A partir do conceito de história, sobretudo sobre a história de Israel, trabalharemos com autores como: Jorge Pixley, Herbert Donner, John Bright, José Luis Sicre, Norman Gottwald, Milton Schwantes.

Sicre se refere a Davi da seguinte forma:

Junto com Moisés, Davi é o personagem bíblico que atrai mais atenção. É o protagonista principal dos dois livros de Samuel, Sua imagem continua presente em Reis, mesmo depois de morto. Volta a ser protagonista em Crônicas. E não faltam abundantes referências a ele nos Salmos e Profetas (Sicre, 2000, p. 59).

Foi através da imagem de Davi que se explicou determinados acontecimentos, ou se expressaram sentimentos e julgamentos. “Davi consulta Javé se deveria lhe construir uma “casa”, isto é, um templo, em Jerusalém”. (Donner, 1997, p. 243). A resposta de Javé a Davi, por intermédio de Natã, legitimou a dinastia davídica. Sobre isso, um historiador afirma:

Através desta declaração que na presente forma é indubitavelmente deuteronomista, a dinastia davídica recebe, já de saída, sua legitimação tão urgentemente necessária. O direito eletivo de Javé, um dos elementos constitutivos de qualquer reinado israelita, é mantido: só que ele não elege figuras individuais, mas se decide de uma vez por todas pela casa de Davi. (Donner, 1997, p.243).

A historiografia que coloca Javé como iniciador da idéia dinástica davídica recebe uma ampla discussão com Gottwald.

Quaisquer que sejam as delineações exatas de gêneros e motivos concernentes à realeza em Jerusalém, é evidente que se

desenvolveram diversas avaliações religiosas positivas do cargo dentro de Judá, sem dúvida começando pelos tempos davídicos-salomônicos. De uma maneira ou de outra, julgou-se que os reis judaítas estavam (1) numa relação filial característica com lahweh; (2) intermediários entre lahweh e o povo, modelos de piedade e obediência a lahweh (Gottwald, 1988, p.320).

A imagem de Davi construída seja na Obra Historiográfica Deuteronomista seja na Obra Historiográfica Cronista gerou um modelo de padrão comportamental para os reis sucessores de Davi. Os reis posteriores a Davi passam a ser “medidos” conforme o critério Davi. “Praticou o que agrada ao Senhor, trilhando sempre o caminho do seu antepassado Davi, sem se desviar nem para a direita nem para a esquerda” (2Rs 22, 2). Assim também aconteceu com o monopólio do poder religioso que norteou as ações e percepções do povo de Israel.

Sobre história e historiografia podemos ainda afirmar:

Historiografia é uma maneira de escrever a história e de apresentar documentos. A Bíblia por sua vez tem a sua historiografia ou até suas historiografias. A Bíblia apresenta cronologias, narrativas concatenadas e até sínteses históricas, como no caso do livro dos Reis e livro das Crônicas (Cazelles, 1986, p. 17).

c) Exegese e interpretação - Aqui trabalharemos com autores como: Antonio Gonzalez Lamadrid, Henri Cazelles, Shigeyuki Nakanose, Martin Noth, Hans Walter Wolff e outros. Esses autores trabalham a problemática da interpretação da Obra Historiográfica Deuteronomista e da Obra Historiográfica Cronista numa perspectiva

que ajudará a trazer mais luzes sobre a questão das imagens de Davi nestas duas obras citadas a partir dos respectivos textos.

5. Estrutura da Dissertação

A dissertação está estruturada em três partes.

O capítulo I apresenta uma breve história de Israel da época do tribalismo à monarquia. Iniciaremos com as teorias sobre a conquista da terra de Canaã. No tribalismo os personagens centrais eram sem sombra de dúvida os juízes. Eram pessoas nomeadas por Javé quando necessário e que atuaram nas funções de juízes, profetas e sacerdotes. Havia inclusive mulheres (Jz 4 e 5). A continuação da narrativa nos leva aos inícios da monarquia, cujo tema central é o personagem Davi.

No capítulo II, o assunto será propriamente as imagens de Davi nas historiografias bíblicas. Buscaremos perceber mudanças significativas nas representações de Davi. O foco está na Obra Histórica Deuteronomista e na Obra Histórica Cronista, que foram escritas em diferentes circunstâncias e por perspectivas por vezes concorrentes. O autor ou autores dessas obras procuraram não apenas entender o significado do passado de Israel, mas provocar no povo judaico uma resposta obediente e comprometida frente ao impacto do ambiente que eles viviam.

O capítulo III procura analisar de forma comparativa o episódio do traslado da Arca da Aliança, conforme é apresentado em 2 Sm 6 e 1 Cr 13. Este capítulo serve mais como um estudo de caso para evidenciar similaridades e diferenças na historiografia sobre Davi.

A conclusão busca sublinhar os resultados principais de nossa pesquisa e as referências bibliográficas darão conta dos autores e das autoras que nos

acompanharam neste trabalho monográfico. E, no final da dissertação, há alguns anexos de cunho meramente ilustrativo.

I - ISRAEL: DO TRIBALISMO À MONARQUIA DAVIDICA

Nesse capítulo trataremos sinteticamente dos inícios da História de Israel. Grosso modo, a história do povo de Israel pode ser dividida em quatro períodos principais.

1.4. Inícios do tribalismo;

1.5. Monarquia (unida e dividida);

1.6. Exílio;

1.7. Pós-exílio.

Enfocaremos brevemente o primeiro período e seu desenvolvimento para o segundo período. Trataremos pois, da transição do tribalismo para a monarquia. Quando nos referimos ao sistema ou época tribal de Israel, trata-se do período entre 1250 a 1000 aC. Sobre este período encontramos teorias, que procuram explicar as origens de Israel como nação de tribos e também o modo de sua instalação no

território de Canaã. O Israel primitivo tem como data provável para o começo de sua história o séc. XIII aC, o que coincide com o êxodo e a sua subsequente conquista da terra. É difícil fazer afirmações históricas mais contundentes sobre o assim chamado “período patriarcal”, como é retratado em Gn 12-50.

Através das escavações das colinas das antigas cidades de Canaã e das cartas de Amarna, que os reis cananeus enviavam a faraó, é possível conhecer a Canaã deste período. Os seus habitantes estavam localizados nas áreas baixas do país, na planície que acompanha o Mar Mediterrâneo e no Vale de Jezrael que corta a cordilheira central nas alturas do Monte Carmelo e do Mar da Galiléia. Essas regiões eram férteis e locais de passagem de rotas de comércio. A Cordilheira Central, conhecida como montes da Galiléia, Efraim e Judá, era uma região de bosques e matagais, sendo raras as cidades nas montanhas. As principais cidades na montanha foram Hazor, Siquém e Jerusalém. “A terra de Canaã obtém sua fertilidade das águas das chuvas que provém da caldeira de evaporação do Mar Mediterrâneo e se condensa nas serras (chuvas de aclave)” (Donner, 1997, p.51). A região tem duas estações do ano bem definidas: inverno chuvoso e verão seco. Praticamente não há recursos minerais.

Neste período não havia uma organização política central, sendo o território de Canaã dividido em vários pequenos reinos chamados de cidades-estado. Havia um rei para cada cidade-estado; estes reis por sua vez eram súditos do Egito, ao qual pagavam um tributo regular.

Segundo Pixley (1991), havia uma diversidade de elementos sociais que contribuíram na formação da unidade da nação tribal de Israel. Existem teorias para explicar como os israelitas se fixaram na região da Palestina.

1.1. Teorias que dão suporte para a emergência do Israel tribal

a) Teoria da Conquista Violenta – Esta teoria defende a idéia de uma unidade racial primitiva. Os exegetas consideram que havia suficientes vínculos familiares entre as tribos para explicar a união das mesmas. Desse grupo destacam-se os exegetas Yehezkel Kaufmann, de Israel, e John Brigh, dos EUA.

Segundo esta teoria, a formação de Israel deu-se fora de Canaã, sendo a conquista um momento conseqüente. Esta é a hipótese tradicional, sendo que sua explicação está respaldada em dados bíblicos, (Pixley, 1991, p. 16).

b) Teoria da Imigração Pacífica - Esta teoria encontra a unidade de Israel em sua prática do pastoreio de animais. Postula a oposição Canaã x Israel como conflitiva entre pastores e agricultores. Esta teoria foi defendida sobretudo pelos pesquisadores alemães Albrecht Alt e Martin Noth, encontrando ainda seguidores até os dias de hoje. A formação de Israel teria ocorrido em Canaã num processo migratório anual, e, lentamente, os seminômades teriam se aproximado das terras férteis.

Martin Noth defende a hipótese de que o sistema dos doze fez estes grupos distintos dos outros grupos, mesmo não havendo base científica para tal argumento. O modelo utilizado foi comparado ao modelo das antifictionias greco-italicas para o sistema das dozes tribos de Israel. Com base em textos do Antigo Testamento, a adoração a Javé teria sido o pivô que unificou as tribos de Israel e as distinguiu de outras (Pixley, 1991, p. 16).

c) Teoria da Revolta Social - Esta teoria propõe a unidade das tribos como resultado de uma rebelião comum contra os reis da Palestina. Israel teria se formado

dentro da sociedade cananéia, aproveitando-se da queda do “feudalismo” cananeu auxiliado por outros grupos em Canaã. Essa proposição é feita pelo exegeta americano Norman K. Gottwald e seguida por vários autores recentes, incluindo-se aí Jorge Pixley e Shigeyuki Nakanose.

Esta teoria explica o grupo que veio da peregrinação no deserto, trazendo consigo a crença num Deus libertador, vindo a tornar-se a religião específica de Israel. Com o sucesso da revolta surgiu um novo sistema: o tribalismo ou também conhecido como período dos juízes (Pixley, 1991, p. 17).

1.2. Os grupos participantes na formação de Israel

Na formação de Israel existiram vários grupos que resistiam aos reis cananeus e egípcios. Dos vários grupos que havia surgiram alianças mais fortes entre os mesmos. As tribos do norte eram diferentes das tribos do sul. Em cada uma das tribos é provável que tivessem elementos diferentes; alguns vindos do deserto, outros sedentarizados, além dos de origens diversas. “A história do povo de Israel transcorre na parte meridional do corredor siro-palestinense, entre as antigas civilizações e potências situadas junto ao Nilo, na Mesopotâmia e Ásia Menor” (Donner, 1997, p.33). A localização das tribos favoreceu para que houvesse um intercâmbio de influências políticas e culturais no Oriente Antigo, que foram transmitidas até o Ocidente. Para Schwantes (1984), entre os grupos que participaram da formação de Israel destacam-se os seguintes:

a) Grupos de Hapirus – Eram grupos de pessoas com realidades sociais diferentes. O termo significa desordeiro, rebelde. Em Ex 1,15, os hebreus são conhecidos como “hapiru”, grupo que não se submetia ao sistema cananeu e egípcio. Tentando escapar dessa exploração das cidades-estados, alguns fugiam

para as montanhas, onde praticavam uma agricultura de subsistência e pastoreio nas regiões de estepe (Schwantes, 1984, p. 63-80).

A característica específica comum ao hapiru é sua separação forçada da sociedade estabelecida. Eles representavam uma classe que não possuía status social e que existia na periferia da sociedade como grupo marginalizado. Seus membros tinham perdido sua posição anterior e haviam sido forçados a se retirarem para regiões de difícil acesso ou pouco alcançados pelo controle das cidades-estados (Thiel, 1993, p. 56).

b) Grupos Abrâmicos - São descritos como nômades e seminômades; são mais antigos e resistentes e não se estabeleceram nas cidades. Eles provêm da estepe. O documento que conserva as tradições desse grupo é sobretudo o Gênesis (Gn 12-50). Daí advém o nome de “abrâmico” ou “patriarcal”. Não moravam na terra prometida, mas foram os portadores da promessa da terra. Não viviam em casas de construções sólidas, mas em tendas. Vagueavam por Canaã, procurando pastagens para os seus rebanhos. Os patriarcas são apresentados como ancestrais de todo o Israel e da promessa divina de descendência e propriedade de terra cultivada (Gn 12,1-3). Não eram proprietários de terras, mas compravam pequenos pedaços de terras para sepultarem os seus mortos (Gn 23,4), (Schwantes, 1984, p. 81-107).

c) Grupo Mosaico - Passou a ser o grupo principal na formação de Israel sob a liderança de Moisés, profeta de Javé que recebeu as tábuas da lei e levou o povo de Israel a uma aliança com Ele. Era portador das tradições do êxodo, o milagre do mar dos juncos (Ex 14-15), a condução pelo deserto, a celebração da aliança no monte de Deus (Ex 19 a 24; Nm 10,11) e a condução para dentro da terra cultivada (Nm 13). No Pentateuco, Moisés é a figura principal da época de salvação clássica

de Israel. Ao seu lado, o povo de Israel era como unidade, não estruturado por tribos nem por qualquer outro tipo de agrupamento (Schwantes, 1984, 108-144).

d) Grupo Sinaítico – O nome (shem) de Deus é característico do grupo sinaítico. Esta tradição tem como tema central o culto a Javé. Javé é aquele que se revela no Sinai (Jz 5,5)” (Schmitt, 1994, p. 40). A importância do Sinai está presente em diversos relatos no Pentateuco, e na tradição do culto. O Sinai não está entre os eventos salvíficos mais antigos e fundamentais do povo de Israel. O êxodo é um evento fundante da fé israelita e a correlação entre o êxodo e o Sinai é que ambos fazem parte da tradição israelita (Schwantes, 1984, p. 145).

A partir disso, podemos concluir que o Israel antigo se formou de grupos de diversas origens. Os descendentes dos grupos abramícos permaneceram em Canaã, adotando a língua e a cultura local, preservando as suas tradições. “Os hapiru eram pessoas sem tradições, sem lugar definido na sociedade. Eram escravos, camponeses explorados e mercenários mal pagos” (Bright, 1980, p.77). O grupo comandado por Moisés, chamado de mosaico, protagonizou acontecimentos desse período que constituíram o êxodo e colocaram a base para a religião específica de Israel. As origens da estrutura peculiar de Israel estão no Sinai. Foi no monte Sinai que Javé se revelou ao povo de Israel (Ex 3; 19, 24), a lei do Sinai tornou-se a marca constitutiva de Israel.

1.3. O Tribalismo

Com a posse da terra começou a vida de Israel como povo. No início do assentamento, as tribos israelitas se situavam preferencialmente nas regiões

montanhosas de Canaã, permanecendo em relativo isolamento e resistindo à influência da cultura urbana cananéia.

O processo de tomada da terra foi um processo lento que levou bastante tempo. É possível que o surgimento de Israel tenha-se dado com pessoas de origens diversas, com tradições diferentes. A consciência de vínculos entre os israelitas não surgiu em decorrência de terem uma origem comum, mas uma razão religiosa que os distinguiu como povo. Os levitas, seguidores de Javé e Moisés, tornaram-se responsáveis pela consciência de unidade entre os israelitas. Eles preservavam e transmitiam a fé javista.

A religião tornou-se parte constitutiva do tribalismo. A união das tribos organizava as outras unidades autônomas. As leis trazidas por Moisés garantiam a ordem. Em assembléias, homens adultos se reuniam para celebrar a Aliança e elaborar as normas da sociedade que se mantinham inicialmente pela tradição oral.

“As tribos eram grandes famílias e em teoria eram todos descendentes de Jacó” (Pixley, 1991, p. 21). Em assembléia, as tribos decidiam o início de guerra regional, não possuindo um exército permanente e pago. “Não tinham mercenários nem nobreza de cavalaria nem unidade de carros de combates” (Bright, 1980, p. 221). O sistema era igualitário e fraterno (Js 22,8). A produção não era acumulada. A ordem social das tribos, clãs e famílias israelitas era patriarcal e androcêntrica. A grande família estava subordinada à figura do pai, que era limitado por meio de leis. Os grupos maiores eram liderados por colégio de anciões. Politicamente, a associação de tribos era um governo sem coesão territorial, com conflitos internos. Os sacerdotes não herdavam terras para não terem privilégios (Js 21,3). Em alguns lugares, o sacerdócio de Javé era hereditário (1Sm 1-3,4,4). Javé era afirmado como proprietário de todo o solo e de toda a terra (Ex 9,29).

...Eles não dispunham de nenhum poder econômico ou político especial, mas, com o decorrer do tempo e de acordo com a importância de seu santuário, podiam tornar-se uma espécie de autoridade moral. Isso, no entanto, seguramente ainda não acontecia na maior parte do período pré-estatal (Thiel, 1993, p. 102).

Para Dreher (2000, p. 17-22), na época dos juízes, as tribos não conheciam o estado; as tribos se organizavam a seu modo, porém, na organização, as tribos apresentavam características similares.

a) A organização do trabalho

Na sociedade tribal não existe propriedade privada. O meio de produção é sempre coletivo. A terra entre os camponeses, ou as pastagens e rebanhos entre os pastores, são sempre propriedade do clã ou da tribo, o que quer dizer, de toda a comunidade.

A distribuição do produto é igualitária. Não existia comércio (p. 18-19).

b) A organização social

A unidade social primária é a família. A família formava a unidade econômica básica da tribo. Para evitar um desnivelamento entre as famílias e para não deixar que famílias fracas perecessem, existia a "associação protetora de famílias". Essa união pretendia proteger as famílias (p.19).

c) A organização político-jurídica

Aos anciãos cabe a organização da defesa em tempo de guerra (Jz 11,5ss).

As mulheres podem assumir esta função de liderança na guerra (Jz 5).

Os guerreiros são recrutados das associações protetoras de famílias. Também os guerreiros voltam a exercer seu trabalho normal, após terminada a guerra (p. 20-21).

d) A organização religiosa

O serviço religioso é carregado pelo próprio povo, assim como o trabalho e a política.

O culto é realizado no próprio local em que se vive. Não há um templo ou santuário central.

O sistema tribal é, em vista destas características, um sistema igualitário. Não há dominação de um grupo sobre o outro, dentro da tribo. Este sistema existiu de fato em Israel por 200 anos, desde 1250 a 1050 aC (p. 20).

Na época dos juízes, as tribos israelitas viviam relativamente isoladas, decidindo sobre seus assuntos. Não havia um templo central com celebrações cúlticas regulares, nem sacerdócio único que exercesse sua função em nome do Israel unido. Não existiu uma proclamação do direito divino central. No Antigo Testamento, todo direito provém de Javé e é outorgado por Ele. No livro de Juízes aparece a lista dos juízes maiores e menores. Os juízes menores provinham de diferentes cidades e tribos, cuja função era zelar pelo direito divino, tendo a obrigação de conhecê-lo, estudá-lo, interpretá-lo e apresentar aos delegados das tribos nas assembléias festivas das tribos.

O Israel tribal foi uma experiência fundante. O livro de Juízes descreve os primeiros anos da conquista da terra em Israel. Os acontecimentos narrados no livro de Juízes cobrem o período em que os israelitas conviviam com inúmeras dificuldades. Eles não conquistaram toda a terra de Israel (Jz 3; 6-8; 10-11), mas habitavam no meio de outros povos, sendo que alguns os oprimiam (Jz 3,5; 4 e 5). Mudanças profundas ocorreram por fatores externos, pressões internas e externas, que levaram à instalação da monarquia.

1.4. O Estado Monárquico

Conforme Donner (1997, p. 33), a formação de um povo não é um acontecimento da natureza, mas um processo histórico que se baseia no nível da consciência da pessoa e na força econômica dos grupos de pessoas que dele participam. No antigo Israel, a instalação da monarquia foi um processo controvertido, que passou por fases distintas.

1.4.1. Intentos monárquicos

Segundo a tradição bíblica, a primeira tentativa de instaurar uma monarquia ocorreu ainda no período dos juízes, no século XII aC. Em Jz 7; 8; 9 e 11 aparecem os vislumbres de uma forma monárquica de autoridade. Gedeão, após a vitória contra os madianitas, recusa o pedido que o povo lhe faz para que ele estabeleça um reinado hereditário (Jz 8,22). Ele não aceita a proposta sob a alegação de que Javé é o rei de Israel.

A primeira formação de um Estado nacional israelita foi produto de uma emergência. A pressão externa veio com o estabelecimento dos filisteus na costa sul onde fundaram a sua pentápole no litoral. Os filisteus foram um povo pequeno, pouco numeroso, mas seus príncipes dispunham de uma tecnologia avançada. Eles conservavam o segredo da fundição do ferro (1Sm 17,4-7). Organizaram exércitos fortes com carros e cavalos, com guarnições militares nas montanhas para recolher tributos dos israelitas.

Os israelitas não tinham ferreiros para fabricar lanças e espadas e dependiam dos filisteus para afiar seus instrumentos agrícolas (1Sm 13,9-22). Era natural que estivessem próximos de uma escravidão diante dos filisteus.

Por sua vez, a associação de tribos era politicamente muito flexível com a segurança externa e interna. Os filisteus superavam o exército de voluntários israelitas e eles foram para a totalidade das tribos uma ameaça, como até então eles não haviam enfrentado. As tribos, sem coesão política, associada às rebeliões, acabaram por serem derrotadas perto de Afec (1Sm 4).

Como pressão interna, um fato foi a corrupção dos juízes, que levou os conselheiros de Israel a pedir a Samuel um rei. Eles queriam um sistema semelhante ao de todas as nações (1 Sm 8,5). “Outro fato foi o acúmulo de excedentes proveniente da agricultura praticada nas montanhas com a construção de patamares e escavações de cisternas na rocha. Das famílias mais favorecidas surgem os chefes militares” (Pixley, 1991, p. 23). Ainda outro fator foi à introdução do boi na produção agrícola que provocou uma revolução tecnológica em Israel.

É preciso ter clareza sobre o significado deste avanço tecnológico. A passagem de uma lavragem manual para o uso de tração animal no emprego do arado deve ter incrementado consideravelmente a produção agrícola. Aos proprietários de bois – que não devem ser muitos a princípio, dadas às características próprias da domesticação e procriação do animal – é oportunizado um considerável acúmulo de excedente de produção. Este acúmulo, por sua vez, acentua desigualdades econômicas e, conseqüentemente, contradições sociais (Dreher, 2000, p. 14).

A introdução do boi em Israel e o comércio causaram transformações profundas na sociedade. “O desenvolvimento do comércio está diretamente relacionado com a agricultura. Com o aumento da produção e o conseqüente aumento do excedente, o comércio passa a se intensificar mais nas regiões próximas a Jerusalém” (Schmitt, 1994, p. 43). Com o incremento da agricultura e do comércio, a sociedade passou a ser dividida em classes, sendo que uma classe

social enriqueceu por causa do excedente da produção. Essa nova classe mostrou-se disposta a arcar com o ônus da tributação conseqüente da formação do Estado. Pela própria natureza das coisas, via de regra, o Estado passou a garantir a posição econômica do grupo privilegiado. Possivelmente, as pessoas participantes da classe social que empobreceu tornaram-se endividadas e marginalizadas (1Sm 22,2; 25.13). Esses acontecimentos acabaram fazendo surgir o primeiro rei em Israel.

1.4.2. Saul: primeiro rei de Israel

Saul foi o primeiro rei de Israel. Pelos textos bíblicos, três relatos revelam como chegou a sê-lo. O primeiro narra a unção privada de Saul quando procurava as jumentas de seu pai (1Sm 9,1-10,16). No segundo relato, Saul foi indicado como rei por sorteio (1Sm 10,17-27). No terceiro relato, Saul vence os amonitas, comandando um exército de voluntários e, em Gilgal, começa o governo monárquico. De acordo com o costume extra-israelita da época, um rei se empossava definitivamente no cargo depois de ter realizado um feito heróico (1Sm 11). O aspecto militar teve caráter decisivo na escolha de Saul e durante todo o seu reinado houve guerras. Praticamente, Saul foi rei em campo de batalha.

A escolha de Saul foi conseqüência de um pedido expresso do povo, representado pelos anciãos das tribos (1Sm 8,4) e abençoado pelo profeta Samuel. Saul foi designado rei por indicação divina, feito realizado através de um profeta. A nova instituição surge em Israel com conflitos. Temia-se que o reinado pudesse levar novamente à escravidão (1Sm 8,10-17).

A monarquia de Saul não utilizou um aparelho de Estado; as guerras de conquista possibilitaram a formação de chefes militares nas montanhas (1Sm 22,7).

O único detentor de cargo citado pelas fontes é seu tio Abner, com o cargo de comandante do exército popular (1 Sm 14,50; 17,55).

No sistema estatal de Saul não existiu um funcionalismo nem um aparelho administrativo. Sua residência em Gabá era mais uma fortaleza do que um palácio.

É evidente que Saul e seu grupo de soldados são destacados pela comunidade produtora exclusivamente para a organização da defesa contra inimigos externos. Este Estado emergente nada tem a ver com obras públicas ou com a religião. Esta última, em especial, continua tarefa alheia ao rei, que inclusive se indis põe com os líderes tribais por tentar manipulá-la (1Sm 15). A relação contratual está limitada à função militar do rei (Dreher, 2000, p. 12).

A monarquia de Israel era única; Javé continuava sendo considerado o rei supremo do seu povo, e, no começo, não houve uma ruptura com as antigas tradições religiosas. O rei em Israel não era como os reis cananeus; ele estava sujeito às leis de Javé. Conforme a opinião de Pixley (1991, p. 20-30), Javé era o rei das tribos (1Sm 8,7) e superior ao rei. O rei não devia fazer a sua própria vontade e beneplácito; tinha de reinar conforme a lei de Javé. A lei de Javé estava prevista na lei do Sinai e quem expressava a vontade de Javé era o profeta (2Sm 11-12), o que significava que o rei possuía poderes, porém não eram ilimitados.

O comentário de von Rad (1973, p. 313-314) sobre a realeza de Saul é que ela foi quase completamente estéril por dois motivos:

- A vida na corte de Saul em Gabá (1 Sm 20,25) era incomparavelmente mais simples que a de Jerusalém;

- Outras razões são de cunho teológico; a história de Saul foi narrada no período de Davi no livro da ascensão de Davi. O material tradicional sobre Saul é considerável (1Sm 9-31), e os textos que tratam de sua pessoa, de suas relações

com Javé ou de como ele aparece como personagem principal são substancialmente reduzidos.

A fama de Saul correu depressa, mas ele também se tornou logo objeto de gracejos. Passou a ser perante os olhos da fé sobretudo como o ungido que escapou às mãos de Javé, que deixou a cena, que cedeu o lugar a outro, que foi abandonado por Deus, que finalmente desesperado, de alucinação em alucinação, acabou encoberto por funestas trevas (von Rad, 1973, p. 314).

Em 1Sm 15,28.34-35, Saul é rejeitado por Samuel, por ordem de Javé. A decadência de Saul é atribuída à sua instabilidade emocional. Com a decadência de Saul, Davi surge em cena como novo rei.

1.4.3. A monarquia de Davi

Com a morte de Saul e de seu filho Jônatas, Davi, que estava foragido de Saul, regressa a Judá onde foi coroado rei pelos anciãos do povo (2Sm 2,1-4). O herdeiro de Saul, Isbaal governava o trono de Israel. No entanto, as dissensões no reino setentrional irromperam e Isbaal foi assassinado pelos seus assessores (2Sm 4,1-12). Os anciãos de Israel, por meio de um acordo, elegeram Davi o seu novo rei. Davi tornou-se rei de Judá e Israel e logo buscou uma saída emergencial para o dualismo entre os dois reinos. A saída foi a conquista da antiga cidade jebusita, pois “Jerusalém controlava a principal rota norte-sul no interior, mais do que isso, era a junção natural entre o norte e o sul” (Johnson, 1995, p. 66).

Com a conquista de Jerusalém por Davi, este a transformou em novo centro político e religioso (2Sm 5-7). Ali organizou suas forças militares (1Cr 12) e administrativas.

Davi fixou sua residência em Jerusalém e fez dela a “cidade de Davi”, capital administrativa e religiosa do reino. Com grande festividade, ele trasladou a Arca da Aliança para Jerusalém e organizou os levitas (2Sm 6; 1Cr 15,16-24). Sobre a arca e o seu traslado, Fohrer (1982, p. 150), se expressa da seguinte forma:

A arca foi considerada o palácio de Deus que era superior a todos os outros seres de âmbito divino e símbolo da eleição de Davi; em outras palavras, ela adquiriu significado teológico e dinástico.

(...) a transferência da arca teve outro aspecto, que provavelmente revela influência Cananéia: além da oferenda de sacrifícios, ali realizou-se uma solene procissão acompanhada por música e dança cultural, a última executada pelo próprio rei, que exercia função sacerdotal.

Davi, em suas campanhas militares, derrotou os filisteus (2Sm 5,17-25), moabitas, arameus, sírios (2 Sm 8,1-18) e livrou Israel de novas ameaças de seus vizinhos estrangeiros. As novas conquistas alicerçaram e fortaleceram a monarquia.

As numerosas conquistas de Davi transformaram Israel num reino composto de elementos variados. Seu poder consistia por um lado num exército tribal que estava sob o comando de Joabe (2Sm 8,16). Este era chamado de *‘al – hassaba*, “aquele sobre o exército popular”. Por outro lado, o poder estava firmado num grupo de mercenários (2Sm 15,18) que era denominado de *‘hakereti wehappeleti*, “, creteus e os peleteus” um grupo comandado por Benaia. Esta era a constituição da força militar que garantiu muitas vitórias particulares a Davi, como por exemplo, a conquista de Jerusalém.

O poder de comando sobre o grupo de mercenários, que era de propriedade particular do rei, constituía uma área de competência

independente; Davi quis evitar cruzamentos e sobreposições de competências com os exércitos populares (Donner, 1997, p. 236).

Davi, para sustentar seu exército e a burocracia estatal (2Sm 8,16-18 e 20,23-26), impôs pesados tributos sobre os povos dominados, uma vez que as tribos de Israel resistiam a qualquer tipo de tributo.

Os casamentos diplomáticos de Davi lhe trouxeram problemas domésticos. O estupro de Tamar, meio-irmã de Amon, foi vingado por Absalão, seu irmão. Davi não castigou Amon por cometer o incesto que, entre os costumes israelitas, era considerado uma violação. A inimizade que doravante passou a existir entre Davi e Absalão não se apagou, apesar da reconciliação de Davi com o filho (Sm 14, 21-33). O governo de Davi dava margem a muita insatisfação. Absalão reagiu contra a forma de Davi exercer justiça (2Sm 15, 3-4), chegando ao ponto de promover uma revolta popular.

O aparelho administrativo em Israel estava centrado na pessoa do rei e teve como conseqüência a desaprovação de grande parte da população, principalmente das tribos do norte e de seus representantes. Outra medida que gerou descontentamento foi a construção de um império que redundava no alistamento militar obrigatório.

O poder de Davi consistia num exército profissional cujos oficiais tinham de ser recompensados por meio de presentes de terra que podiam transformar em feudos para sustentar seus homens. Mas para doar terra, tinha primeiro de tomá-la, e isto não podia sempre ser feito mediante conquista. Disso resultou a série de revoltas e de conspirações contra seu governo, sendo a mais séria delas dirigida por seu próprio filho Absalão (Johnson, 1995, p.65).

Absalão proclamou-se rei em Hebrom, e conquistou grande parte dos israelitas para o seu lado (2 Sm 15,6). Esse acontecimento demonstrou que Davi perdeu muito de seu prestígio em relação ao povo. “As tribos eram separatistas por instinto. Ressentiam o custo das campanhas de Davi, e talvez ainda mais as tendências centralizadoras que acelerou e o aparato da monarquia oriental...” (Johnson , 1995, p.65).

Durante a batalha no bosque de Efraim, Absalão foi morto por Joabe e Davi retorna para Jerusalém conduzido pelos anciãos da tribo de Judá (2Sm 19). Em seguida ocorre um novo levante comandado por Seba, pois as tribos do norte se julgaram preteridas pelo rei em sua ligação com Judá e Jerusalém. Davi recruta novamente seu exército de mercenários e também o exército popular de Judá, o que provocou uma ruptura no governo de Davi (2Sm 15,20). Joabe sufoca a revolta de Seba e Davi reassume o poder sobre Israel e governa as tribos do norte como tirano.

Ao final de seu governo, Davi viu-se com outro problema: a questão da sucessão. A luta pelo poder gerou disputa entre seus filhos Adonias, o filho mais velho, e Salomão, seu filho com Bate-Seba. Isso levou à formação de partidos opostos dentro do governo de Davi.

A intervenção de Bate-Seba foi determinante para a escolha de Salomão como sucessor de Davi. Salomão foi ungido rei e Adonias e seus partidários se submeteram ao novo governo.

Com isso, pensamos ter exposto os traços básicos da história de Israel desde as origens até o reinado de Davi. No capítulo seguinte procuraremos evidenciar como este personagem tão marcante para a história de Israel é apresentado nos textos bíblicos do gênero “historiografia”.

II – DAVI NAS HISTORIOGRAFIAS BÍBLICAS

Neste capítulo trabalharemos sobre Davi nas historiografias bíblicas. Seguramente, Davi foi o principal rei de Israel; muitas passagens bíblicas expõem minuciosamente a sua história e outras passagens referem-se à sua pessoa. As imagens e as boas razões concernentes ao procedimento de Davi dependeram da circunstância do autor, do tempo e da localidade.

A pessoa do rei Davi agiganta-se nas páginas do Antigo e do Novo Testamento, sendo mencionadas cerca de 1.048 vezes. No Antigo Testamento ele é o assunto primário de 62 capítulos e o autor de 73 salmos. No Novo Testamento figura proeminente em ambos os lados da genealogia de Jesus e no lugar onde este nasceu (...). E, recentemente, baseado nas conquistas históricas do rei Davi, Jerusalém celebrou seu 3.000º aniversário da conquista feita por Davi da cidade dos jebuseus (2Sm 5.7-25) (Price, 2001, p.141).

Tanto os povos quanto as culturas têm a sua forma de expressar suas imagens, conceitos, idéias, símbolos e a sua concepção de Deus.

Como pessoa, e como rei e como pai da dinastia davídica, Davi seguiu uma trajetória sempre ascendente ao longo da história bíblica, até se converter em protótipo do Messias, o futuro rei ideal que haveria de nascer do seu sangue. Adornado de todas as qualidades físicas, morais e espirituais, Davi aparece em 1/2 Samuel com todo o fascínio de um herói legendário: aparência bonita, fiel na amizade, justo e nobre com os inimigos, estadista, poeta e músico. (Lamadrid, 1999, p. 90).

Com o passar do tempo, as tribos em Israel se transformam em nação, que assimilaram novas culturas, abrindo espaço para uma nova sociedade. As cidades cresceram, o comércio incrementou e daí o surgimento da distinção de classes. A época monárquica favoreceu a valorização da escrita. A partir do reinado de Davi, o escriba profissional entra na história de Israel e trabalha para o palácio (2Sm 8,17).

Vários autores bíblicos se empenharam em escrever sobre Davi utilizaram a sua imagem para informar a sua posição religiosa, política, psicológica e familiar para o povo de Israel. Esses autores exprimiram seus pensamentos e tinham seus métodos de procedimento, empregavam formas de expressão que eram comuns ao seu tempo e à sua região.

Os profissionais da escrita comunicaram certas verdades sobre Davi, mas em planos e circunstâncias diferentes. Esses autores por sua vez eram recolhedores e transmissores de temas teológicos e da cultura do povo de Israel.

Antes de entrar na descrição das imagens de Davi nas historiografias bíblicas, procuraremos fazer algumas considerações sobre o conceito de historiografia e historiografia bíblica.

2.1 - Historiografia e historiografia bíblica

O termo historiografia pode ser entendido em dois sentidos:

- *Historiografia é o conjunto de obras concernentes a um assunto histórico...*

- *A história da historiografia deve ser conceituada como a história da história, isto é, o estudo do que se escreveu sobre o passado humano. Com evidente impropriedade etimológica, seria incluída na historiografia a chamada história oral, que tanto pode designar as tradições históricas transmitidas oralmente nos povos sem escritas, como, naqueles que a possuem, o registro escrito, ou por gravação, de depoimentos orais de atores ou testemunhas de acontecimentos históricos (Mirador, 1991, p. 5770).*

Inicialmente as tradições históricas de Israel foram transmitidas oralmente. Foi por volta do século X aC que a escrita se tornou necessária, e a história de Israel misturou-se aos caldeamentos de raças e de civilizações.

Não se deve tratar a literatura de Israel como uma literatura puramente escrita. Ela se enraíza numa tradição oral muito viva, sobretudo em épocas mais recuadas ou em obras que em todos os tempos hauriram na tradição oral seus materiais essenciais. Ora as produções das culturas orais tem suas leis próprias, sobre as quais nada nos informam os literatos do Antigo Oriente, testemunhas de estágios mais avançadas (Feuillet, 1967, p. 133).

Os autores que escreveram sobre Davi possivelmente tinham intenções e idéias para inculcar na memória do povo. Isso é típico da historiografia. Ela sempre carrega determinado “pré” hermenêutico nas formulações. A historiografia sobre Davi procurou levar o povo de Israel a imitar e preservar o seu modelo de vida,

independente de sua condição social e econômica. A visão desses autores era profundamente religiosa, adaptada às circunstâncias em que viviam.

A literatura israelita produzida no período monárquico recebeu certa influência da cultura egípcia. Os escritores bíblicos adotaram variados gêneros literários, embora muitos dentre eles sejam relativos à história, e essa historiografia não foi desinteressada.

Mas no período que se pode chamar clássico (séculos X – VII) somos obrigados a constatar que algumas de suas criações têm traços específicos. Por exemplo, se a “novela” israelita se deixa aproximar da “novela” egípcia, encontramos desde a época de Salomão no relato da sucessão de Davi uma historiografia cujo equivalente de balde procuraríamos no Egito ou na Assíria (Feuillet, 1967, p. 132).

Os israelitas deram muita importância à história em Israel. Para Sicre, no aspecto religioso, “a história é para Israel o lugar do encontro com Deus” (1995, p. 132) e no aspecto político os historiadores escreveram muito sobre o passado pelos seguintes motivos: propaganda política, finalidade didática, exaltação do herói, consciência da importância de recordar certas coisas.

A historiografia sobre Davi é extensamente tratada na Bíblia. E para se ter um melhor domínio da história de Davi, é preciso colocá-la em seu contexto social para uma melhor compreensão de sua mensagem.

Os acontecimentos históricos, o ambiente e a época levaram os autores da Bíblia a escreverem de forma diferente com concepções diferentes sobre os acontecimentos acerca de Davi. É o que se pode constatar nas duas obras históricas distintas; a Obra Historiográfica Deuteronomista e a Obra Historiográfica Cronista.

Na Obra Historiográfica Deuteronomista, Davi aparece com dois traços fundamentais: ora como o herói dependente da intervenção direta de Deus (História da ascensão de Davi), (1Sm 16-2Sm7), ora como o homem vítima de seus erros e paixões sem a intervenção direta de Deus, (História da sucessão ao trono de Davi), (2Sm 9-1Rs 2).

Na Obra Historiográfica Cronista, os autores escreveram tomando por base escritos já constituídos (1 e 2 Reis e 1 e 2 Samuel). Objetivaram dar sentido a uma tese teológica, estabelecendo para o povo de Israel uma estrita observância dos preceitos sagrados.

Segundo os autores cronistas, foi em Davi que o povo de Israel viu a terra de Canaã conquistada. Davi estabeleceu um reino e um império, e por esses feitos ele concluiu as promessas que Abraão recebeu de Javé e os feitos de Moisés, que tirou o povo da escravidão no Egito e os levou à Terra Prometida.

Em 587 aC, a tribo de Judá sucumbiu à investida dos babilônicos e o povo foi deportado. O sentir, o pensar e o agir do povo desmoronaram e era difícil assimilar que as promessas de Deus tinham falhado. Em meio a esse desastre era preciso construir seus paradigmas, voltar ao passado e recordar certas coisas para sobreviver ao desastre.

Os autores ou redatores dedicaram um enorme esforço na compilação de dados do passado, para oferecê-los de um ponto de vista que não é, nem pretende sê-lo o do historiador imparcial, mas o do teólogo com mensagens a transmitir e idéias a inculcar (Sicre, 1995, p. 72).

Os autores, ao escreverem sobre a história de Davi, prescindiram de dados importantes para se compreender os acontecimentos de sua trajetória de vida. A

historiografia que predominou no Antigo Testamento foi a religiosa e teológica, porque a religião era o elemento cultural aglutinador.

Historiografia é uma maneira de escrever a história e de apresentar documentos. A Bíblia por sua vez tem a sua historiografia ou até suas historiografias. A Bíblia apresenta cronologias, narrativas concatenadas e até sínteses históricas, como no caso do livro dos Reis e livro das Crônicas (Cazelles, 1986, p. 17).

Para entender um texto bíblico, ele não deve ser considerado isoladamente. É necessário o estudo de passagens paralelas, podendo haver entre estas uma relação mútua. O contexto, o vocabulário, a gramática e o estilo do escrito são importantes na compreensão de um texto. Os autores da Bíblia utilizaram fontes orais ou escritas e adotaram gêneros literários costumeiros entre os seus contemporâneos.

Com o passar dos séculos, as palavras mudam quanto ao seu uso e significado. A Bíblia foi escrita em uma linguagem humana e com uma mentalidade que não correspondem à da atualidade.

A maneira com que o autor se exprime e, portanto, o gênero literário que emprega, está em função das condições de vida desse meio e dessa época, dos problemas que aí suscitam, dos cânones culturais em uso. Toda obra literária é, em última análise, um diálogo entre o autor e a sociedade de seu tempo; por este motivo o autor deve desdobrar-se às exigências sociais do diálogo. (Feuillet, 1967, p. 128).

A seguir, após conceituarmos a Obra Historiográfica Deuteronomista e posteriormente a Obra Historiográfica Cronista, procuraremos traçar o perfil da imagem ou das imagens de Davi nestas respectivas obras.

2.2 - Obra Historiográfica Deuteronomista

Os escritores do Antigo Testamento escreveram com uma diferença marcante de vocabulário e estilo. O curso do desenvolvimento da religião do antigo Israel é essencialmente histórico. As histórias bíblicas de Josué, Juízes, Samuel e Reis possuem um nexo e o seu conjunto, um significado religioso. Esses livros estão intimamente ligados entre si e apresentam a mesma doutrina e estilo do Deuteronômio, formando com este um corpo literário homogêneo.

As linhas mestras dos acontecimentos do livro de Josué ao livro de Reis retratam o período desde a conquista da terra até o fim da monarquia. Em 587 a.C., o reino de Judá sucumbiu à investida dos babilônios sob Nabucodonosor, resultando na experiência do exílio. A procura da resposta para tamanho fracasso preparou o caminho para a formação da Obra Historiográfica Deuteronomista.

Os autores deuteronomistas julgaram os acontecimentos à luz do Código Deuteronomico (Dt 12-26). Os seus olhos estavam voltados para o passado; a lembrança era a tradição legal anterior e a profecia que foram o remédio utilizado para sobreviver aos sombrios dias no cativeiro. O Código Deuteronomico (Dt 12-26), como constituição no governo de Josias, possivelmente incorporou leis e costumes anteriores, até do Reino do Norte trazido para Jerusalém pelos levitas após a queda do reino de Israel (721 aC), recebendo nova redação e sistematização em Judá, justamente com a finalidade de servir de âncora constitucional para o povo em Judá, após a catástrofe do reino do Norte.

Os últimos estudos sobre o tema afirmam que o material contido no núcleo central do Deuteronômio ou “Protodeuteronômio” tem sua origem no período pré-estatal. Esse material recebeu acréscimos no decorrer da história e foi especialmente retrabalhado no Norte, em meados do século VIII. Com a queda de Samaria, muitos israelitas vieram para o Sul e trouxeram suas tradições. Entre elas veio o material do Deuteronômio que serviu de plataforma para as reformas de Ezequias e Josias (Nakanose, 1996, p. 177).

Essa lei tomou forma no governo de Josias, tendo aí sua redação decisiva, obtendo ainda retoques em épocas posteriores. Importante porém é perceber que esta lei deuteronômica serviu de base e critério para a própria historiografia deuteronomista, conforme afirma Reimer (1998, p. 7)

...na época de Josias, o livro de Deuteronômio tinha servido para uma ampla reforma social e religiosa. Foi como uma espécie de “constituição” para esta época. Os três critérios para orientar a reconstituição histórica do passado do seu povo até a catástrofe do exílio foram os seguintes:

- 1. adoração exclusiva a Javé/Deus,*
- 2. centralização do culto em Jerusalém,*
- 3. solidariedade com os pobres*

Além do código deuteronômico como critério e base, a historiografia deuteronomista utilizou outras fontes. Sobre isso existe ampla discussão na pesquisa. É o que veremos a seguir.

2.2.1 - Obra Historiográfica Deuteronomista: datação e fontes

Sobre a origem, época da redação e fontes da Obra Histórica Deuteronomista existem opiniões muito distintas na pesquisa. Aqui procuraremos situar algumas posições.

Seguindo a tese de Martin Noth, Sicre (1995, p. 135) escreveu que a Obra Histórica Deuteronomista se baseia nos princípios teológicos do Deuterônômio. É uma história que vai desde o século XIII até o ano 561 aC. Muitos autores entenderam que os livros de Deuterônômio, Josué, Juízes, Samuel e Reis formaram a Obra Historiográfica Deuteronomista. O principal formulador dessa teoria é justamente o alemão Martin Noth.

Para Noth, a história deuteronomista era uma obra unitária, redigida por um só autor, durante a época do exílio babilônico e teria sido escrita em Samaria, embora reconheça e aceite acréscimos posteriores. Atualmente, a idéia de um só autor e uma só edição está quase descartada na pesquisa.

Sicre (1995, p. 157) tem como autêntico que a obra deuteronomista foi completada e atualizada no exílio. Esta segunda edição teria sido um trabalho de um só autor. Outros autores concluíram que durante o exílio houve duas edições sucessivas, uma feita com mentalidade profética, outra com influência levítica. Isso foi defendido sobretudo pelo alemão Alfred Jepsen.

Schmidt (1994, p.137) concorda com Noth que a Obra Historiográfica Deuteronomista tenha se baseado em contextos narrativos já existentes e que acolheu as mais variadas tradições. Para ele, a obra deuteronomista foi escrita na época do exílio, provavelmente na Palestina. Ele corrige a opinião de Noth, supondo que houve mais de um redator, continuando a escola. Isso explicaria as irregularidades e as complementações da obra.

A novidade da tese de Noth é que antes do exílio não teriam existido livros independentes, nem tampouco documentos do estilo Javista e Eloísta que falassem sobre o longo período que vai desde os Juízes à monarquia. Só teriam existido fragmentos isolados e pequenas obras (hipótese dos fragmentos) que um autor exílico teria utilizado para compor a história deuteronomista. A história deuteronomista representaria a primeira tentativa séria de historiografia dentro de Israel.

Para Noth, o autor deuteronomista não se limitou a recolher antigas tradições ou reelaborar alguns fragmentos. Ele completou a Obra Historiográfica Deuteronomista com dados próprios do Deuterônomo (1,1-3,29). Os autores deuteronomistas teriam levado a cabo uma autêntica obra de composição, harmonizando os dados prévios, o que teria dado ao conjunto um toque pessoal.

Conforme Sicre (1995, p.161), muitos autores atuais concordam com Noth com relação à idéia de que os deuteronomistas utilizaram fragmentos prévios. Citam-se: a história da arca, subida de Davi ao trono, história da sucessão (2Sm 9-1Rs 2), tradições de Elias e Eliseu (1Rs 17-2Rs 4), etc.

O norte-americano Frank M. Cross concorda com Noth sobre a idéia de fragmentos, porém não aceita que a redação final da obra seja de um só autor no exílio. Ele defende a dupla redação, uma edição no tempo de Josias e uma segunda no exílio, sem descartar acréscimos posteriores. O alemão Rudolph Smend e seus discípulos postulam três edições, todas durante o exílio ou logo depois dele.

Segundo Rendtorff, “o autor da obra historiográfica deuteronomista, o deuteronomista, é um colecionador, que compilou e redigiu as tradições que encontrou, sob determinados pontos de vista” (1979, p.19). Para ele, a Obra

Historiográfica Deuteronomista não contém historiografia no sentido moderno, mas interpreta a história a partir de um determinado ponto de partida teológico.

Cazelles (1986) analisou a Obra Historiográfica Deuteronomista sob duplo aspecto. Segundo o autor, a obra é muito inteligente pela utilização das fontes urbanas, oficiais e populares pela utilização dos ciclos sobre os profetas itinerantes como Elias e Eliseu.

Trata-se de uma obra muito recente, que é centrada sobre o Templo de Jerusalém, mas está em estreita conexão com a historiografia profética do século precedente. Utiliza também modelos babilônicos pelo fato de julgar os reis de acordo com sua fidelidade ou infidelidade para com o santuário nacional ou pelo fato de tentar uma história sincrônica dos dois reinos (Cazelles, 1986, p. 66).

Conforme Reimer (1998, p.6), os redatores e redadoras da Obra Historiográfica Deuteronomista foram sobretudo “gente simples” da terra, pessoas ligadas a círculos proféticos, levitas e ao povo da terra.

A motivação para escrever e organizar a história do povo é sobretudo uma pergunta teológica de ordem profundamente existencial. A pergunta norteadora é: porque Deus Javé fez cair sobre o povo a desgraça do exílio e da perda da autonomia política sobre a terra outrora dada pelo próprio Deus? (Reimer, 1998, p. 6-7).

A redação da Obra Historiográfica Deuteronomista compilou escritos de épocas anteriores: narrações populares, lista de líderes carismáticos e suas realizações, lista de posse da terra, anais dos reis Judá/Israel, orações e Salmos.

Quanto ao propósito da Obra Historiográfica Deuteronomista, Sicre (1995, p. 160-161) escreveu que para Noth o livro de Deuterônômio ofereceu as chaves de interpretação e avaliação da história: fé em um só Deus e aceitação de um só lugar para o culto. Os autores têm uma mensagem seca e cortante. Tudo é consequência do pecado do povo israelita e não há muita esperança para o futuro. O estilo do autor deuteronomista declara a eleição de Israel por Deus e este, em troca, exige fidelidade e obediência. A desobediência aos mandamentos e ordenações de Deus trouxe como consequência a deportação, que foi interpretada como um castigo sobre o povo israelita.

No todo, portanto, os critérios da Obra Historiográfica Deuteronomista são bastante unilaterais. Não se fala em transgressões éticas ou políticas, das injustiças sociais que os profetas criticam, por via de regra se mencionam apenas transgressões cúlticas-apostasia e adoração de deuses estranhos, transgressões do primeiro e segundo mandamento, unidade e pureza cúltica. Todavia, a obra pode ser comparada à mensagem profética ao limitar-se mais a indicar desvios do que a exortar à conduta correta (Schmidt, 1994, p. 140).

É ainda Schmidt quem afirma:

A redação da denúncia a transgressões religiosas-cúlticas em contraposição à proclamação profética chama ainda mais a atenção porque a Obra Historiográfica Deuteronomista reserva amplo espaço, pelo menos na sua versão final, à narrativa dos profetas. Ela atribui aos profetas grande destaque na interpretação do transcurso da história (Schmidt, 1994, p. 141).

Quanto à finalidade ou querigma da obra, existe um amplo debate. Gerhard von Rad via na libertação de Joaquim uma mensagem final de esperança. Hans Walter Wolff entendia isso como um chamado à conversão. Frank Moore Cross fala de finalidades distintas: a primeira edição teria uma chamada à conversão, sem esquecer o aspecto de propaganda política no tempo de Josias a segunda edição, a do exílio, teria uma visão pessimista.

...os acontecimentos atropelam o cotidiano das pessoas. Estes acontecimentos geram posicionamentos distintos nas pessoas. Elas podem estar abertas ou fechadas aos acontecimentos. Assim, dentro de um mesmo grupo encontramos leituras ambíguas, contraditórias, diferentes de um mesmo fato, de um mesmo acontecimento (Orofino, 1994, p. 38).

De qualquer forma, a pesquisa evidencia, apesar das divergências, que a Obra Historiográfica Deuteronomista é uma obra que incorpora partes e fragmentos anteriores, submetidos à lógica teológica dos autores deuteronomistas.

Na Obra Historiográfica Deuteronomista destacam-se sobretudo dois complexos literários maiores que acolheram muitas tradições sobre Davi. Trata-se da História da Ascensão de Davi (1Sm 16-2 Sm 7) e da História da Sucessão de Davi (2Sm 9-1 Rs2), que enfocaremos a seguir.

2.2.2 - Davi na História da Ascensão (1Sm 16-2 Sm 7)

O texto de 1 Sm 16 a 2 Sm 7 oferece uma variedade de projeções das imagens de Davi dentro da Obra Historiográfica Deuteronomista. O conteúdo da

história da ascensão de Davi ao trono não é homogêneo e unitário; são visíveis as tensões e redações paralelas. “O texto de 1 e 2 Samuel tem sido conservado na recensão dos massoretas em piores condições do que qualquer outro livro da Bíblia” (Archer, 1986, p. 210). Os principais acontecimentos giram em torno de Davi, sendo que a sua figura é apresentada pelos autores deuteronomistas como magnânimo e paciente; por outro, lado Saul é apresentado como um personagem invejoso, instável e reprovado por Deus.

Enfim alguns fatos parecem se repetir: o acesso de Saul à realeza, entrada de Davi a seu serviço, sua fuga são apresentadas duas vezes de modo diferente. Vale a pena considerá-las mais de perto, porque estes desencontros acusam o caráter composto do livro e permitem discernir os diversos conjuntos literários que aí se acham reunidos (Feuillet 1967, p. 415).

No que tange ao modo de organização da história da ascensão de Davi pelos deuteronomistas, Gottwald (1988, p. 295) ressalta que as fontes utilizadas podem ser divididas em duas espécies de materiais:

1- Documentação político-histórica analítica, que são informações sobre a administração política, assuntos militares, política exterior, atividades econômicas, operações de construção e medidas religiosas que constituem o esqueleto da escrita histórica.

2- Tradições literárias mescladas na forma de sagas ou lendas, novelas, narrações proféticas, narrativas do templo e poemas. Essas narrações tendem a refletir interesses estéticos e culturais, representam as impressões feitas por líderes ou movimentos históricos sobre subgrupos dentro da comunidade.

Sobre o caráter da História da Ascensão de Davi, Gottwald, com o apoio da leitura sociológica, comparou a história da ascensão de Davi a um gênero da historiografia hitita.

A apologia hitita é composta para um rei que usurpou o trono a fim de defender ou justificar a sua apropriação da realeza. Ele partilha vários temas com a apologia de Davi: sucessos militares no início, como comandante acreditado do seu predecessor régio, popularidade e apoio entre o povo... bem como a proteção especial da divindade como a razão da ascensão ao trono (1988, p. 300).

Quanto à intencionalidade dos autores deuteronomistas em relação à história da ascensão de Davi, Sicre nos diz que:

O autor da “História da subida ao trono” deseja eliminar qualquer equívoco. É um partidário acérrimo de Davi e inimigo inflamado de Saul. Sua obra, carregada de intenção política, responde às três possíveis acusações e justifica a legitimidade da descendência (2000, p. 60).

Ainda segundo Sicre (1995, p. 60-63), o conteúdo da Obra Historiográfica Deuteronomista confirma uma exposição homogênea na narrativa da ascensão de Davi (1 Sm 16-2 Sm 7). A imagem de Davi é equilibrada; não se deixa entrever os grandes problemas políticos que a obra encerra; é uma história que procura advogar a imagem de Davi.

Para Sicre, o autor deuteronomista procurou defender as possíveis acusações contra a pessoa de Davi, ressaltando três pontos de vista: histórico, psicológico e teológico.

Em nível histórico, Davi nunca se atreveu contra a vida de Saul, embora em duas ocasiões pudesse ter acabado com a sua vida (1Sm 24-26). Em 1Sm 20, quando Davi fugia de Saul para salvar a sua vida, os escritores narram que era evidente que ele estava destinado ao trono e era reconhecido pelo próprio filho de Saul que faz com Davi uma aliança (1 Sm 24, 20-22).

Em nível psicológico, o autor insiste que a culpa da rivalidade entre Davi e Saul é deste que se mostra invejoso (1Sm 18, 10–11; 19,10), faz-lhe uma armadilha, é seu inimigo (1Sm 24, 18-22; 26, 21.25). A imagem de Saul aparece sob dois aspectos distintos: ora Saul o perseguia insistentemente (1 Sm 23, 14); ora reconhecia sua vulnerabilidade e insanidade (1 Sm 24, 16-19).

Em nível teológico, Davi chegou a ser rei não por haver conspirado contra Saul, mas porque Deus estava com ele e lhe prometera o reino (1Sm 16, 13.18; 18, 12.14, etc). A opinião do autor é que Davi em todo o tempo tem uma posição correta diante de Saul e de seus descendentes (2 Sm 3,1). A diferença capital é que Deus guia a Davi e é reconhecido como tal por distintos personagens (1 Sm 17,37; 20,13.23; 22,3; 23,12.14).

A história da ascensão é caracterizada por uma linha descendente e outra ascendente. Saul e os seus, um a um, vão enfraquecendo e morrendo. Davi e os seus, vez por vez, se vão fortalecendo (...) A história da ascensão apresenta o reinado, ao menos em parte, sob a ótica e teologia populares. Daí se compreende a idealização de Davi. (Schwantes, 1982, p. 100).

O texto bíblico de 1 Sm 16 a 2 Sm 7 apresenta a narrativa da ascensão de Davi ao trono e suas relações com Saul. Nestas passagens há algumas variantes das imagens de Davi. De fato, os autores deuteronomistas desfilam novas matizes na figura de Davi em diferentes circunstâncias. Esses autores trabalham

minuciosamente sua imagem sempre em escala ascendente. A dependência de Davi em relação a Deus é obviamente a chave para compreensão de sua ascensão e uma coisa é evidente: é Deus quem o legitima.

Dentro da História da Ascensão, Davi aparece em várias facetas. A seguir, sem esgotar o tema, queremos destacar algumas destas imagens.

a) Davi como jovem pastor- No início do livro de Samuel, Davi é apresentado como um jovem pastor, ruivo e de bela aparência, que morava no pequeno povoado de Belém (1Sm 3, 3-13). “Os pastores têm uma participação importante na tradição bíblica. Os patriarcas e Davi eram pastores” (Bailão, 1994, p.32). Ele foi escolhido por Deus, tirado das pastagens (Sl 78,70) e ungido por Samuel para ser o futuro rei de Israel.

b) Davi como músico- Davi é chamado à corte (1 Sm 16, 14-23) como músico, e com qualidades de um rei. Davi é apresentado como homem valente, guerreiro, de poucas palavras e Deus é com ele (1 Sm 16,18). Sua função na corte é tranquilizar com a sua música o espírito perturbado de Saul. Os autores realçam a figura atormentada de Saul (1 Sm 16, 23).

Samuel após ungir Saul lhe diz: “... encontrarás um grupo de profetas que descem do alto, precedidos de saltério e tambores e flautas e harpas, e eles estarão profetizando” (1Sm 10, 5-13). Nessas conversa entre Samuel com Saul, os profetas citados são chamados de profetas ocasionais como Balaão (Nm 24,2), eram profetas do campo, os profetas extáticos, que buscavam na música, na dança o êxtase, o delírio divino. Saul já conhecia os benefícios da música e possivelmente foi esta a razão de convocar a Davi para ajudá-lo na recuperação de seu bem estar.

c) Davi como escudeiro- Em íntima relação com a imagem de músico, encontra-se a imagem de Davi como escudeiro. Ele entrou na presença do rei como músico (1 Sm 16,16) e na seqüência cronológica do texto Davi tornou-se o escudeiro de Saul (1 Sm 16,21) por conquistar a sua afeição .

d) Davi como guerreiro- Segundo 1 Sm 17,12-30, 17,32-53, 17,55-58, Davi era um simples desconhecido que vai visitar os irmãos no acampamento e lá se defronta com o desafio de Golias, e logra sua primeira grande façanha militar. Davi não estava no acampamento para lutar. Ele foi enviado pelo pai para obter notícias sobre os seus irmãos mais velhos e ouve o desafio do Golias cuja altura e aparência são descritos com detalhes ameaçadores pelo autor (1Sm 17,4). As ameaças de Golias afrontam o Deus de Israel (1 Sm 17,26). Assim, tematicamente é justificada a reação de Davi (1 Sm 17,32) em propor lutar contra o gigante. Segundo o texto, Davi mostrou-se decidido e brilhante apesar de ser jovem para lutar no exército.

A vitória de Davi sobre Golias deu-lhe reconhecimento nacional e o rei o toma a seu serviço, e as mulheres saúdam a Davi colocando-o acima de Saul (1 Sm 18,7). Saul costumava convocar a todos os homens fortes e valentes.

Historicamente, o aparecimento de Davi na corte de Saul foi relatado por duas tradições; como músico e como guerreiro. Apesar das duas versões, parece que Davi serviu a Saul em períodos diferentes. Em 1Sm 16-31, Saul é apresentado como ciumento e tirano e a popularidade de Davi atraiu a sua inveja. O carisma de Davi conquistou a amizade de Jônatas e Mical, filhos de Saul e o favor do povo (1 Sm 18,21); sua coragem e intrepidez abriu caminho para casar-se com Mical (1 Sm 18,

10-30) e, mais tarde, com a trágica morte de Saul e de seus filhos, obteve o direito ao trono (1 Sm 18, 17-30).

As expressões de amor e simpatia por Davi, o realce que recebem suas nobres qualidades, e sua eleição divina como condutor (1Sm 13, 14), são todos recursos editoriais mediante os quais o Deuteronomista anuncia a ascensão de Davi ao trono (Lamadrid, 1999, p. 80)

e) Davi como fugitivo e bandoleiro- Saul perseguiu a Davi, julgando ter nele um rival, embora o reconhecesse como o seu sucessor (1Sm 23,17). Davi foge para o deserto de Judá (1Sm 22,1) onde se reúnem em torno dele um bando de proscritos. Esses homens que se juntaram a Davi, foi o grupo de homens empobrecidos e marginalizados pelas desigualdades sociais ocorridas na sociedade de Israel. “Eles formam o grupo com o qual Davi organiza o seu exército mercenário e que o acompanhará até o final de sua vida” (Bailão, 1994, p. 34). Ele tornou-se um chefe de mercenários e logo acabou se refugiando entre os filisteus. Aquis, um dos príncipes dos filisteus, reconheceu-o como rei do povo de Israel (1Sm 21,11). Davi servia-os como vassalo, mas, simultaneamente, trabalhava para ganhar o favor dos anciãos de Judá (1Sm 30,26). Junto com o seu grupo aluga suas armas aos residentes da região, protegendo suas propriedades em troca de auxílio que era igual a tributo (1Sm 25). Com a cobrança de seus serviços há indícios de que uma nova cultura em Israel estava surgindo, o modo de produção tributário. Davi e seu exército de mercenários prestavam aos grandes proprietários uma defesa eficaz e constante, nestas circunstâncias era uma relação de troca baseada na cobrança de tributo.

Nesse período, Davi casou-se com Ainoã, do Jezreel meridional (1Sm 25,4) e Abigail, viúva de Nabal (1Sm 25,2-4). Ambas as mulheres eram influentes, o que lhe dava poder político e econômico. Abigail era mulher rica e inteligente e antes da morte de Nabal pronuncia a Davi a sua eleição como rei (1 Sm 5,30).

Davi foge errante das perseguições de Saul e poupa mais de uma vez a vida de Saul (1 Sm 24, 4b-23. 26,1-25).

Os filisteus preparam novo ataque contra Israel e no confronto morre Saul e seu filho Jônatas. Davi regressa a Hebron e publicamente é ungido rei pela tribo de Judá (2Sm 2,4). Foi uma coroação planejada há muito tempo, pois ele era conhecido dos clãs da região. A cidade de Hebron foi o “centro da aliança tribal, agregador da vida de judaíta” (Bailão, 1994, p. 34). Davi havia dado proteção aos proprietários de terra e compartilhado com eles dos despojos de guerra (1Sm 30,26-31). Os filisteus não se incomodaram com a nova posição de Davi. É possível que ele tivesse continuado como vassalo (1Sm 27,12).

Em Hebron os judeus sagraram Davi rei de Judá; enquanto o filho de Saul, Isboset, foi feito rei de Israel. A luta entre os dois partidos tornou-se depressa desigual. Abner, general de Isboset, se uniu a casa de Davi. Depois dos assassinatos oportunos, embora censurados por Davi, de Abner e de Isboset, as tribos do Norte lhe oferecem por sua vez a coroa e ele é ungido rei de Israel (Feuillet, 1967, p. 414).

A redação deuteronomista narra que Saul perdeu o trono por desobediência a Deus (1Sm 13.14.15) e Davi foi escolhido e ungido ainda jovem para ser rei em Israel (1Sm16–1-13). Sua trajetória é ascendente; a narração o exime de qualquer envolvimento nas mortes de Saul, de seus filhos e de Abner (general de Isboset); era Deus quem havia rejeitado a Saul e seus descendentes. Por um propósito divino

Davi chegou ao trono e recebeu uma aliança eterna (2Sm 7,16). Assim é apresentado pelos deuteronomistas.

A narrativa da ascensão de Davi é uma exposição bastante homogênea e sem lacunas. Enquanto por um lado, ela apresenta Saul sob uma luz negativa, ao contrário da narrativa benjaminita, e justifica essa atitude, mostrando que Javé se afastou dele, por outro lado, com relação a Davi, ela é isenta de exageros (Sellin, 1977, p. 310).

Segundo Bailão (1994), a ascensão de Davi ao trono está ligada ao davidismo que já existia na tribo de Judá. Era uma expectativa utópica que favoreceu a sua ascensão primeiro em Judá, depois em todo o Israel. A utopia judaíta apresenta uma série de características que foram fruto da aliança entre três grupos: a cidade, os agricultores e os pastores. As características estão expressas em Gn 49, 8-12 e são as seguintes:

a) A tribo de Judá era um grupo formado pelos calebitas, otonielitas e levitas. Eles desejavam a supremacia sobre os seus “irmãos”, ou seja havia uma expectativa entre eles que os variados grupos em Israel se uniriam em torno da tribo de Judá (Bailão, 1994, p. 33);

b) Os judaítas acreditavam e desejavam dominar os seus inimigos: “Tua mão está na nuca dos teus inimigos” (Gn 49, 8b). Este domínio significava conquistar e essa conquista lhes daria o direito de espoliar os povos vizinhos (Bailão, 1994, p. 33).

c) A tribo de Judá aguardava um grande líder que conduzisse o povo para a conquista de seus anseios coletivos, “Não se afastará o cetro de Judá, nem o bastão de comando de entre seus pés até que venha silo, e a ele a obediência dos povos”,

(Gn 49,10). O termo silo é de significado incerto, mas o texto deixa claro que se aguardava uma pessoa, a quem os povos se submeterão (Bailão,1994, p. 33).

d) Os judaítas criam na prosperidade agro-pastoril e não teriam que reparti-lo com os vizinhos saqueadores ou com governantes espoliadores (Bailão,1994, p. 34).

Davi demonstrou responder aos anseios da tribo de Judá. Ele foi uma tentativa bem sucedida que confirmou as suas expectativas expressas em Gênesis 49, 8-12, dando-lhes segurança e fé.

2.2.3 - Davi na História da Sucessão (2 Sm 9-1 Rs 2)

A partir de 2 Sm 9 começa a história da família de Davi. Essa narrativa se estende até 1 Rs 2, que contém o fim da história da sucessão ao trono de Davi. Aqui se trata mais propriamente das peripécias relacionadas à sucessão de Davi no trono.

Sobre a história da sucessão no trono de Davi, temos em mãos uma obra historiográfica excelente, possivelmente contemporânea em seu cerne, que foi inserida no conjunto da exposição deuteronomista da história de Israel: 2 Sm (7) 9-20 e 1 Rs 1-2. Ela descreve os acontecimentos desencadeados, durante o tempo de vida de Davi e logo após sua morte, pelos problemas da sucessão no trono e responde à pergunta de como, após consideráveis dificuldades e desvios, ocorreu o estabelecimento da dinastia davídica (Donner, 1997, p. 240 e 241).

Por todos os aspectos da narrativa da sucessão ao trono, pressupõe-se que o autor foi testemunha ocular dos acontecimentos. “Os críticos, no seu conjunto, reconhecem nesta crônica a obra de um homem notavelmente informado, que

escreve numa data muito próxima dos fatos” (Feuillet, 1967, p. 416). Em detalhes, o narrador expõe os diálogos, descreve os motivos e as disposições mentais transformando as cenas em descrições vivas e objetivas.

A narrativa da sucessão no trono de Davi constitui, do princípio ao fim, salvo raras inserções, uma unidade literária. Nisto difere das grandes exposições que temos analisado até aqui e que constituíram evidentemente, a partir de uma quantidade enorme de unidades, histórias originariamente independentes. Sob o aspecto literário, pois, é uma exposição histórica com certas pretensões. Sua coesão quase perfeita garante uma unidade espiritual e teológica bem maior que era possível em escritos compostos de fragmentos que já traziam, cada um deles, sua marca individual (von Rad, 1973, p.303).

Davi construiu um governo onde quase todos os setores estavam centralizados na sua pessoa. Isso suscitou mais tarde o problema da sucessão. Davi tinha muitos filhos com diferentes mulheres e durante quase todo o seu reinado não se manifestou a favor de nenhum deles. Essa atitude provocou rivalidade dos príncipes entre si e em Israel havia o costume de seguir uma liderança carismática. Começa a disputa entre seus filhos para convencer o povo qual deles era o próximo a exercer a função pai (2Sm 15,1-6,1 Rs 1,5). Para dar continuidade à dinastia teria de ter uma instituição e esta deveria ser estabelecida pela vontade designativa de Javé. Surge a partir de então a ideologia real que legitimou Davi como filho de Javé e assegurou a sua continuidade.

Está bem claro que o tipo e o caráter da estrutura do reino davídico praticamente impunha uma consolidação institucional da monarquia nos moldes de uma dinastia assim. Davi esteve confrontado com o problema de sua sucessão, ao menos desde o momento em que seu

reino se completou e ele estava destinado a ser o único problema que, em sua brilhante carreira ele não conseguiu resolver a contento (Donner, 1997, p. 240).

Após a morte de Saul pairava uma suspeita, tendo em vista que os filisteus foram grandes inimigos do povo de Israel. Havia os que acreditavam que conspirou contra os sucessores de Saul, eram parentes do rei como foi Simei (2Sm 16, 5-8). O povo do norte só pediu-lhe que fosse rei de Israel depois que Isbaal e Abner foram assassinados em circunstâncias estranhas.

As tendências centralizadoras, o sistema de distribuição, a administração que apresentava chancelaria, secretariado, um harém, a corvéia e uma corte sofisticada, provocou desestrutura na infra-estrutura tribal e empobrecimento dos camponeses. Esses acontecimentos ocasionaram vários movimentos de rebelião no meio das tribos (2Sm 20,1). Havia entre os familiares de Saul os que duvidavam do seu comportamento (2Sm 3,1). Apesar de Davi ser casado com Mical, filha de Saul, eles não tiveram filhos. Isso minou as esperanças de ganhar a simpatia dos seguidores de Saul. Pairava a suspeita que ele havia conspirado para ser rei (2 Sm 16,8).

Davi não lançou tributos sobre as tribos de Israel, mas o recenseamento trouxe fundamentos de uma reorganização fiscal, como também o recrutamento que buscou contingentes israelitas para servir no exército com baixo custo, o que afetava as forças de produção. As tribos do norte acreditavam que ele teria favorecido a tribo de Judá (2Sm 19,41-44).

Entre os reinos do Norte e do Sul existiam diferenças e tensões de ordem teológica, institucional, social e econômica. As tribos do Norte tinham suas preferências pelas antigas tradições (o binômio “Moisés-Sinai”). Parecia-lhes que a monarquia dinástica introduzida por Davi

não respeitava suficientemente os direitos do povo, posto que não tinha voz na hora de eleger reis. Eles viam-se submetidos a trabalhos forçados (1Rs 5,27-32; 9,15-21), serviços próprios de escravos e prisioneiros de guerra. Enfim sentiam-se discriminados (Lamadrid, 1996, p. 83).

Davi cometeu diversas falhas e se mostrou fraco para com seus filhos, o que revelou um exemplo negativo. A rebelião de Absalão, filho de Davi, começou com um incesto. Ammon, filho mais velho, enamorou-se de sua meio irmã Tammar. Ele a violentou e depois a humilhou. Davi não repreendeu ao filho, atitude que levou Absalão à indignação e tramar a morte do irmão. Após dois anos, Absalão assassinou Ammon a sangue frio. Para Lamadrid (1996, p. 82), “o núcleo principal da história da sucessão é formado pela seção de Absalão”. A rebelião de Absalão provocou uma série de crises e dissensões que colocaram em jogo a estabilidade do rei Davi e do seu reino.

Absalão ficou afastado do país por três anos, indo para junto do seu avô paterno e aguardando que a ira do pai aplacasse. Voltou graças à interferência de Joab (2Sm 14, 1-23). Davi não o recebeu na corte por mais dois anos. Logo depois, Absalão começou a planejar uma rebelião, mostrando-se simpático aos problemas do povo, ouvindo suas queixas e conquistando as graças e a aprovação dos israelitas (2Sm 15,1-6). Mentiu para o pai alegando o cumprimento de um voto. Foi para Hebrom e lá se ungiu rei, o que pode ter sido uma surpresa para Davi. Muitas pessoas apoiavam a Absalão, inclusive os familiares de Saul. Ele aproveitou-se das queixas do povo e ganhou adeptos em Judá e até entre os conselheiros de seu pai. Aitofel era avô de Bate-Seba e ele provavelmente não perdoou a Davi por ter seduzido sua neta e ordenado a morte do seu marido Urias.

Nem todos apoiaram a Absalão, que era um iniciante. Davi tinha a seu favor a maior parte da corte, as autoridades sacerdotais e sua tropa pessoal. Um conselho derrotou Absalão. Entre Husai e Aitofel, Absalão optou por ouvir a Husai que o orientou a mobilizar todo o exército popular de Judá e Israel e derrotar o rei Davi e seu exército em campo aberto (2Sm 17).

A batalha ocorre na floresta de Efraim (2 Sm 18). Davi ficou em Maanaim, enviando Joab, general do seu exército de mercenários, para lutar contra Absalão. Na batalha, Absalão e seus seguidores são derrotados. Ainda neste confronto entre Joab e Absalão, Joab mata Absalão com uma facada, desobedecendo à ordem expressa do rei Davi para poupar a vida de Absalão. Com este ato, a rebelião chegou ao fim.

Com a vitória, Davi se prepara para retornar a Jerusalém. A tribo de Judá tinha dado apoio ao filho rebelde. Ainda assim, Davi aceitou ser conduzido para Jerusalém pela casa de Judá, tratando-os com cordialidade (2Sm 19,12).

Nesse momento desenvolveu-se outro levante iniciado por Seba, um benjaminita que se declarou em oposição ao rei. Davi, então, convoca Amasa para suprimir a rebelião. E promete a ele que iria colocá-lo no lugar de Joab, pois este tinha assassinado Absalão contra a sua expressa ordem. Esse levante evidenciava que Israel do norte tinha receios contra a monarquia. Como Amasa estava demorando, o rei enviou suas tropas pessoais. Quando Amasa aparece com sua tropa, Joab mata-o com sua espada traiçoeiramente e retoma o comando.

O emprego da violência evidenciou a fragilidade da unidade do norte com o sul, uma previsão da futura divisão. E a imagem de Davi saiu prejudicada; para alguns era o rei, para outros, um tirano.

O drama da sucessão davídica perdurou. Davi envelheceu e não se manifestava a favor de nenhum de seus filhos. A sua atitude reservada provocou a rivalidade entre os herdeiros. Com a morte de Amon e Absalão, Adonias, filho de Davi, era o próximo na linha de sucessão e acreditava ser o herdeiro da coroa. Ele contava com o apoio de Joab que não mais contava com a estima de Davi e do sacerdote Abiatar. Estes eram influentes conservadores e providenciariam para que ele fosse ungido rei.

Salomão era filho de Bate Seba que descendia da nobreza cidadina jebusita de Jerusalém. Seus interesses eram defendidos por Zadoque, Natã e Benaia. A atitude de Adonias em se proclamar rei levou-os a pedir a Davi que agisse rápido e tomasse uma decisão a favor de Salomão. É possível que ele prometeu a Bate Seba o trono para seu filho (1Rs1,17). O rei consagrou a Salomão ordenando a sua tropa que o escoltasse e o ungiu em Giom (1Rs 1,38-40). A população de Jerusalém se juntou na celebração pública; Salomão não apresentava dons carismáticos, mas é convocado pelo pai a obedecer à lei de Moisés (1 Rs 2 ,1-12).

Salomão, ao assumir o trono, procurou eliminar qualquer possível conspirador. Adonias, após a tentativa frustrada de sua coroação, pede indulto ao rei, mas logo reivindica a Abisague como esposa, com este gesto procurava dar ao povo a impressão de ser ele o verdadeiro rei. Abisague era considerada esposa do falecido rei Davi. Salomão aproveitou-se do fato e mandou executar a seu irmão. Abiatar foi banido para Anatote. Joab foi executado e Simei ficou sob livramento condicional. Salomão chegou ao poder com um império já formado. Com ele, iniciou a dinastia davídica da família de Judá.

O amor e o ódio, as intrigas, a ambição, as humilhações, a astúcia e as provas de verdadeira fidelidade desfilam diante do leitor pensativo, sem que se censure as suas sombras ou se exalte a sua luz. O historiador conservou sempre a sua liberdade em face do rei, aquele que era absolutamente único em todo o Oriente Próximo. Não procurou manter artificialmente a tenção do leitor. Fugiu do sensacionalismo e da prolixidade. Guardou, em sua obra, o espírito de perfeita distinção (von Rad, 1973, p.304).

Na narrativa da sucessão von Rad (1973, p. 304) afirmou que o historiador teve a intenção de familiarizar o leitor com a complexidade política do novo reino, sendo que Davi foi “o homem de violentos contrastes”.

2.2.4 - Conclusão

A história da ascensão e a história da sucessão de Davi nos permitem concluir que elas não seguiram juntas uma linha única e reta do começo até o final. A narrativa da ascensão de Davi segue uma linha sempre ascendente do personagem. Ela constitui o maior arsenal de dados sobre a trajetória de Davi junto ao rei Saul, sua vida na corte, passando pela perseguição do rei, sua fuga para o país de Gat e suas relações de vassalagens junto aos filisteus até a morte de Saul, quando então retorna para a sua terra e se torna rei das tribos de Judá e sete anos mais tarde de todo o Israel.

As divergências na narrativa da ascensão de Davi delineiam redações paralelas e em alguns casos versões diferentes, que sugerem uma reavaliação da imagem positiva do pastor que chegou ao reinado em Israel.

Nos capítulos 16-22 de 1 Sm encontramos vários relatos duplicados ou triplicados que apontam sempre na mesma direção: exaltação de Davi e humilhação de Saul. Por três vezes Davi toca sua lira para alegrar Saul, que reage agressivamente. Em duas ocasiões, Saul oferece a Davi alguma de suas filhas em casamento. As intervenções de Jônatas, filho de Saul, a favor de Davi, repetem-se várias vezes. Em diversas ocasiões, Davi foge de Saul, e por duas vezes se recusa a matá-lo. Por duas vezes procurou refugiar-se no país de Aquis, rei de Gat... Todos esses desdobramentos e repetições formam uma barreira de relatos que giram em torno do mesmo eixo central: a ascensão de Davi e o declínio de Saul (Lamadrid, 1996, p. 80-81).

Antes de Davi ser elevado ao trono, Saul tomou atitudes cruciais que não tiveram apenas conseqüências políticas, militares e religiosas em Israel, mas também um efeito significativo sobre a história de Davi. Na hora de comparar estes dois personagens, são significativos os feitos de Davi quando se tornou rei em Israel. Ele organizou o exército, trouxe a arca para Jerusalém transformando-a centro político e religioso e herdeiro das promessas de Deus na questão sucessória. As vozes críticas e negativas em relação a Saul são características do autor da história da ascensão de Davi. Esse ponto de vista originou-se nos conflitos entre Saul e Davi que era escolhido e orientado por Deus. O autor salienta a inveja, a oposição e a perseguição do rei a Davi.

Na história da ascensão, o autor procura não deixar dúvidas sobre o bom caráter de Davi. Ele chegou a ser rei em Israel não usurpando o lugar de Saul, mas

chegou ao reinado pela unção do profeta de Deus, pela estima do povo, dos filhos de Saul, Jônatas e Micol e por sua conduta ilibada.

É preciso, contudo, recordar que a história da ascensão de Davi não constitui uma verdadeira obra de história política em Israel. Esta história reflete uma ideologia que se esforça por apresentar o rei Davi sob a luz mais favorável, eliminando suspeitas e conjecturas que poderiam prejudicar a sua imagem. Este dado deve ser levado em conta, pois foi usado para justificar a legitimidade dos descendentes de Davi no trono.

O pacto de Deus com Davi e sua dinastia será o aval e o argumento que mantém alta a moral e viva a esperança do povo, nos momentos difíceis. Enquanto permanecer acesa a “lâmpada de Davi”, nada estará definitivamente perdido (1Rs 11,36; 15,4: 2 Rs 8,19). A profecia de Natã constitui o ponto de partida do chamado messianismo real, ou seja, a promessa ultrapassa Salomão, primeiro sucessor de Davi (v.13) e projeta-se para o futuro, à espera do rei ideal (Is 7,9 11; Mq 4-5, etc) (Lamadrid,1996, 81-82).

A imagem de Davi na história da sucessão se mistura a variadas percepções. A característica mais saliente da narrativa da sucessão é a história da família e das pessoas que cercavam o rei Davi. Os acontecimentos que se seguem concentram-se na pessoa de Davi e verifica-se o fenómeno contrário do Davi na história da ascensão. No caso do adultério com Bate-Seba e da morte do seu marido Urias, o autor responde a uma nova situação e descreve um Davi mais próximo da sua humanidade. Neste mesmo nível, o autor revela a fraqueza e covardia do rei.

A grandeza e a fidelidade de Urias contrastam com a baixeza e a mesquinhez de Davi. São como que dois painéis de um mesmo díptico,

feito de luz e de sombras(...). Urias aparece no quadro moral pintado pelo autor de 1 Sm 11 como o protótipo de lealdade ao seu rei, da solidariedade aos colegas de armas e de devoção ao Deus presente na arca. É o painel de luz, de nobreza, de fidelidade. O painel de sombras cabe a Davi, convertido em prisioneiro das paixões mais vis e abjetas, que o levam a recorrer a artimanhas inconfessáveis para manter a imagem e as aparências, enquanto executa propósitos criminosos (Lamadrid, 1996, p. 82).

Na história da sucessão de Davi, os aspectos de sua vida familiar são descritos com senso de realidade. Apesar das informações prestadas, existem argumentos verdadeiros e próximos da realidade humana. Na história da ascensão pairam indagações e desconfianças sobre a progressiva “ascendência e magnanimidade” de Davi. O autor mostra a vinculação de Davi com Deus ao reconhecer o seu pecado diante do profeta Natã (2 Sm 12), mas também não suaviza a atitude do profeta em pronunciar diante do rei o seu erro. Davi, até ser descoberto pelo profeta, viveu um período de hipocrisia e de enganos para com todos que estavam a sua volta. Ele não mais fugia do seu perseguidor sem saber qual era a sua culpa como na história da ascensão; pelo contrário Davi cometeu adultério voluntário e conscientemente escondeu o fato dos que estavam a sua volta.

Os dados anteriores demonstram que o autor da “História da sucessão ao trono” adota diante de Davi uma posição muito distinta da tomada pelo autor da “História da subida ao trono”. Não é a defesa a todo transe do monarca. Pelo contrário, em muitos momentos temos a impressão de que se trata de um ataque sistemático. Os traços positivos são escassos e é preciso procurá-los com lupa. Dominam as sombras (Sicre, 2000, p. 69).

A história da sucessão se desencadeia numa série de brigas e assassinatos entre os filhos de Davi. São muitas as facetas de Davi e é possível verificar os degraus descendentes no seu caráter; o autor não nos surpreende ao revelar os problemas internos da família de Davi. Aos olhos do autor, a imagem de Davi é plural, o quadro que se apresenta não são fatos isolados nem improvisados, mas tudo transcorre em função da seqüência de erros e da ausência de Davi com relação aos seus filhos.

2.3 - Obra Historiográfica Cronista

Os livros de Crônicas trazem o registro da história de Judá e sobretudo do templo, no período pós-exílico. O cronista faz uma revisão da história de Israel desde as origens, retomando Gênesis, o Pentateuco até o livro de Reis, com uma orientação inteiramente própria. Seu foco está colocado nos eventos relacionados com o templo.

Sob esse aspecto apresenta uma história de Judá e de Jerusalém desde a coroação de Davi até a constituição e consolidação da comunidade cultural pós-exílica de Jerusalém. A obra foi escrita numa época em que a comunidade judaica achava-se em conflitos com poderes que ameaçavam a pureza da fé e do culto: com os samaritanos, que em fins do séc. IV a C. instituíram um culto independente no monte Garizim (Rendtorff, 1979, p. 43).

Os acontecimentos que levaram à redação da Obra Historiográfica Cronista ocorreram no final da dominação persa e nos começos da era grega (provavelmente 300 aC). Esta obra histórica foi redigida com um novo enfoque da história de Israel, embora tenha utilizado os livros de Samuel e dos Reis.

O período de tempo que vai da monarquia à restauração pós-exílica em Israel é da máxima importância para o cronista. Segundo Lamadrid (1999, p.140-144). A arquitetura da história do Cronista foi construída sobre estes dois momentos da história de Israel; a monarquia e restauração pós exílica. Na etapa monárquica, o narrador dessa história distinguiu quatro tempos sucessivos:

- Pré-história da monarquia (1Cr 1-9)

Neste prólogo, são descritas as tábuas genealógicas entre Adão e Jacó-Israel, pai das doze tribos, e relembra a história de cada uma delas, apresentando listas de nomes e árvores genealógicas. Nestas passagens, a intenção do Cronista é ressaltar a pré- história da monarquia davídica e a relevância da tribo de Judá, a descendência de Davi, dos levitas e dos habitantes de Jerusalém.

- Reinado de Davi (1Cr 10-29)

Neste bloco não se menciona as desavenças de Saul com Davi; apenas descreve a sua genealogia e morte. Os bons argumentos sobre o rei Davi se ligam à sua atividade religiosa e cultural, e aos seus discursos solenes e nada se menciona sobre os dramas da sucessão e as revoltas. Davi é um rei santo e imaculado. A história do traslado da arca e o Templo figuram como temas centrais do Cronista; os autores também insistem na importância das instituições religiosas.

- Reinado de Salomão (2Cr 1-9)

Neste bloco, o fato central é a construção do templo por Salomão, a oração que fez no dia da dedicação e as promessas que Deus deu em resposta. A sua atividade religiosa cultural foi posta em relevo. Os aspectos negativos da vida e administração de Salomão são reduzidos ao mínimo.

- Os demais reis de Judá (2Cr 10-36)

Os reis sucessores de Salomão são todos da dinastia davídica. Este período estende-se desde o cisma, fato que ocorreu após a morte de Salomão, até à queda

de Jerusalém e o exílio na Babilônia. O cronista avalia os reis segundo sua fidelidade ou infidelidade aos princípios da lei de Moisés. A figura de Davi será a chave para a compreensão do modelo de reino ideal; daí surgem as reformas cultuais. Os beneméritos das reformas cultuais cabem a Asa (2Cr 14), Josafá (2Cr 17), Ezequias (2Cr 29) e Josias (2Cr 34). As histórias destes reis ocupam um maior número de capítulos, sendo que nos dois últimos as suas reformas são apresentadas como as mais profundas.

Ainda segundo Lamadrid (1999), a restauração pós-exílica, segundo os livros de Esdras e Neemias, cobre também quatro etapas:

- Repatriação dos exilados (Ed 1-6)

A permissão de Ciro, rei dos persas, autorizou os judeus exilados a regressarem à sua terra e reconstruir o Templo. Os trabalhos do Templo são interrompidos pela oposição dos samaritanos e só prosseguem no governo de Dario I, estimulados pelos profetas Ageu e Zacarias. Com o término do novo Templo, ganhou mais força entre os judeus a esperança messiânica; há um vívido senso de nostalgia em torno de Zorobabel, descendente da dinastia davídica.

- Primeira atividade de Neemias (Ne 1-7; 11-12)

Neemias, alto funcionário do rei Artaxerxes, conseguiu permissão para ir a Jerusalém e reconstruir as muralhas. A obra foi concluída apesar da resistência dos samaritanos liderados por Sambalat, governador de Samaria, juntamente com Tobias descendente de uma família amonita. Neemias repovoou a cidade e estabeleceu em Jerusalém os principais elementos do povo – sacerdotes, levitas e leigos.

- Segunda atividade de Neemias (Ne 13)

Neemias, depois de ter voltado para a Babilônia, retorna a Jerusalém para uma segunda missão. Novamente ele atua com energia para reprimir algumas desordens na comunidade.

- Atividade de Esdras (Ed 7-10 e Ne 8 –10)

Esdras era sacerdote e escriba entre os judeus e uma espécie de secretário geral da corte persa, encarregado dos assuntos judaicos. Ele recebe do rei Artaxerxes II a permissão para que os judeus residentes na Babilônia pudessem retornar à Judéia. Com a elevação da lei de Moisés à categoria de lei do Estado e recolhimento de doações e coletas foi possível organizar e enriquecer o culto javista no templo de Jerusalém.

Esdras é considerado o pai do judaísmo, por ter elevado a lei de Moisés como a carta magna da comunidade judaica pós exílica (Ne 8). O propósito era levar os judeus a viverem em comunidade, liderados por homens de sua raça e orientados pela lei mosaica.

2.3.1– Discussão Teórica

A fim de obtermos mais entendimento sobre a Obra Historiográfica Cronista, faremos algumas considerações de alguns estudiosos, colocando em relevo as fontes e o propósito do cronista.

Para Rendtorff (1979), o cronista utilizou a Obra Histórica Deuteronomista como fonte. Seu propósito era manter a pureza de fé e do culto, preservando o templo de Jerusalém, o reino e a descendência de Davi. A comunidade do pós-exílio está empenhada em conhecer o plano de Deus na história e a partir de então dominar o presente e o futuro.

Para Reimer (1998), a Obra Historiográfica Cronista não é uma continuação da Obra Historiográfica Deuteronomista e sim uma obra alternativa. Os grupos formadores dessa obra seriam os escribas, cronistas e sacerdotes do 2º templo. Segundo ele, deu-se importância ao templo e ao culto. O cronista não menciona o êxodo e a libertação do Egito e provavelmente não tem esperança messiânica. Os livros de Crônicas, Neemias e Esdras formaram a obra cronista.

Por essa mesma linha vai o autor Fohrer (1993). Para ele, o templo e suas cerimônias eram o centro da vida nacional.

...e o Templo pertencia ao povo, de modo que aquilo que tinha sido um templo real e oficial foi substituído por um templo nacional que pertencia ao povo como um todo. O mesmo sacerdote substituíu o chefe dos sacerdotes no ápice da hierarquia (Fohrer, 1993, p. 412).

Fohrer ainda continua:

O cronista revelou alta estima pelo culto do templo de Jerusalém, único santuário legítimo, cujo significado defendeu contra a comunidade samaritana, que se tinha formado por volta de 351 aC. Seu interesse centralizava-se na realização do culto. O templo e o culto eram o centro da vida nacional (Fohrer, 1993, p. 450).

Em geral, afirma-se que os livros de Esdras e Neemias são uma continuação da obra cronista. Esses livros contam a história da restauração judaica no pós-exílio, da construção do templo e dos muros.

Lamadrid (1999) concorda com os autores anteriores que o cronista serviu-se dos livros bíblicos anteriores, sobretudo do Pentateuco e da História Deuteronomista e aduz outra série de obras extrabíblicas, algumas das quais pertencem ao gênero histórico e outras são de caráter profético. Apesar do cronista ter utilizado fontes

bem definidas, o seu trabalho redacional ficou bem articulado e positivo; tornou-se um verdadeiro autor por redigir uma obra nova e original, eliminando conscientemente as dinastias do reino do Norte. “Para ele, o único e autêntico povo de Deus é o reino de Judá, presidido pela dinastia davídica” (Lamadrid, 1999, p. 147). O cronista utilizou o midrax como gênero literário, “que é uma leitura atualizada dos textos sagrados, com a finalidade de acomodá-los às necessidades e exigências de cada geração” (Lamadrid, 1999, p. 145). Outra inovação do Cronista foi introduzir retoques em suas fontes. Os exemplos podem ser encontrados em 1Cr 21. O relato é pouco favorável a Davi, mas fala da aquisição da eira de Orna; o Cronista, nesta circunstância, escreve sobre o assunto mas com retoques e adaptações.

Em lugar de atribuir a iniciativa de fazer o censo a um impulso de cólera, como fazia a fonte (2Sm 24, 1), o Cronista introduz a figura de Satã (v.1). Como Deus podia ser responsável por uma má ação como o censo? Mais ainda, como podia Deus castigar Davi por uma decisão que o próprio Deus lhe inspirara? O recurso a Satã obedece ao desejo de salvaguardar a justiça e a santidade de Deus, atributos divinos percebidos e expressos imperfeitamente pelo Deuteronomista em 2 Sm 24, 1 (Lamadrid, 1999, 148-149).

A última afirmação de Lamadrid, sobre o trabalho de redação do Cronista foi que a sua obra apresenta múltiplas adições, provenientes de fontes orais ou escritas. Em 1Cr 23-27, há referências à organização do pessoal do culto litúrgico, sob a coordenação de Davi. Muitos argumentos do Cronista vêm carregados de “reflexões pessoais, discursos, juízos ou avaliações – postos na boca dos protagonistas que vão desfilando por suas páginas – com a finalidade de assinalar o sentido teológico da história”.

Sobre isso escreve Lamadrid (1999, p. 150):

1 Cr 28,2-10.20-21; 29,1-5.10-19. Todos esses conselhos, exortações, instruções e súplicas, dirigidas algumas vezes a Salomão, outras ao povo e a Deus, são peças redacionais do Cronista, colocadas como palavras de despedida ou testamento na boca de Davi, cujo denominador comum é o templo, outro dos temas prediletos de nossa história.

Von Rad (1973, p. 334) concorda com Lamadrid que a redação do Cronista “intervenha normalmente em seus modelos e em suas origens, eliminando ou acrescentando, corrigindo ou invertendo a seqüência dos acontecimentos”. O Cronista, com relação a Javé, estabeleceu uma relação de causa e efeito.

No que diz respeito a ação de Javé na história dos reis, as Crônicas se basearam inteiramente no Deuteronômio. Há também o propósito de mostrar a relação entre pecado e castigo, convertendo essa correspondência numa evidência racional: nenhum mal sem pecado, nenhum pecado sem castigo (1973, p. 334).

Para Pixley (1991), a casta sacerdotal procurou comandar a vida de Judá no pós-exílio. Eles fizeram uma releitura da história de Israel. Esta história começa com longas árvores genealógicas, com Davi e termina com a destruição do templo por Nabucodonosor. Segundo ele, há uma clara tendência em Crônicas de colocar os cantores do templo no lugar dos homens do espírito de Javé, os profetas. “As Crônicas dão testemunho de um processo de apropriação desta tradição pelo pessoal do templo, que na época persa eram os verdadeiros dominadores” (Pixley, 1991, p. 100).

Devido à importância do templo e do culto, o contexto era legalista e ritual, que foi vivificado por uma corrente de piedade pessoal, pelas doutrinas sapienciais, pela lembrança das glórias ou das fraquezas do passado e pela confiança nas

promessas dos profetas. A fidelidade se manifestava por meio do reconhecimento e fidelidade ao Templo e observância da lei mosaica.

2.3.2 - Imagem de Davi na Obra Cronista

Uma comparação entre a Obra Historiográfica Cronista e a Obra Historiográfica Deuteronomista apresentou as imagens de Davi com evidentes diferenças. O Cronista diferiu na forma e no conteúdo da apresentação deuteronomista, mas ainda assim chegamos a uma idéia de conjunto relativamente homogênea no sentido de que a história do Cronista começa particularmente com Davi.

Segundo Kaufmann (1989), o livro das Crônicas encerra uma extravagante idealização da dinastia davídica. Para este autor, os judeus do segundo templo nunca desistiram de esperar pelo restabelecimento da linhagem davídica.

Para Feuillet (1967), a razão de o cronista evidenciar Davi reside no fato que ele fizera os preparativos para a construção do templo e foi um rei dedicado ao seu Deus. A dinastia davídica foi depositária da soberania divina. A partir daí, o cronista acalentou a esperança de uma futura restauração da realeza davídica. “O livro das Crônicas o colocará no centro de sua perspectiva: será o rei ideal da teocracia segundo as concepções sacerdotais, o cantor inspirado e o reorganizador do culto; nesta exaltação do passado, é difícil não ler uma esperança” (Feuillet, 1967, p. 431).

O Cronista mostrou Davi como o elemento básico de Judá. Fez uma ponte entre o passado e o presente, cujo objetivo foi contar a história da dinastia de Davi; ele selecionou temas e enfocou o que Davi fez na esfera religiosa, a importância do culto, a lei do instituto dos levitas. Israel, para o Cronista, é “...reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19,6).

Evita-se falar de assuntos que possam prejudicar a imagem positiva de Davi e Salomão. Assim, por exemplo, não se menciona o episódio do adultério de Davi com Batseba e não se fala que mandou matar o marido da amante.

Acentua-se a importância do culto (no centro de todo esboço histórico está a construção do templo de Jerusalém).

Omite-se a história do Reino do Norte, considerado apóstata desde a época da separação (cf. 2Cr13,6) (Reimer, 1998, p. 08).

Para Fohrer (1998), o cronista objetivou mostrar a dinastia davídica e o Templo como o verdadeiro Israel. Era uma tentativa de organizar a vida religiosa do povo. Ele deixou de lado a história anterior de Davi e a história das tribos do norte.

Os autores cronistas omitiram quase tudo o que tinha acontecido antes de Davi; eliminaram tudo o que poderia colocá-lo numa posição desfavorável.

Notável é a glorificação religiosa de Davi, que está intimamente associada ao Templo e a seu culto. Afirma-se que ele organizou todas as provisões necessárias para o culto. Faz-se rapidamente referência às promessas inabaláveis de Iahweh e às promessas à dinastia davídica. Assim, no período tardio, apareceu ali um anseio pela dinastia davídica. Provavelmente, o Cronista acalentava esperanças de uma futura restauração da monarquia davídica.

Pode-se inclusive adivinhar o pesar que o Cronista sente por não poder atribuir inteiramente a Davi a construção direta do templo. O Cronista traz para Davi a organização da liturgia do segundo templo e lhe atribui a organização do pessoal sagrado e a distribuição de todos os serviços do culto divino (1Cr 23-26). Em poucas palavras, o que Moisés é para o Pentateuco, Davi é para o Cronista (Lamadrid, 1999, p. 152-153).

Sicre (2000) segue a mesma linha de Fohrer. Para ele, o cronista deformou a imagem histórica de Davi em silenciar seus aspectos negativos, reduzindo ao mínimo a sua atividade militar.

Sicre ressalta ainda que o Cronista não é tão entusiasta de Davi como o autor de Reis. "...Deus salva não em atenção a Davi, mas levando em conta o pacto com Davi. Dito em linguagem de Ezequiel, Deus não atua por Davi, mas para salvar a sua própria honra" (Sicre, 2000, p.99).

2.3.3 – Conclusão

O modo peculiar de o Cronista escrever a história de Israel e a história do rei Davi refletem o momento histórico e cultural do povo judeu na época da redação da obra. A comunidade pós-exílica formada por líderes políticos, religiosos e intelectuais consideravam-se "o Israel de Deus, que mais uma vez tentou explicar-se e legitimar-se a seus próprios olhos através de uma obra histórica" (von Rad, 1973, p.333). Esse grupo propõe-se a restituir e formar o futuro de Israel, depurando o mais possível de todos os elementos estranhos na religião, como também dar um salto para a definitiva restauração e valoração dos ritos religiosos e da lei moral que provinha dos sacerdotes e que eram direcionadas à comunidade judaica em Israel. "Para Judá, a época do pós-exílio será pois, fortemente marcada pela dominância do templo e do sacerdócio sobre a população em geral" (Reimer, 1999, p. 49).

A versão da Obra Historiográfica Cronista, pelo fato de ter construído a sua história a partir de informes históricos em registros anteriores, além dos livros de Samuel e dos Reis, não foi uma compilação destes livros. Após repetir as fontes históricas, o autor, ao escrever, deu-lhe acréscimos, retoques e omissões. Esse

proceder do Cronista justifica-se pela sua intenção de escrever a história da fé do povo judeu em Deus e suas diversas etapas e foi neste ponto que progrediu a história de Davi.

... o Cronista quis deliberadamente pôr em relevo uma doutrina religiosa. (...) Há uma tendência que constantemente se afirma: trata-se de justificar pela história as soluções que são dadas no ambiente pós-exílico, a problemas complexos, e notadamente, de referir a Davi os elementos fundamentais da comunidade judaica, sem negligenciar todavia as origens mosaicas do próprio estatuto davídico (Feuillet, 1967, p. 255-256).

Encontramos nessa obra o mesmo estilo e conceitos similares que serviram de fundamentos para a Obra Historiográfica Deuteronomista. O Cronista, porém, delineou claramente seu esboço que vai da genealogia da humanidade de Adão até o retorno do exílio sob a liderança de Esdras e Neemias. Após relatar a história de Adão a Davi representada pela origem dessas famílias, o Cronista atribui um valor primordial ao pessoal encarregado do culto e à promessa incondicional de Deus feita aos descendentes de Davi sobre a existência de uma dinastia eterna (1 Cr 17), e que conduziu Israel à espera do Messias vindouro. O templo revestiu-se de grande importância nesse período. Dentre as figuras mais significativas aparecem o clero representado pelos sacerdotes e os levitas e as classes inferiores como os porteiros e os cantores.

Um dos traços mais característicos do Cronista é a extraordinária importância que dá aos levitas. Nesse ponto, o Cronista difere significativamente das tradições deuteronomica e sacerdotal. Além de atribuir a Davi a organização dos levitas, o Cronista concede a eles serviços e funções muito mais nobres e relevantes do que lhes outorgava o Pentateuco. Quase os iguala aos sacerdotes. Levado por

sua admiração pelos levitas, às vezes fala menos favoravelmente dos sacerdotes (2Cr 29,34; 30,3, etc) (Lamadrid, 1996, p. 155).

O propósito obsessivo do Cronista em atribuir ao templo grande importância foi um grande trunfo que refletiu na ascensão da classe sacerdotal. E nessa mesma época no período do pós-exílio em Israel que a figura de Davi e Salomão foram idealizados. O Cronista afirma que foi Davi quem traçou os planos para a construção do templo e decidiu o seu lugar como também do altar dos holocaustos (1Cr 22,1); foi ele também quem reuniu todo o material necessário para que Salomão pudesse executá-lo. Davi encarregou-se até dos pormenores dando atribuições aos levitas, aos sacerdotes, aos cantores, aos porteiros e aos responsáveis pelo tesouro (1Cr 23; 24; 25; 26) e munuiu de música sacra a organização (1Cr 24-26).

Enquanto a tradição sacerdotal concentra sua atenção em Moisés, organizador do culto, o Cronista fixa a atenção em Davi, que nas Crônicas toma o lugar de Moisés e, no final, apresenta Esdras como o último reformador religioso (Ballarini, 1983, p. 78).

O desenvolvimento histórico do rei Davi tem particular reflexo na história dos reis sucessores de Salomão. O Cronista ignorou a história das dez tribos apóstatas e delas falou o menos possível; para ele quem exerceu o direito e a justiça em Israel foi o rei Davi (1Cr 18,4). A partir deste ponto de vista, Davi tornou-se padrão para julgar os reis sucessores, em ordem de bons ou maus, de maior a menor, conforme tenham ou não agido em conformidade com ele (2 Cr 28,1; 34,2). O Cronista reelabora a história de Davi para colocá-lo como um homem religioso antes de homem guerreiro.

Para se ater à Lei, Davi transportou os ídolos dos filisteus, como se diz em 2Sm 5, 21, mas ordenou que os queimassem (1Cr 14,12). Para levar a arca para Jerusalém, era mister neutralizar os filisteus. Assim, com efeito, se diz no relato deuteronomista (2Sm 5s). Mas o Cronista inverte os acontecimentos (cf. 1 Cr 13, 1-14) para colocar o homem de igreja antes do homem de armas (Ballarini, 1983, p. 79).

O Cronista relativizou o Davi histórico. O Davi idealizado é o melhor reflexo da descrição do Cronista. Ele moldou e trabalhou com o seu personagem chave e conservou-o em seus escritos com esperança de uma restauração do Estado davídico. A nova imagem do rei Davi na Obra Historiográfica Cronista adquire significado especial e apresenta o seu governo como um período ideal. Da mesma forma a monarquia davídica constitui-se o centro e o ponto culminante do relato do Cronista, o qual praticou omissões importantes e se comparada com o quadro descrito nos livros de Samuel e de Reis são incompatíveis as versões dos autores destes livros com o de Crônicas. As definições expostas do Cronista sobre a imagem de Davi resultam imprecisas e em conseqüência quase não há dados históricos para se conhecer a humanidade do rei. Essa perspectiva historiográfica do Cronista revela uma concepção inteiramente nova da história de Davi.

O Cronista deformou por completo a imagem histórica de Davi. Em primeiro lugar, silenciando todos os aspectos negativos que a "História da sucessão ao trono" conta : adultério, assassinato, fraqueza com os filhos, o único pecado que lembra é o do recenseamento, porque serve para introduzir a compra do terreno onde será o templo. Em segundo lugar, reduzindo ao mínimo a sua atividade militar (...). Em terceiro lugar, ressalta um aspecto que não aparecia nas tradições anteriores: o Davi promotor da construção do templo de Jerusalém, que recebe do Senhor inclusive os planos e projetos detalhados e que executa todos os preparativos (Sicre, 2000, p. 90-91).

Desta maneira o templo para o Cronista significou esperança. Era a esperança do surgimento do Messias descendente da família davídica.

Na história do Cronista respira-se um ar de otimismo que nasce da esperança e do desejo de ver consolidada para sempre a casa de Davi. Junto com Davi destaca-se o esplendor da cidade santa, sem mancha nem ruga, depois da transformação ocorrida com Israel após o exílio e da conseqüente restauração, no início do segundo templo: Jerusalém representa a sublimidade da pureza cultual, o lugar próprio para a oferenda, jóia da tribo de Levi, a cidade levantada sobre o monte e para a qual voltam-se os olhos de todos os crentes (Lamadrid, 1996, p. 162).

Os três elos do esquema histórico Davi-Jerusalém, o Templo, o sacerdócio aparecem interligados; são todas questões relativas ao pessoal do serviço cultual. Certo é, no entanto, que Davi esteve presente em cada um destes momentos históricos, e entre os textos mais importantes do Cronista estão: Davi e seu trono permanente (1Cr 17), o templo (1Cr 22) e o pessoal sagrado (1Cr 23-24-25).

2.4 – A Imagem de Davi na Obra Historiográfica Deuteronomista e na Obra Historiográfica Cronista - Resumo

A imagem de Davi é muito discutida pelos estudiosos da Bíblia. A sua imagem vai depender da fonte bíblica pesquisada. A Obra Historiográfica Deuteronomista e a Obra Historiográfica Cronista, como obras históricas de épocas diferentes, contêm diferentes imagens de Davi. São obras que guardam as marcas dos acontecimentos da história do povo israelita que atingiram e influenciaram a identidade deste povo.

Enquanto a Obra Historiográfica Deuteronomista interpretou a história pelo propósito de Deus e a resposta do povo, na situação do exílio na terra de Israel, a Obra Historiográfica Cronista se escreveu uma história, pondo em evidência a dinastia de Davi e o profetismo na época do pós-exílio, bem como os acontecimentos relacionados com o templo.

Essas obras foram escritas em épocas distintas de crise. Os acontecimentos desses períodos trouxeram perturbações e mudanças no comportamento do povo israelita.

A trajetória conturbada do povo de Israel levou os autores destas obras a procurar conhecer as causas do desastre que lhes ocorrera sobretudo com o exílio e a procurar uma saída emergencial para a crise. E foi neste contexto que procuraram os paradigmas que lhes possibilitou reconstruir e reler a sua história como povo de Israel e povo de Deus, resgatando assim, a sua identidade.

...acontecimentos estão associados à crise justamente porque repercutem no cotidiano das pessoas, manifestando-se nos relacionamentos familiares, nas questões pessoais de trabalho, buscas, aspirações, personalidade. Atingem a identidade das pessoas e o papel social que cada um desempenha. Os acontecimentos da história atropelam o cotidiano das pessoas, alterando e modificando a vida de qualquer um (Orofino, 1994, p. 37).

A história de Davi deixou suas marcas e seus valores. Sua história foi construída por diferentes autores, que teceram imagens com significados históricos que legaram ao povo de Israel ordem, objetivos e direção às suas vidas.

Os relatos bíblicos dos livros de Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis correspondem, ao período histórico da atuação dos Juízes sobre o povo de Israel, bem como mais adiante o período dos reis.

A monarquia oriental se situa no encontro de uma ideologia segundo a qual o rei é o pai de seu povo encarregado por Deus de garantir-lhes uma vida boa e o suprimento das necessidades de uma organização estatal que supõe uma técnica, uma cultura, “uma sabedoria”, como então se dizia (Cazelles, 1986, p. 121).

É ainda Cazelles quem afirma:

O rei de Israel é chamado de nagid, título que pode ter tido valor religioso e que foi comparado, não sem razão, com o de naged, pastor. O rei é posto em evidência para o bem de seu povo. Ele constitui unidade com o seu povo. É a época daquilo que se chama de “personalidade corporativa”. Ele é o portador de força divina. Mas a experiência logo mostrou que a podia perder. O monarca envelhece e se torna mais homem da família do que homem de Estado. Assim foi com Davi em seus últimos anos (Cazelles, 1986, p. 127).

Em 597 aC., Judá foi dominada pelos babilônios e seus líderes foram deportados para a Babilônia. Em 586 aC., Jerusalém e seu templo foram destruídos, só foi deixado o povo pobre da terra para cultivar a terra (2 Rs, 1-21; cf Jr 39, 10;52,16).

Esses acontecimentos foram decisivos para a compreensão da Obra Historiográfica Deuteronomista e a história de Davi como homem e como rei em Israel.

A queda do Estado de Judá marcou um ponto crítico decisivo na vida histórica da nação israelita – momento decisivo que teve efeito correspondente sobre o javismo e começou a transformá-lo mais notavelmente do que qualquer outro evento anterior. Isso foi devido, por um lado, à destruição do Templo, ao fim da monarquia, e a cessação geral do oferecimento de sacrifícios, e por outro lado, à deportação de parte da população para a Babilônia, onde os exilados foram forçados a viver numa terra considerada impura e cercada por uma religião alienígena (Fohrer, 1982, p. 381).

Ainda segundo Fohrer,

O rei Davi foi um devoto adorador de lahweh. Ele viveu de acordo com o cultivo do javismo, se submeteu à direção de lahweh, através de oráculos sacerdotais, e dos ditos dos profetas cultuais. A conquista de Jerusalém e o retorno da arca lhe emprestaram significado político e dinástico (Fohrer, 1982, p. 150).

A Obra Historiográfica Deuteronomista procurou revelar Davi como um homem passível de erros. Discutiu a sua imagem a partir das normas oriundas do Deuterônomo. Deste modo, a lei deuteronomica soou como um chamado à consciência, e Davi entrou na história de Israel como um rei carismático. Na Obra Histórica Deuteronomista, Davi foi um rei que temeu e amou a Javé.

Na mesma perspectiva, Schmidt afirma que:

... enquanto a Obra Historiográfica Deuteronomista apresentou a época dos juízes no fundo como tempo do povo, em que oscilou entre Javé e Baal (Jz 2.10ss), na época seguinte enfocou exclusivamente um único indivíduo: poder e responsabilidade estão (apesar das restrições impostas pela lei sobre o rei em Dt 17, 14-20), somente com o rei, a ele é comunicada a sentença que em si valeria para toda a sua geração.

... a avaliação de Davi, que falta na própria narrativa de Davi, é recuperada indiretamente, servindo a conduta dele como critério: Seu coração não estava integralmente com Javé, seu Deus, como o coração de Davi (Schmidt, 1994, p. 139).

Para Pixley (1991), Davi como líder político foi responsável por mudanças profundas em Israel. Foi um rei conquistador que construiu um império sem impor tributos às tribos de Israel. Davi foi um bom rei, provavelmente pelos êxitos militares e por não passar por cima das prerrogativas das tribos de Israel.

Do ponto de vista da religião, Davi introduziu novidades, seguindo o caminho dos reis das nações, instituindo um culto controlado pelo rei.

Mais adiante, Pixley (1991) revelou um Davi com uma imagem distinta.

Para uma leitura a partir dos pobres a teologia davídica é muito ambígua, podendo servir como aconteceu, para amparar e legitimar sua opressão. Não quer dizer que se deva rechaçar a teologia davídica como um todo. Ela contém elementos autênticos da fé em Javé, o Deus do êxodo, e pode servir como fonte importante para o messianismo de Jesus. Desde o tempo de Davi a teologia de Israel teve dois focos: o êxodo como libertação do povo de Deus e a eleição de Davi como filho de Javé e defensor de seu povo (Pixley, 1991, p.30).

Segundo Cazelles (1982), alguns autores fazem uma análise histórica sociológica, com filosofias e mentalidades diferentes. Essa historiografia se ligará sobretudo às tensões internas e externas que os livros refletem. Nessa linha encontramos: Norman Gottwald, Shigeyuki Nakanose e outros.

A transição do período dos juízes à monarquia é uma consequência da necessidade em Israel de adaptar-se à civilização cananéia e à vida urbana.

Nakanose observou que, no tribalismo, Javé era o Deus do povo e o povo era o povo de Deus e, no período da realeza, Javé serviu como justificativa teológica e ideológica dessa organização social. Javé não era um parceiro direto da aliança com o povo de Israel, mas sim com o rei.

A emergência do Estado israelita realizou uma mudança nas instituições religiosas e na ideologia de Israel, resultando assim na formulação de uma nova tradição. Essa tradição começou a tomar forma durante o tempo de Davi, que teve a habilidade de usar a organização religiosa tradicional como trampolim para seu sucesso político (Nakanose, 2000, p. 209).

Ainda segundo Nakanose, as desigualdades sociais, os camponeses empobrecidos e endividados que entraram num processo de escravidão foram resultantes da política de Davi.

Como camponeses sem terra, perderam seu status livre e tiveram de lutar para evitar possível escravidão. Assim, as atividades especializadas e concentrações urbanas na sociedade contratual, que Davi introduziu em larga escala na sociedade de Israel, atingiram seu desenvolvimento máximo e devoraram ferozmente o povo de Jerusalém (Nakanose, 2000, p. 179).

Pode-se dizer que todas as informações sobre Davi na Obra Historiográfica Deuteronomista começam desde a sua história da ascensão ao trono (1 Sm 16-2 Sm 7) e prosseguem na história da sucessão ao trono (2Sm 9-1 Rs 2). Essas histórias possuem começo, meio e fim, tanto na ascendência quanto na sucessão de Davi. Descobre-se nestas histórias paralelas de Davi que enquanto na história da

ascensão apresenta-se os êxitos, a coerência e magnanimidade de Davi. Na história da sucessão, Davi teve sua trajetória marcada por erros, falhas e equívocos.

Algumas narrações sobre Davi na Obra Historiográfica Deuteronomista ocorreram possivelmente no exílio, quando o povo judeu procurava dar sentido não somente ao templo, mas também à fé do verdadeiro Israel.

Por outro lado, é bom recordar que no exílio possivelmente o povo estava preocupado em descobrir a razão dos problemas existenciais como a perda da terra e da autonomia política e se tudo era consequência do pecado. O espaço reservado a Davi na Obra Historiográfica Deuteronomista é marcado pelo seu sucesso militar, administrativo mas incorporou os problemas existentes na época do seu reinado, daí a imagem de Davi ser aberta e ampla de significados.

A imagem de Davi na Obra Historiográfica Cronista é marcada pelos interesses da classe sacerdotal, no período do pós-exílio. O Cronista procurou guardar o templo como um lugar sagrado e em certo sentido o conceito “cânon” se impôs à imagem de Davi. E pode ter sido a razão do Cronista ter ignorado as falhas da trajetória de Davi. O processo de formação da história do rei conheceu três grandes momentos: o traslado da arca, os preparativos para a construção do templo e a profecia de Natã (1Cr 13; 2Cr 22; 1 Cr 17).

Assim como Moisés tinha sido o mediador da Aliança pactuada entre Javé e a comunidade israelita do Sinai (a ´edah da redação sacerdotal), assim Davi será preposto à Aliança (2Cr 13, 5) que deve associar Deus e a comunidade (qahal) destinada a viver em Canaã. Esta aliança, cujos efeitos se estenderão aos reis davídicos, inaugura verdadeiramente o reino universal de Javé: mesmo depois do cisma das tribos do Norte (...)

Compreende-se que toda a visão histórica do cronista deva se ajustar a este dado fundamental cujo teor messiânico é evidente (Feuillet, 1967, 260).

A imagem de Davi na Obra Historiográfica Cronista se aproxima de um Davi idealizado. O autor lhe confere uma imagem canônica e irretocável, e constitui-se num alerta sobre a historicidade dos fatos narrados sobre o rei Davi.

A classe sacerdotal representava a corrente central desse período e que desembocou numa imagem de um Davi “sagrado”, preocupado na prática mais com as questões da religião javista.

É possível que o Cronista tinha a idéia de uma restauração definitiva de Israel, e essa tendência visionária levou-o a construir uma imagem de Davi puro e messiânico, com certa dose de subjetividade, mas que procurou orientar ao povo judeu a manter a esperança escatológica num novo rei Davi.

III – DAVI E O TRANSLADO DA ARCA

(comparação entre 2 Sm 6, 1-11 e 1Cr 13, 1-14)

“Davi e o traslado da arca” é o título dado aos trechos dos livros de 2 Samuel 6,1-11 e de 1 Crônicas 13,1-14. Os dois textos tratam do tema do traslado da Arca da Aliança em Israel, desde as tribos para Jerusalém. A arca era uma peça sagrada que continha a lei de Javé e servia como santuário itinerante. A arca e a lei dada a Moisés no Sinai foram usadas para legitimar o javismo em Israel.

Neste capítulo, buscar-se-á fazer uma análise comparativa entre as duas passagens, indicando as diferenças e semelhanças entres os dois textos, e sobretudo buscando ressaltar, a intencionalidade dos autores em abordar o mesmo assunto porém, com diferenças consideráveis. Trata-se de um ensaio de exegese comparativa.

3.1. Tradução e Crítica Textual de 2 Sm 6, 1-11 e 1 Cr 13, 1-14

Sobre a crítica textual, Treballe, (1995, p. 439) assim coloca,

A crítica textual estuda o processo de transmissão do texto a partir do momento em que foi escrito ou da primeira edição. Seu objetivo é determinar qual o texto bíblico mais antigo atestado pela tradição manuscrita.

O texto de 2 Sm 6,1-11, é mais antigo inserido dentro da Obra Historiográfica Deuteronomista e serviu de fonte para o de 1 Cr 13,1-14. Randellini argumenta que os estudiosos divergem quanto ao tempo de composição do Cronista e afirma:

Se considerarmos que as Crônicas sofreram numerosos acréscimos, como 1Cr 24, o núcleo fundamental da obra poderia ser posto durante o período persa; e se aceitarmos a hipótese de que o livro das Crônicas seria posterior a Esd Ne, no final do período persa (Randellini, 1983, p.76).

Partimos aqui da idéia de que o texto de 2 Sm 6, 1-11 é mais antigo e assim apresentamos os textos na cronologia pressuposta.

3.1.1. 2 Sm 6, 1-11 – Tradução literal

(1) E Davi reuniu de novo todo escolhido em Israel¹, trinta² milhares. (2) E levantou-se e caminhou Davi e todo o povo que estava com ele, para “cidadãos de Judá” (Baala de Judá)³ para fazer subir de lá a arca de Deus, sobre⁴ a qual se pronuncia um nome⁵: o nome de Yahveh dos Exércitos assentando (reinando?) sobre os querubins.

¹ Alguns manuscritos, sobretudo a Versão Siríaca e o Targum lêem “Israel” (sem a preposição “be”: a Septuaginta lê “de”, do mesmo modo que a Vulgata.

² A Septuaginta e a réplica do códex legionensis (L 93) e o “marginalia incunabilis 54), Veneza, 1478 tem a leitura 70 em lugar de 30.

³ O manuscrito de Qumran sugere ser uma aliteração tomada a partir de 1 Cr 13,6.

⁴ O texto de Qumran apresenta a partícula “et” em lugar do pronome relativo “asher”.

(3) E montaram a arca de Deus⁶ para⁷ uma carroça nova, e a levaram da casa de Abinadabe, o qual estava na colina. E Uzá⁸ e Ahio, filhos de Abinadabe, conduziam a carroça (nova. (4) E saíram da casa de Abinadabe, o qual estava na colina)⁹ com a arca de Deus e Ahio andava à frente (face a face) da arca.

(5) E Davi e toda a casa de Israel dançavam diante de Yahveh através de toda madeira de zimbro, e através de cítara¹⁰, e através de harpas, e de pandeiros, e de tamborins e de címbalos.

(6) E entraram até a eira de Nacon¹¹ e enviou Uzá¹² (a mão dele)¹³ para / contra¹⁴ a arca de Deus e a sustentou, pois derrubaram (iriam derrubá-la) o gado. (7) E inflamou-se a ira de Yahveh sobre Uzáh¹⁵ e feriu-o ali Deus (por causa da falta)¹⁶, e morreu ali junto com / à arca de Deus.

(8) E irou-se Davi sobre o romper de Yahveh, (esta) ruptura de Uzá¹⁷, e denominou (ali)¹⁸ aquele lugar de “ruptura de Uzá” até o dia de hoje.

(9) E temeu Davi a Yahveh naquele dia e disse: “Como entrará para mim a arca de Yahveh?” (10) E não quis Davi levar para ele a arca de Yahveh para¹⁹ a cidade de Davi, e desviou-a Davi (para) a casa de Obed-Edom, o gitita (= natural de Gat). (11) E habitou a arca de

⁵ Muitos manuscritos lêem “sham”/ ali em lugar de nome (shem), especialmente a Siríaca.

⁶ O texto grego da versão de Luciano lê “kyríou”/ do Senhor; assim também o faz o Targum, lendo *djhwh*.

⁷ Poucos manuscritos e o texto de Qumran apresentam a preposição “al”/ sobre em lugar “el”/ para.

⁸ Alguns manuscritos têm a leitura de Uzá com “he” no final da palavra ao invés do álef. O mesmo problema aparece nos vv. 6, 7 e 8.

⁹ A parte entre parêntese provavelmente é um erro de cópia por ditografia, tomada a partir da Septuaginta.

¹⁰ Alguns manuscritos não apresentam o “vav” antes da palavra.

¹¹ O texto de Qumran apresenta a leitura “Noodá”; o texto grego da Septuaginta do Codex Vaticanus e do Codex Coislinianus lê “Noodab”.

¹² Alguns manuscritos têm leitura com um “he” no final da palavra.

¹³ Seguindo a leitura de muitos textos, o autor do aparato crítico sugere inserir a expressão “a mão dele”.

¹⁴ Muitos manuscritos apresentam simplesmente a nota do acusativo.

¹⁵ O aparato sugere harmonizar esta grafia do nome de Uzá com as outras no texto.

¹⁶ Tomada da Septuaginta.

¹⁷ Muitos manuscritos e o texto de Qumran sugerem inserir a partícula “zé”, para designar a ação de Yahveh.

¹⁸ Muitos manuscritos apresentam ainda o termo “sham”/ ali.

¹⁹ Com base em muitos manuscritos, o texto deve ser traduzido por “para”, lendo a partícula “el”/para em lugar de “al”/sobre.

Yahveh na casa de Obed-Edom, o gitita, três meses, e abençoou Yahveh Obed²⁰-Edom²¹ e toda a casa dele.

3.1.2. 1 Cr 13 – Tradução literal

- (1) E reuniu-se em conselho Davi com os chefes de milhares e de centenas, todo comandante.
- (2) E disse Davi a toda a assembléia de Israel: Se a vocês (for) bom e de Yhwh nosso Elohim derrubemos²² (tirem informações), enviemos aos nossos irmãos restantes em todas as terras²³ de Israel e com eles os sacerdotes e levitas²⁴ nas cidades e vizinhanças deles para que se reúnam a nós.
- (3) E reconduziremos a Arca de nosso Elohim a nós, pois não a buscamos²⁵ nos dias de Saul.
- (4) E disse toda a assembléia para fazer assim, pois justa era palavra aos olhos de todo o povo.
- (5) E reuniu Davi todo Israel, desde Sior do Egito²⁶ até a entrada de Emat, para trazer a arca de Elohim²⁷ de Cariat-Iarim.
- (6) E subiu Davi e todo Israel a Baala em direção a Cariat-Iarim que (está) em Judá, para fazer subir de lá a arca de Elohim Yhwh que senta (sobre) os querubins, que chama nome.
- (7) E carregaram a arca de Elohim sobre um carro novo da casa de Abinadab. E Oza e Aio conduziam o carro.
- (8) E Davi e todo Israel dançavam diante de Elohim com toda força e com cantos e com cítaras e com harpas e com tamborins e com címbalos e com trombetas.
- (9) E chegaram à eira de Qidon. E enviou Oza a sua mão para segurar a arca, pois a deixavam cair os bois.
- (10) E irou-se Yhwh contra Oza e o feriu porque enviara sua mão sobre a arca. E morreu lá diante de Elohim.
- (11) E irou-se Davi, pois derrubou Yhwh uma morte (= derrubada) a Oza. E chamou aquele lugar Farés (=derrubada) – Oza, até este dia.
- (12) E temeu Davi a Elohim naquele dia dizendo: Como farei vir a mim a arca de Elohim?

²⁰ Não muitos manuscritos propõem incluir a expressão “bêl”; assim por exemplo o Targum; a Septuaginta propõe ler “toda a casa”.

²¹ Alguns manuscritos ainda acrescentam a expressão “o gitita”, harmonizando, assim, o texto com as demais ocorrências.

²² “Derrubemos” (forcemos a entrada). A Septuaginta lê “tirem informações (procurem)”.

²³ “Em todas as terras”. A Septuaginta lê singular, “a terra”.

²⁴ “E levitas”. A Septuaginta omite a conjunção.

²⁵ “Não nos preocupamos”. A Septuaginta lê “não se preocuparam”.

²⁶ De Sior. A Septuaginta lê “das montanhas”.

²⁷ A arca de Elohim. Poucos manuscritos a versão siríaca lê “a arca de Yhwh”.

(13) E não conduziu Davi a arca a ele, para a cidade de Davi. E mandou à casa de Obed-Edom, o guitita.

(14) E ficou a arca de Elohim com a casa de Obed-Edom na casa dele, três meses. E abençoou Yhwh a casa de Obed-Edom e tudo o que lhe pertencia.

3.1.3. Sinopse de 2 Sm 6, 1-19; I Cr 13, 1-14; I Cr 15, 25-29; 16, 1-3

Para uma melhor visualização do texto, apresentamos uma sinopse dos dois textos, conforme a Bíblia de Jerusalém.

2Sm 6, 1-19

6 A arca de Jerusalém – 1 Tornou Davi a reuniu toda a elite do exército de Israel: trinta mil homens.

2 Pondo-se a caminho, Davi e todo o exército que o acompanhava partiram para Baala de Judá, a fim de

1Cr 13,1-14

13 A Arca é trazida de Cariat-Iarim - 1 *Davi reuniu-se em conselho com os oficiais de milhares e de centenas e com todos os comandantes.*

2 Disse ele a toda a assembléia de Israel: “Se for de vosso agrado e se lahweh nosso Deus assim o decidir, enviaremos mensageiros aos outros irmãos nossos de todas as terras de Israel, bem como aos sacerdotes e aos levitas em suas cidades e campos vizinhos, para que eles se juntem a nós. 3 Então reconduziremos para o meio de nós a Arca de nosso Deus; não nos ocupamos dela no tempo de Saul”.

4 Toda a assembléia decidiu agir assim pois era uma proposta que todo o povo julgou justa. 5 Davi reuniu todo o Israel, desde o Sior do Egito até à entrada de Emat, para trazer de Cariat-Iarim a Arca de Deus.

6 Em seguida, Davi e todo o Israel subiram a Baala, na direção de Cariat-Iarim em Judá, a fim de trazer de lá a

transportar a Arca de Deus que lá estava e que leva o nome de lahweh dos Exércitos, que se assenta entre os querubins.

3 Colocaram a Arca de Deus sobre um carro novo e a levaram da casa de Abinadab, que está no alto da colina.

4 Oza e Aio, filhos de Abinadab, conduziam o carro Oza caminhava à esquerda da Arca de Deus, e Aio caminhava adiante dela.

5 Davi e toda a casa de Israel dançavam, com todas as suas energias, cantando ao som das cítaras, das harpas, dos tamborins, dos pandeiros e címbalos.

6 Ao chegarem à eira de Nacom, Oza estendeu a mão para a Arca de Deus e a sustentou, porque os bois a faziam tombar.

7 Então a ira de lahweh se acendeu contra Oza: e ali mesmo Deus o feriu por causa da sua falta, e ele morreu, ali, ao lado da Arca de Deus.

8 Davi se entristeceu, porque lahweh tinha atacado Oza, e chamou-se àquele lugar pelo nome de Farés-Oza, que permanece até hoje.

9 Nesse dia, Davi teve medo de lahweh e disse: “como virá a Arca de lahweh para ficar na minha casa?”.

10 Por isso não quis conservar a Arca de lahweh consigo na Cidade de Davi, e a levou para a casa de Obed-Edom de Gat.

11 A Arca de lahweh ficou três meses na casa de Obed-Edom de Gat, e lahweh abençoou a Obed-Edom e a toda a sua família.

Arca de Deus que traz o nome de lahweh que senta sobre os querubins.

7 Foi na casa de Abinadab que a Arca de Deus foi colocada sobre um carro novo. Oza e Aio conduziam o carro.

8 Davi e todo o Israel dançavam diante de Deus com todas as suas forças, cantando ao som das cítaras, das harpas, dos tamborins, címbalos e trombetas.

9 Quando chegavam à eira de Quidon, Oza estendeu a mão para segurar a Arca, porque os bois faziam-na cair.

10 Então a ira de lahweh se inflamou contra Oza e o feriu, por ter colocado a mão na Arca; Oza morreu lá, diante de Deus.

11 Davi ficou desgostoso porque lahweh fulminou Oza, e deu a este lugar o nome de Farés-Oza, que conserva até hoje.

12 Naquele dia, Davi temeu a Deus e disse: “Como poderei levar para a minha casa a Arca de Deus?”

13 E Davi não conduziu a Arca para a sua casa, mas mandou que a levassem para a casa de Obed-Edom de Gat.

14 A Arca de Deus ficou três meses com a família de Obed-Edom, na sua casa; lahweh abençoou a casa de Obed-Edom e tudo o que lhe pertencia.

1 Cr 15

12. Contou-se ao rei Davi que lahweh tinha abençoado a casa de Obed-Edom e a tudo o que lhe pertencia, por causa da Arca de Deus. Então Davi foi e trouxe a Arca de Deus da casa de Obed-Edom para a Cidade de Davi com grande alegria.

13 Quando os que carregavam a Arca de lahweh davam seis passos, ele sacrificava um boi e um bezerro cevado.

14 Davi dançava com todas as suas forças diante de lahweh; ele estava cingido com um efod de linho.

15 Davi e toda a casa de Israel fizeram assim a Arca de lahweh subir, aclamando e soando a trombeta.

16 Aconteceu que, entrando a Arca de lahweh na Cidade de Davi, a filha de Saul, Micol, olhava pela janela e viu o rei Davi saltando e dançando diante de lahweh, e no seu íntimo, ela o desprezou.

17 A Arca de lahweh foi levada e depositada no seu lugar, na tenda que Davi tinha feito armar para recebê-la, e Davi ofereceu holocaustos na presença de lahweh, bem como sacrifícios de comunhão.

18 Assim que Davi terminou de oferecer holocaustos e sacrifícios de comunhão, abençoou o povo em nome de lahweh dos Exércitos.

25 Então Davi, os anciãos de Israel e os chefes de mil, com grande júbilo, faziam subir da casa de Obed-Edom a Arca da Aliança de lahweh.

26 E enquanto Deus assistia os levitas que carregavam a Arca da Aliança de lahweh, foram imolados sete touros e sete carneiros.

27 Davi, vestido com um manto de linho fino, dançava dando voltas, como também todos os levitas que levavam a Arca, os cantores e Conenias, oficial encarregado da transladação. Davi trajava também o efod de linho.

28 Todo o Israel fez subir a Arca da Aliança de lahweh, fazendo aclamações, ao som da trombeta, do clarim e dos címbalos, fazendo ressoar liras e cítaras.

29 Ao chegar a Arca da Aliança de lahweh à cidade de Davi, a filha de Saul, Micol olhou pela janela e viu o rei Davi dançando e exultando; em seu coração, ela o desprezou.

2 Cr 16

1 Introduziram a Arca de Deus e a depositaram no centro da tenda que Davi tinha armado para ela. Ofereceram diante de Deus, holocaustos e sacrifícios de comunhão.

2 Quando Davi acabou de oferecer esses holocaustos e esses sacrifícios de comunhão, abençoou o povo em nome de lahweh.

3 Depois mandou distribuir a todos os israelitas, homens e mulheres, um pão,

19 Depois distribuiu a todo povo e à multidão toda de Israel, homens e mulheres, a cada um, um pedaço de pão, uma massa de tâmaras e um doce de passas secas, e em seguida foram-se todos, cada qual para a sua casa. *um prato de carne e um bolo de passas.*

Os comentários concernentes à sinopse apresentada situarão nas análises a seguir. Os textos que estão em negrito na sinopse serviram para evidenciar os “recortes” diferenciados de cada autor.

3.2 – Crítica Literária de 2 Samuel 6,1-11 e 1 Crônicas 13,1-14

Sobre análise literária ou crítica literária, Wegner (1988, p. 85) afirma que os textos como unidades literariamente formuladas e acabas visa definir o seguinte:

- *A delimitação dos textos, ou seja, sua exata extensão como unidades literárias autônomas.*
- *A estrutura literária dos textos, ou seja, as partes diferenciáveis que os compõem.*
- *O grau de integridade literária dos textos, ou seja, determinar se o conteúdo dos textos forma um todo orgânico e coerente, ou se são perceptíveis quebras e rupturas no desenvolvimento do assunto. O uso de fontes literárias alheias ao conteúdo formulado pelo próprio autor .*

O nome dos dois livros de Samuel provém da tradição que atribuía ao profeta Samuel a composição destes escritos. É possível que o título desses dois livros veio do ambiente judaico, segundo o qual foram redigidos por Samuel, Natan e Gad (1Cr 29,29).

Primitivamente os livros de Samuel não formavam uma só obra. Quando de sua tradução para o grego, foram escritos em dois rolos de tamanho mais ou menos igual, e esta divisão acabou por se impor mesmo à Bíblia hebraica no século XV. Doutra parte, na edição grega,

foram unidos aos livros dos Reis, também dividido em dois volumes, sob o título comum de Reinados (Feuillet, 1967, p. 413).

As crônicas, cuja denominação é da autoria de Jerônimo (chronicon totius divinae historiae), no original se chama [seper] dibrê hayyamim, [livros dos] fatos cotidianos”, isto é, “anais” que, na versão dos LXX, recebe o nome de paralipômenos,= “o que foi omitido, deixado de lado” (Sellin, 1977, p.338).

Os livros de Crônicas tratam dos mesmos fatos que estão nos livros de Samuel e Reis, embora tenham modo e finalidade diferentes. O Cronista apresenta a história do povo de Israel segundo o seu próprio ponto de vista. 1 Cr começa com os princípios do mundo até o cativeiro, enquanto que 2 Cr está focalizado na época pós-exílica.

Nas seções de 2 Samuel 6,1-11 e 1 Crônicas 13,1-12 há uma unidade de linguagem e estilo; a ênfase está no personagem Davi que edifica uma sólida base espiritual com o retorno da arca. Os livros de Samuel apresentam a história da monarquia segundo a mentalidade da época, daí encontrarmos versões pró-monárquica (1 Sm 16, 1-13) e antimonárquica (1 Sm 8). O conteúdo das Crônicas, por outro lado, divide-se em três partes:

A primeira parte (1Cr 10,1–10,30) contém a história de Davi, principalmente sob o ângulo visual da arca, do Templo, dos ministros e dos ministérios. A segunda (2 Cr 1,1-9,30) descreve o reinado de Salomão (...) A terceira (2Cr 10,1-36,23), finalmente, descreve como se deteriorou rapidamente a teocracia (Ballarini, 1983, p. 59).

Após o castigo de Uzá e a permanência da Arca na casa de Obed-Edom, a arca segue para Jerusalém onde foi edificado o templo e instalado o culto central.

Nos escritos de Samuel e Crônicas, o assunto é abordado em caráter didático. Os autores procuram ensinar a reconhecer a exigente solicitude de Deus para com o povo de Israel. É possível que houve exageros quando se fez referência a “todo o Israel”, pois a expressão pode se referir simplesmente ao exército (2 Sm 6, 1) de Davi. Os textos em Samuel e Crônicas relatam que “Uzá estendeu a mão para a arca de Deus e a sustentou, porque os bois a faziam tombar (...) Deus o feriu por causa da sua falta, e ele morreu” (2Sm 6,6-7). Sendo assim, de acordo com o texto, só se pode reconstituir as circunstâncias da morte de Uzá de modo conjectural.

Sobre o *Gênero Literário*, os textos de 2 Sm 6, 1-11 e 1 Cr 13, 1-14 foram escritos em prosa narrativa hebraica. As narrações foram feitas por etapas; as cenas estão ligadas umas às outras; são seqüenciadas e dão lugar a um relato continuado, circunstanciado e trágico.

O objetivo dos historiadores, em cada texto, é evidenciar a figura de Davi, como um rei zeloso pelo culto; oferecem um quadro vivo dos personagens e dos acontecimentos da história. Em Samuel, Davi aparece como o controlador do culto, o rei-sacerdote. Para o cronista, o foco central é o Templo e o culto. Ele evidencia que todos os preparativos para a construção do templo foram feitos no governo de Davi (1Cr 29, 2-3).

A vertente da história do traslado da arca repousa em questões vinculadas à simbologia da arca. A arca representava a presença de Deus. Com ela o povo de Israel se sentia fortalecido para as batalhas frente aos seus inimigos (1Sm 4,3), e os israelitas tornavam-se prósperos em função dela (2 Sm 6, 11).

Os filisteus tomaram a arca, ficando de posse dela por sete meses (1Sm 5, 10-11) quando então a devolveram para os israelitas, depositando-a na cidade de

Quiriate Jearim, onde permaneceu por vinte anos. A arca era um ponto de referência entre as tribos. Com o seu retorno, Davi estava atraindo sobre si a atenção e a simpatia das tribos, bem como iniciando o processo de centralização religiosa em Jerusalém.

A narração de 1Cr 13, 1-14 não foi uma simples imitação da mesma passagem em 2 Samuel 6, 1-14. As condições econômicas, políticas e sociais em Israel já não eram as mesmas. O período histórico correspondia ao pós-exílio. Os autores quiseram evidenciar quem transportou a arca para Jerusalém. Foi uma narração para demonstrar a importância e a qualificação dos levitas (1Cr, 1-28).

A Arca era o centro de adoração e estava sendo conduzida sobre um carro novo. Os textos de 2 Samuel e 1 Crônicas mostram relações de oposições entre Deus e Uzá, Davi e Deus. O traslado da Arca ocorria num clima de festas e danças. As relações entre Deus, Uzá e Davi parecem ser antagônicas. Os bois tropeçaram e Uzá estendeu a mão para sustentar a Arca; Deus fere a Uzá tirando sua vida. Indiretamente, Davi se opõe a Deus deixando a Arca na casa de Obed-Edom de Gat, que era uma cidade filistéia.

Os textos estão bem delimitados. Trata-se de perícopes de construções narrativas. São textos que possuem começo, meio e fim, tanto por conteúdo como em contexto. Os textos de 2 Samuel 6, 1-11 e 1Cr 13, 1-14 estão separados dos textos anteriores e posteriores. Em cada um desses textos as mensagens são distintas, ocorrendo mudança de assunto e lugar.

Sobre a estrutura interna dos textos, os termos chave em torno dos quais gira a narração são: Davi transporta a Arca com danças; a procissão é interrompida

devido ao acidente com Uzá a Arca é deixada na casa de Obed-Edom, e Davi desiste de transladar a Arca para Jerusalém.

Sobre a composição, as fontes e as camadas literárias do texto de 2 Sm 6, pode-se afirmar que o autor está imbuído das idéias do Deuteronômio: fidelidade e infidelidade à lei mosaica deuteronômica. E o final do relato termina com uma lição religiosa. “Seu caráter arcaico ressalta da concepção primitiva da Arca e da sua santidade, imediatamente nociva a quem não a respeita” (Feuillet, 1967, p. 419).

Na seção de 1Crônicas 13, a história do traslado da arca o texto de 2 Samuel 6 serviu de base. O cronista parece ter sido fiel no emprego da fonte, deixando intacto o quanto pôde o conteúdo das mesmas. As divergências formais são mínimas e provavelmente o cronista adaptou as fontes de linguagem ao estilo de sua época. As diferenças básicas estão na introdução do texto. Em 1 Cr 13,1-3, Davi mantinha consultas com os seus capitães e chefes. As passagens mencionam as funções dos seus liderados e em 2 Sm 6,1 é mencionada a quantidade de pessoas na assembléia. O Cronista por sua vez, faz menção da convocação dos sacerdotes e levitas; a presença destes no texto é justificável por razões político-religiosas na época do pós-exílio.

Depois do exílio na Babilônia, não há mais rei em Judá, e os judeus estão sucessivamente sob a dominação dos persas, gregos e romanos. Nesse, tempo, são os sacerdotes aqueles que praticamente monopolizam a Palavra de Deus. Antes, a Palavra de Deus passava pela profecia. Agora, assim pensavam, já não mais. Passa pelos levitas e sacerdotes, pelo templo de Jerusalém, subordinado aos persas (CEBI, 2000, p. 11).

Para o cronista, a preocupação de Davi em trazer a Arca tem por tema principal a relação de Davi com Javé, a pureza da fé e a presença do templo em Jerusalém, sob o cuidado dos sacerdotes e levitas.

O relato de 2 Sm 6, 1-11 é mais breve e não entra em pormenores sobre a reunião com a “elite do exército” e não menciona a região onde estava a arca. O interesse é todo dedicado a Davi e o traslado da Arca para Jerusalém. A cidade de Jerusalém situava-se geograficamente entre as tribos de Judá e as tribos do Norte. Davi pode ter tido uma motivação religiosa, embora não seja incorreto acrescentar que também podia haver uma motivação política. A arca tinha uma função simbólica e com isso o poder do rei Davi se tornou mais forte e absoluto. Ele tinha o poder sobre o exército e no decurso do seu reinado passou a ter poder sobre o templo, os sacerdotes e as terras. São escassas as informações sobre o grupo que acompanhava o rei. Não há preocupação com a lei cultual. Davi utilizou um carro novo para transportar a arca. É o rei que exerce poder sobre os que acompanhavam. Não se menciona a presença dos sacerdotes e levitas. Essa narração nos ajuda a entender e colocar no seu devido lugar a defesa dos profetas e das profetisas, apontando para o contexto histórico em que ocorreu essa história. Eram os profetas e profetisas que atuavam nesse período e não sacerdotes e levitas. Um possível exemplo pode ser visto em 1 Sm 9, 6-10, onde vemos que o profeta dava direções, consultava e revelava a vontade de Deus ao povo.

A arca foi conduzida num cortejo triunfal e com a morte de Uzá acentuou-se o seu poder. O autor parece sugerir que Deus aparece em todo lugar. É Senhor do país e dos habitantes.

Numa comparação de 1 Cr 13,5 com 2 Sm 6,1, percebemos que o Cronista tem conhecimento das conquistas de Davi. É possível que o autor procurasse exaltar as suas conquistas. Sior do Egito situava-se no “leito do riacho que assinalava a fronteira sudoeste da Palestina”. E Emat era a cidade da Assíria, que na época de Davi foi anexada ao seu reino (Money, 1988, p. 34). O Cronista menciona essas regiões antes de terem sido conquistadas por Davi, cujas guerras de conquista foram mencionadas em 2 Cr 18.

Com a leitura do texto de 2 Samuel se depreende que é um texto compilado; o tema do retorno da arca apresenta o estilo de histórias populares e em parte palacianas, que confirmam a fé na arca como símbolo da presença de Javé e como objeto de reverência.

3.3. Crítica Histórica

Conforme Wegner (1998, p. 230), a crítica histórica tem dois objetos;

1- Analisar eventuais estágios de um texto durante o seu processo de transmissão oral, até vir a ser fixado por escrito.

2- Analisar a história da transmissão de um texto quando este é fruto de várias unidades originalmente autônomas.

As passagens de 2 Samuel 6 e 1 Crônicas 13 querem retratar situações históricas relativas aos séculos IX e X a.C., que coincidem com o novo momento da história de Israel, a monarquia. Antes da monarquia, “o governo era exercido por uma primitiva democracia de anciãos tribais” (Kaufmann, 1989, p. 263). Davi tornou-

se rei de todo o Israel em Hebrom (2 Sm 5,1-5). Ele era efrateu de Belém em Judá, o filho mais novo de Jessé (1 Sm 16,11).

O retorno da Arca da Aliança foi uma grande estratégia política e religiosa. O seu propósito era de unir numa só nação todas as tribos, que até então eram independentes nas suas idéias e atividades.

O primeiro ato de Davi como rei de todo o Israel foi capturar Jebus – Jerusalém.... Em seguida, se arrisca a fazer aquilo que Saul nunca fez: a arca, que permanecera na obscuridade desde a destruição do santuário de Silo, ele a conduz para a nova capital. A cidade de Davi se transformou na morada de Antigo símbolo nacional da aliança de lahweh e da eleição de Israel (Kaufmann, 1989, p.268).

A arca justificava a reorganização do culto sagrado, pois ela era o símbolo da presença de Deus e testemunha da sua aliança para com o povo de Israel. A interpretação do autor dos livros de Samuel sobre a história da religião no período monárquico é que Deus se compraz no culto e na centralização político religiosa em Jerusalém. Ela se transformou em cidade santa e Davi recebeu de Deus a promessa de uma dinastia perpétua.

Sobre a arca têm-se os seguintes dados: estruturalmente, sua composição básica era de madeira de acácia, e tinha forma retangular recoberta com ouro por dentro e por fora, medindo dois côvados e meio de comprimento por um côvado e meio de largura (respectivamente cerca de 1.30 por 0.70 e 0.70 cm) (Ex 25,10). Sobre a arca havia dois querubins, um diante do outro, construídos de modo que suas asas se estendessem sobre o *Kapporet*. As criaturas olhavam para baixo, para a arca. É esse o lugar no qual lahweh encontra Israel e revela as suas ordens (Ex

25,22). Continha ainda as duas tábuas de pedra que se acreditava remontarem ao período mosaico (1 Rs 8,9). Em Hb 9,4, o autor repete uma tradição rabínica segundo a qual a arca continha também um vaso com maná e o bastão de Arão. O nome arca significa “caixa” ou “baú”. O conjunto todo era portátil.

Um utensílio como a arca da aliança parece também ter sido comum entre outros povos nômades da antiguidade. De acordo com a tradição da antiga Arábia e as práticas beduínas modernas, sabe-se que as tribos nômades do deserto costumavam carregar com elas os seus santuários tendas, à maneira de Israel no deserto.

Em fragmentos da história fenícia de Sanchuniáton (650 a.C.), há uma referência a um santuário portátil em época muito anterior, que era transportado por bois. Diodorus, historiador grego do séc. I A. D. fala de uma tenda sagrada armada no centro de uma campo de batalha cartaginês, tendo um altar ao seu lado (Unger, 1998, p.108).

A história de Davi abre um novo ciclo da história salvífica segundo a concepção historiográfica. O primeiro grande ciclo – desde Abrão até Josué – não era definitivo. Se este estava centrado na promessa da terra e da descendência, o novo ciclo tem por epicentro a idéia do Rei Salvador.

A transferência da Arca a Jerusalém une a história de Davi com as antigas tradições religiosas. Não basta, porém, a conexão com o passado. A história salvífica não é estática. Refaz-se continuamente. Os movimentos do espiral não se detém nem se repetem univocamente. Com Davi, inicia-se uma nova etapa (Croatto, s/d, p. 128).

O texto de 2 Samuel 6 liga a história da arca aos acontecimentos da instituição da realeza em Israel.

...A instituição da realeza dá outra fisionomia a Israel. Sua estrutura social acha-se mudada: não mais as tribos autônomas, e sim, o rei, o ponto de referência político e religioso. O rei assume o povo. Por outro lado, ele é o lugar tenente da divindade. Daí ser o pacto de Javé com o povo substituído pelo novo pacto com o rei (Croatto, s/d, p. 130).

O contexto histórico de 2 Samuel é mais amplo e sem pormenores, fazendo parte da Obra Histórica Deuteronomista. O autor procurou informar sobre os acontecimentos, transmitindo a impressão que ficou na memória do povo, bem como a reflexão teológica que o acontecimento suscitou. Exemplo disso pode ser encontrado em 2 Sm 6, 3-8, no qual Uzá morreu ao tocar na arca. A narração do traslado da arca formula um julgamento sobre Davi e Uzá, mas não explica o acontecimento, somente deixa a entender a importância histórica política, e religiosa da arca.

3.4. Análise Sociológica

Nos dois textos de 2 Samuel e 1 Crônicas, o sistema de governo desse período pressuposto no texto, era a monarquia. Antes do surgimento da monarquia, os israelitas se organizavam num sistema tribal. Conforme Mesters,

não era um sistema baseado no relacionamento de sangue e de parentesco, mas era em primeiro lugar um relacionamento econômico social, político e religioso que se diferenciava do sistema da Canaã e

do Egito. Era um tipo de organização fundamentada na solidariedade mútua (1983, p. 22 e 23).

O enfraquecimento do sistema tribal (1Sm 8,1-22) deveu-se à corrupção dos filhos de Samuel, a invasão dos filisteus, os excedentes da produção. Os filisteus eram provavelmente descendentes dos Egípcios da província de Caftor, perto de Tebas (Jr 47; Am 9,7), ou dos cretenses. Por um longo tempo foram inimigos acirrados de Israel e no governo de Davi foram subjugados. Eles foram primitivos moradores de Canaã e estavam estabelecidos na Planície Marítima. A saída que o povo de Israel encontrou para esses desafios foi copiar o modelo dos reis de Canaã (1 Sm 8, 11-18).

No texto de 1 Cr 13,1, Davi, o rei, consulta aos chefes militares, príncipes e convoca o povo, os sacerdotes e levitas. Foi uma decisão típica de uma sociedade já hierarquizada. Reunir-se com os conselheiros e convocar toda a congregação era uma forma das tribos do norte e de Judá reconhecerem o seu governo.

No sistema tribal, o poder se exerce através do princípio da subsidiariedade. Isto é, o que pode ser decidido na base não deve ser levado para uma instância superior. Os “chefes das famílias” tinham autonomia dentro das famílias ou comunidades (Mesters, 1983, p.25).

Os oficiais e comandantes surgiram das famílias mais abastadas.

O acúmulo seria maior em microzonas de maior fertilidade com o solo em declive para o ocidente vinham as chuvas. Este é o contexto no qual surgem como chefes militares os chefes das principais famílias deste povoado (Pixley, 1991, p.23).

O traslado da arca reavivou o espírito e a vida religiosa do povo e contribuiu para a unificação do novo Israel.

É possível que no texto de 2 Samuel o interesse esteja sobre o personagem Davi. Ele era o rei, era quem tomava decisões. Fica evidenciado que ele exerce autoridade sobre o povo que o acompanhava e não obedece às instruções para o transporte da arca (Ex 25,14; Nm 4,15).

O relato não explica a morte de Uzá. E em seguida Davi leva a arca para casa de Obed-Edom.

Nosso autor se interessa pelos indivíduos. Sob sua pena, os acontecimentos se explicam pelos caracteres. Ele não julga ninguém: os atos bastam. Nunca dá lições: a moral jorra do encadeamento dos fatos; a história do pecado e suas conseqüências funestas fala por si mesma (Feuillet, 1967, p. 1967).

A arca não poderia ter sido posta em um carro, nem ser tocada. A lei mosaica declara especificamente que qualquer objeto sagrado deve ser transportado de um modo especial e por um certo grupo de pessoas. (Ex 25,14 e 1 Cr 15,15). Na base dos quatro cantos da arca ficavam afixadas as argolas e dentro delas passavam varas revestidas de ouro para carregá-la, mãos humanas não poderiam tocá-la.

A figura de Deus no texto é austera que age com juízo imediato. A arca é levada para casa de Obed-Edom e a sua presença traz prosperidade. Sendo um levita (1 Cr 26,1-4), Obed-Edom estava autorizado a cuidar da arca.

A presença de bois evidencia que era uma região de agricultura e pecuária, mesmo porque na antiguidade oriental essas atividades constituíam fonte de riqueza e sustento para a população.

Logo a seguir, Davi ficou irado com Deus, porque um homem perdeu a sua vida. É possível que o Cronista quis mostrar Davi ignorando ou não respeitando os procedimentos para o traslado da arca.

Davi, transtornado pelo acontecido, deixa a arca na casa de Obed Edom, significativamente identificado como cidade filistéia de Gat. Se é para a arca trazer destruição, que fique com os filisteus, parece dizer a ação de Davi. Embora este relato não tente explicar a morte de Uzá, em 1 Cr 15,13 Davi atribuiu a cólera do Senhor à ausência dos sacerdotes e levitas (Bowes, 1999, p.263).

Os levitas eram descendentes de Levi, que era o terceiro filho de Jacó (Gn 29,34) e foram escolhidos por Deus para servir no santuário (Nm 3,8; 1 Cr 9, 26-29). Eles preservavam e transmitiam a fé em Deus, seja através do culto, seja da educação.

3.5. Análise Teológica

A narração da história do traslado da arca exprime as condições de vida da época e o propósito de Deus em relação ao povo de Israel. O texto projeta uma luz sobre a realização de Davi no papel de rei-sacerdote que se aproxima do ideal religioso mosaico. Nesse mesmo sentido procura a legitimação religiosa do rei. Durante esse período histórico, os sacerdotes foram os ministros ordinários do culto, mas essa função foi constituída pelos profetas. “O rei exercia um poder notável sobre os sacerdotes, regulando e controlando o exercício das funções cultuais. O

grande poder, que sobrepuja amplamente e de maneira admirável o régio, é o dos profetas” (Ballarini, 1976, p. 118).

Davi procurava levar a arca para Jerusalém. A reflexão que se faz do texto é que Davi tentava construir uma habitação para Deus, o novo templo viria a se constituir o coroamento de toda a atividade do grande rei de Israel. Para o deuteronomista, o templo de Jerusalém era o único santuário legítimo de Israel.

O texto de 2 Samuel não menciona a presença de sacerdotes e levitas. A sua menção em 1 Cr 13 ressalta a importância destes para o correto culto em Jerusalém. O incidente com Uzá insinua que Davi reconhece Deus nos acontecimentos de sua vida, a arca só lhe serviria de auxílio se Deus fosse benevolente com o rei (2Sm 15,25). O rei está submetido a uma concepção primitiva do sagrado, juntamente com toda a casa de Israel; a narrativa reflete a mentalidade religiosa nacional. É Feuillet quem afirma:

Na intenção dos narradores, as origens da realeza ocupam o primeiro lugar e as tradições e lembranças históricas se organizam no seio de uma visão religiosa. O rei é um personagem sagrado, eleito de Deus e instrumento de seus desígnios junto de seu povo. Mas em compensação, a realeza não poderia se subtrair às exigências divinas, nem fazer anteparo diante de Javé, único Deus de Israel (Feuillet, 1967, p. 429).

O retorno da arca para Jerusalém tematicamente é justificado como o único lugar de habitação da arca. Os sacerdotes e levitas procuraram reorganizar a vida religiosa do povo. Eles foram responsáveis pelo contexto legalista e ritual desse período.

O texto de 1 Crônicas indica que a não participação dos levitas no traslado da arca foi a causa última do incidente com Uzá (1Cr 15,13). Sob esse aspecto, o autor ou autores procuraram resguardar a pureza da fé e do culto.

A importância está no significado da arca; a sua presença sustentava a centralização política e religiosa em Jerusalém, retorno ao culto, e a prática do jvismo estatal em Israel. A arca simbolizava a casa de Deus. Ela era o ponto central de adoração.

A motivação de Davi em trazer a arca era religiosa, embora não seja incorreto que podia haver também uma motivação política. A presença da arca em Jerusalém contribuiu para a unificação das tribos do norte com as tribos do sul e estabilizar a centralização.

CONCLUSÃO

Pautada nas imagens de Davi na Bíblia Hebraica, essa dissertação procurou suscitar e comentar as várias imagens que os escritores bíblicos projetaram sobre esse personagem. A Obra Historiográfica Deuteronomista e a Obra Historiográfica Cronista contêm historiografias semelhantes, mas com estilos e objetivos diferentes. O modo de escrever desses escritores reflete sua cultura, seus valores e objetivos, tendo em vista que escreveram a partir de contextos sociais específicos.

Não desprezando o fato de ser cristã e leitora da Bíblia, a opção foi tomar consciência da capacidade das Escrituras em expressar verdades que não ficaram retidas apenas no aspecto teológico.

A Obra Historiográfica Deuteronomista e a Obra Historiográfica Cronista, em princípio, parecem obras comuns e partilhadas, porém logo se percebem acréscimos e versões contraditórias.

A história deuteronomista foi pioneira nas idéias e considerações sobre Davi. Além disso, essa obra pode ser estudada de uma forma integrada, já que ela possui consistência interna e nela encontramos a história da ascensão e a história da sucessão de Davi. A história da ascensão de Davi é uma história dinâmica e progressiva que convida a estabelecer comparações entre as passagens nas quais aparecem versões paralelas. A história da sucessão reflete a evolução do personagem e de sua visão de mundo, seu estilo de vida sofre uma mudança radical.

Na história da ascensão (1 Sm 16-2Sm 7), a imagem de Davi foi descrita como de um homem muito religioso, santo e perfeito. Em contrapartida, na história da sucessão (2 Sm 9-1Rs 2), suas características respondem perfeitamente a de um homem mundano e imperfeito. De qualquer forma, nem por isso ele se torna menos expressivo e mais próximo de uma pessoa real.

Os autores da obra cronista utilizaram a obra deuteronomista como fonte e redigiram uma nova obra, ficando difícil afirmar qual a verdade originária sobre Davi. Essa obra funda-se sobre três bases: o templo, o culto e a descendência davídica. Ela reflete o mundo religioso e social dos sacerdotes no período pós-exílico.

As muitas versões sobre Davi ficaram refletidas nos textos bíblicos. Cada autor ou autores fez uma interpretação desse personagem mais adequada ao seu contexto social, e acabando por gerar uma nova literatura. Em decorrência disso, pode-se afirmar que de um único texto podem surgir outros analisados sob diversos aspectos. Neste momento tem lugar a hermenêutica, ciência da arte de interpretar, definida por Schleiermacher como a arte de compreender em geral e conduzir outros a falar e escrever sobre um assunto, abrindo, dessa forma, novas perspectivas para abordar a Bíblia e a vida em sociedade.

Nessa dissertação começamos com os principais fatos que ocorreram no antigo Israel do tribalismo à monarquia de Davi. O que se vislumbra nos textos em análise é que o povo de Israel teve origem em vários grupos: escravos, mercenários, guerrilheiros, migrantes.

A sociedade tribal ficou caracterizada como patriarcal, de terra comunitária, cujo governo era formado pela primitiva democracia de anciãos tribais, sem negligenciar a fé na realeza de Javé.

Os textos bíblicos apontam como razões principais a opressão dos filisteus e a corrupção dos juízes, os motivos que levaram o povo de Israel a buscar estabilidade política. Outro fator a ser destacado foi o acúmulo de excedentes provenientes da agricultura e da presença do boi.

A instituição da realeza começa com Saul. A partir dele, o exército se torna permanente. O segundo rei de Israel surge como um grande rei, um homem que soube ler os sinais da época. Ele ascendeu de escudeiro ao rei mais aclamado de Israel. Com Davi instala-se uma dinastia. A dinastia de Davi vem acentuada com a ideologia da presença de um único Deus, um único povo e um único templo. Isso significou para o povo de Israel e gerações futuras um alicerce cultural. Um templo – local sagrado; um culto – uma forma (doutrinária) sagrada e no povo uma memória sagrada. Sua imagem repercutiu a gerações futuras e embora exaltado, deve-se destacar que em seu governo houve revoltas e conspirações. Mesmo após sua morte, Davi não desaparece da história. Os judeus acreditaram que o reinado de Davi foi uma idade de ouro.

As opiniões sobre Davi e as projeções das suas imagens são variadas pois dependem do campo e método do pesquisador. Os pontos de encontro e atrito entre os estudiosos encontram-se no processo de análise. As diferenças e convergências

de opinião subsistirão ao longo do tempo, preservando o caráter histórico-mnemônico de Davi.

O valor da história de Davi não pode ser examinado apenas numa perspectiva religiosa e histórica, devendo ser analisada mediante aspectos econômicos, políticos psicológicos e sociais. Sob o reinado de Davi, a história de Israel foi recriada, quer intencionalmente ou não. Desde Davi até a vinda de Jesus Cristo, toda a história de Israel foi traçada em cima de sua historicidade e seu simbolismo.

O povo de Israel viveu os conflitos oriundos da monarquia. Da mesma maneira, os autores bíblicos tentaram justificar ou condenar a monarquia davídica por meio de paliativos. De qualquer modo, sua história atravessou o tempo e, ainda hoje, encontramos escritores contemporâneos fazendo sucessivas interpretações sobre Davi. Sua história às vezes é narrada do começo ao fim. São escritores que se interessam por rastrear sua história e estabelecer uma correspondência minimamente coerente entre os textos bíblicos com claras referências a lugares e personagens. Essas novas perspectivas fornecem confirmações e *insights* sobre Davi, trazendo à discussão outros posicionamentos a respeito de sua história. Assim o fez Alan Massie (2001) ao montar o enredo sobre a fala de Davi com relação ao traslado da arca para Jerusalém, colocando na boca de Davi as seguintes palavras:

Também me parece de bom alvitre realizar um ato no começo de meu reinado que impressionasse todas as tribos com a minha grandeza. Os reis vivem e prosperam conforme a autoridade que têm, tanto quanto o poder que possuem, e autoridade dependem de estima, assim como o poder depende da capacidade de atemorizar (2001, p. 156-157).

Se, de fato, Davi pensou em conquistar, reinar e manter o seu poder, os seus atos se aproximam das atitudes de governantes que encontramos até no tempo presente. Em resumo Davi possuía poder econômico, político, militar, religioso e da

lei em Israel. Nesse sentido, suas ações poderiam colocá-lo como um traidor do tribalismo, mas teria Davi condições de continuar com o antigo sistema frente aos conflitos da época em que viveu? Há estudiosos que informam sobre a historicidade de Davi e que acreditam que seus atos foram registrados para serem memoriais de sua fé em Javé e o fortalecimento da unidade entre as tribos. Segundo Johnson (1995, p. 68), Davi teve preocupações com o bem estar social e com os problemas de sua época.

*Se os israelitas tentassem sobreviver simplesmente como uma comunidade religiosa, sem um estado, eles seriam mais cedo ou mais tarde atacados, dispersados e absorvidos pelos paganismos locais.
... A evidência sugere que Davi para defender seu povo e sua fé, para tornar os dois seguros contra inimigos externos, ele tinha não apenas de criar um reino – um estado, mas de imobilizar os povos que o cercavam. Ele tinha de fundar e consolidar a casa de Davi.*

Não existe uma interpretação pronta e acabada sobre Davi, uma vez que partindo de sua imagem pode ser vista como realidade ou ilusão, objetividade ou subjetividade. A sua historicidade foi resultado de um longo processo de transmissão que mistura aspectos econômicos, políticos e religiosos em Israel. As diferenças de opiniões, muito encontradas em alguns textos bíblicos, referem-se ao grau maior ou menor de aceitação à monarquia.

Nesse sentido, uma das questões cruciais nas imagens de Davi na Obra Historiográfica Deuteronomista e na Obra Historiográfica Cronista é distinguir as diversas tendências nessas obras. A história deuteronomista possui partes em estilo popular e outras partes em estilo palaciano; esse modo de expressão representava as diferentes correntes ideológicas presentes na sociedade judaica. Na história cronista é preciso distinguir os acréscimos e reelaborações. Tanto pelos argumentos

da história cronista quanto pela linha de tradição, presume-se que ela tinha indubitável relação com a classe sacerdotal da época.

Se de um lado a Obra Historiográfica Deuteronomista se aproxima do Davi histórico, de outro sua redação se encontra no período crítico do exílio babilônico. Entre perdas e danos irreparáveis para o povo de Israel, a atenção é centrada, de modo especial, no livro de Deuterônomo, no sentido de que os eventos preditos pelos profetas haviam se cumprido. Isto posto, era preciso voltar aos paradigmas. O característico da história davídica é que ele recebeu as bênçãos por ter sido obediente e aprovado por Javé. De acordo com os textos, ele teve um padrão ideal de comportamento (História da ascensão).

Na história da sucessão, os traços característicos de Davi como rei e como homem de família são mais de um Davi desvinculado e independente de Javé. Suas atitudes variam de contexto para contexto, mas os autores fazem questão de revelar seus erros, sobretudo o castigo por suas atitudes que desagradaram a Javé (2Sm 12, 9-10).

A imagem de Davi na Obra Historiográfica Cronista sofre uma mudança radical. A redação dessa obra aconteceu no final da dominação persa e começo da dominação dos gregos. Durante esse período, as condições de vida do povo de Israel tornaram-se insuportáveis. O grupo formador da obra cronista era favorável à hegemonia de Jerusalém, seu templo e o sacerdócio levítico.

O dado mais significativo da imagem de Davi na Obra Cronista é precisamente a inserção do Davi idealizado. A interpretação da imagem é próxima de um Davi sacro, preocupado com o templo e herdeiro das promessas de Deus. Não encontramos nessa obra quaisquer esforços especiais de aprofundamento dos dados históricos sobre Davi. Ela se limita a uma descrição ou explicação das suas

atividades religiosas, o que já revela uma reinterpretação. A coincidência dessa nova imagem de Davi com o momento histórico do povo judeu é que põe em relevo a expectativa de dias melhores, e que aponta para a figura do Messias que viria da descendência de Davi. Enquanto os autores da Obra Historiográfica Deuteronomista se preocuparam em mostrar a realidade como se lhes apresentava, de modo diferente a Obra Historiográfica Cronista apresentou os fatos historicamente mais embasados, refletindo basicamente os anseios de sua época.

O debate sobre o personagem Davi estará sempre aberto à discussão. Sobre ele encontramos opiniões contrárias e defensáveis com argumentos lógicos e racionais. Nesta dissertação procuramos apresentar as duas coisas.

Para isso é bom lembrar que se procurou mostrar o sentido dos fatos sobre Davi, afinal, para o povo judeu, Davi foi um estruturador da identidade cultural judaica.

Termino este trabalho consciente das lacunas e limitações, mas enriquecida com a pesquisa sobre este fascinante personagem da história de Israel. Este personagem é de fato um amálgama de várias facetas, que convida a constante análise e revisão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000.

A BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON. Tradução João Ferreira. de Almeida. São Paulo:Vida, 1992.

A BÍBLIA SAGRADA VIDA NOVA. Tradução João Ferreira Almeida. São Paulo: Vida Nova, 1995.

BAILÃO, Marcos Paulo. O davidismo camponês. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis/São Leopoldo, n. 44, pp. 29-35, 1994.

BALANCIN, Euclides Martins. *Guia de leitura aos mapas da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1987.

BALLARINI, Teodorico. *Introdução à Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1976.

BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BORN, A. van den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1977.

BOWES, Paula J. *Comentário Bíblico*. São Paulo: Loyola, 1999.

BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 1980.

CAZELLES, Henri. *História Política de Israel*. São Paulo: Paulus, 1986.

CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS. Curso de Bíblia por correspondência. Módulos 1,2,3. São Leopoldo: CEBl, 2001.

- CROATTO, J. Severino. *História da Salvação: A Experiência Religiosa do Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, s/d.
- _____. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. Tradução J. Américo Assis Coutinho. São Paulo: Paulinas, 1981.
- DESLANDES, Suely Ferreira. et al. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIETRICH, Luiz José. et al. *Primeiro Livro de Samuel: pedir um rei foi nosso maior pecado*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. 1999.
- DOBBERAHN, Friedrich. E. Sobre a interpretação histórica: métodos de estudos, em: VOLKMANN, Martin (et. Al). *Método histórico-crítico*. São Paulo: CEDI, 1992. (Série leituras da Bíblia; 4).
- DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. v.1 São Leopoldo/Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1997.
- DREHER, Carlos A. *Livro dos Juízes*. São Leopoldo: CEBI, 3ª Ed., 2000 (Série: A palavra na vida, nº 87).
- _____. *O surgimento da monarquia israelita sob Saul*; São Leopoldo: CEBI, 3ª Ed., 2000 (Série: a palavra na vida, nº 50).
- DREHER, Luis Henrique. *Hermenêutica e Verdade na Obra de Ernst Fuchs*. In: IDEM. *Religião, Verdade e Utopia*. São Leopoldo: 1993, (Série: *Ensaios e Monografias*, n.2).
- DUFOUR, L. Xavier. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Melhoramentos, 1991.
- EPSZTEIN, Léon. *A justiça social no Antigo Oriente Médio e o povo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- FLOR, Luis Gerson. *A fé em Israel a partir da monarquia*. São Leopoldo: IEPG, 2000.
- FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. Tradução Josué Xavier São Paulo: Paulinas, 1982.
- GADAMER, H.G. *Verdade e Método*. 3 ed. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GEISLER, Norman e NIX, William. *Introdução Bíblica*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1997.
- GERSTENBERGER, Erhard S. "Sujeitar a Terra". *Acerca da mitologia do poder. Estudos Teológicos*. São Leopoldo, vol. 33/3, p. 227- 238, 1993.

- GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.
- GOTTWALLD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1988.
- HARRISON, R. K. *Levítico: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo* (Parte 1). Petrópolis: Vozes, 2ª ed., 1998.
- JOHNSON, Paul. *História dos Judeus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- KAUFMANN, Yehezkel. *A religião de Israel*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- KELLER, Werner. *E a Bíblia Tinha Razão...* São Paulo: Melhoramentos, 1997.
- LAMADRID, Antonio González. *As Tradições Históricas de Israel: Introdução à História do Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LAROUSSE. *Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- LYON, David. O cristão e a sociologia. Tradução. Sileda Silva Steuernagel. São Paulo: ABU Editora S/C, 1996.
- MACKENZIE, L. John. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- MASSIE, Allan. *Rei Davi*. Tradução: Flávia Samuda. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- MESTERS, Carlos. *Um Projeto de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- METZGER, Martin. *História de Israel*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- MILES, Jack. *Deus: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MONEY, Netta Kemp. *Geografia histórica do mundo bíblico*. Venda Nova: Vida, 1988.
- NAKANOSE, Shigeyuki. Para entender o livro do Deuteronômio. Uma lei a favor da vida? *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*, Petrópolis, São Leopoldo, n. 23, pp. 177-193, 1996.
- _____. *Uma História para Contar: A Páscoa de Josias*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- OROFINO, Francisco. Assimilar ou resistir? A crise diante de um fato perturbador. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis/São Leopoldo, n.42, pp 37-45, 1994.
- PIXLEY, Jorge. *A História de Israel a partir dos Pobres*. Petrópolis: Vozes, 1991.

- PRICE, RANDALL. *Pedras que clamam*. Tradução: Sérgio Viúla e Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2001.
- REIMER, Haroldo. *Introdução aos Escritos do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1998.
- REIMER, Haroldo e REIMER, Ivoni Richter. *Tempos de graça: o jubileu e as tradições jubilares na Bíblia*. São Leopoldo: CEBI/Sinodal. São Paulo: Paulus, 1999.
- RENDTORFF, Rolf. *A formação do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1979.
- ROBERT, A. e Feuillet A. *Introdução à Bíblia*. São Paulo: Herder, 1967.
- SANTOS, Bento Silva. Davi e Betsabéia (2Sm 11): História de um “amor proibido”. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, São Leopoldo, n. 26, pp. 287-306, 1995.
- SCHLESINGER, Hugo. *Líderes religiosos da humanidade*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- SCHMIDT, Werner. H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- SCHMITT, Flávio. O surgimento da monarquia em Israel. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, São Leopoldo, n. 44, pp.36-46, 1994.
- SCHULTZ, J. Samuel. *A história de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: 1997.
- SCHWANTES, Milton. *Historia de los orígenes de Israel*. Quito: Centro Bíblico Verbo Divino, 1998.
- _____. *História de Israel (local e origens)*. São Leopoldo: Faculdade de Teologia de IECLB, 1984.
- _____. *Teologia do Antigo Testamento*. 1º e 2º Cadernos. São Leopoldo, 1982.
- SELLIN, Ernst. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- SICRE, José Luis. *De Davi ao Messias*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SIQUEIRA, Tércio Machado. Um jeito peculiar de contar e narrar a história. *Em marcha – A Formação do antigo Testamento*. São Paulo: Exodus, pp 7-8, 1996.
- THIEL, Winfried. *A sociedade de Israel na época pré-estatal*. São Leopoldo: Paulinas, 1993.

TREBOLLE, Barrera, Julio. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã*. Tradução de Pe. Ramiro Mincato. Petrópolis: Vozes, 1995.

UNGER, Merrill. *Arqueologia do Velho Testamento*. São Paulo: Batista Regular, 1998.

VOLKMANN, Martin (et al). *Sobre a interpretação histórica: métodos de estudos, Método histórico crítico*. São Paulo: CEDI, 1992. (Série: leituras da Bíblia; 4).

VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*.vol I. São Paulo: ASTE, 1973.

WACH, Joaquim. *Sociologia da Religião*. Tradução: Atílio Cancian. São Paulo: Paulinas, 1990.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulus, 1998.

ANEXOS

Figura 1. David e Golias (1512) – capela Sistina, Vaticano, Roma.

Figura 2. Estátua do “bom pastor”, obra prima dos primeiros tempos do Cristianismo. Começo do séc. IV d C.

Figura 3.

Figura 4. David y Abisay – Basilea, Museo de Arte.

Figura 5. Davi – Escultura Renacentista de Michelangelo.